Gatos e moscas varejeiras: as reformas chinesas vistas de Pyongyang

Francesco Alarico della Scala
Centro de Estudos da Ideia Juche da Itália

2026

Apresentação

Este artigo se debruça sobre um debate do qual se sabe muito pouco e, não raramente, fala-se de maneira muito equivocada, mesmo entre comunistas e pessoas interessadas em política e economia: a forma como a República Popular Democrática da Coreia (RPDC) encarou a questão das reformas econômicas no interior do socialismo. Apresentam-se os fundamentos históricos, teóricos e ideológicos das escolhas adotadas pelo país e demonstra-se por que a experiência coreana constitui uma resposta mais coerente e vantajosa aos desafios da construção socialista.

Desde o início, a RPDC tratou o problema das reformas como uma questão de princípio, diretamente vinculada ao caráter do Estado socialista, à posição dirigente da classe trabalhadora e à finalidade histórica do comunismo. A direção coreana partiu da compreensão de que o socialismo possui leis próprias de funcionamento econômico, fundadas na propriedade social dos meios de produção, no planejamento estatal e na centralidade das massas como sujeitas da economia, entendendo que a introdução de relações mercantis conduz à subordinação da produção a critérios monetários, fomenta diferenciações sociais, enfraquece a coesão ideológica do sistema etc.

Enquanto parte do mundo socialista passou a interpretar as dificuldades do desenvolvimento como resultado de excesso de planejamento e buscou superá-las por meio de reformas orientadas pelo mercado, a RPDC rejeitou reiteradamente esta abordagem tanto na teoria quanto na prática. A partir de uma análise histórica concreta, a direção coreana concluiu que tais reformas representavam concessões totalmente incompatíveis com a natureza do socialismo e conducentes à perda de soberania econômica.

A linha seguida ao longo da história consistiu em preservar o papel dirigente do Estado na economia, fortalecer o sistema de planejamento e subordinar qualquer intercâmbio externo a objetivos nacionais claramente definidos, voltados ao desenvolvimento autônomo das forças produtivas. Zonas econômicas específicas, cooperação técnica e comércio exterior foram tratados como instrumentos auxiliares, rigidamente controlados e integrados a uma estratégia geral regida pelo Estado, sem assumir o papel de motores estruturais da economia socialista.

Esta orientação demonstrou consistência histórica ao permitir que a RPDC atravessasse o colapso do sistema socialista internacional, sanções prolongadas e crises severas mantendo o controle sobre sua economia, preservando direitos sociais fundamentais e evitando a dependência financeira externa. A experiência coreana evidencia que a recusa consciente e sistemática às reformas de mercado não constitui obstáculo ao desenvolvimento, mas condição para que ele se realize de forma soberana, estável e orientada para o futuro comunista.

Traduzido e publicado por Knupp em 22.01.2026 no Drive do Instituto Paektu-Brasil.

SUMÁRIO

1. Introdução.....4

2. “Quando Você Abre a Janela, Contradições Entram”.....5

3. Após Tiananmen: Colocando as Redes Mosquiteiras.....14

4. Kim Jong Il: Melhor Morto do que Reformista.....21

5. A Luta por Mercados Continua nos Anos 2000.....32

6. O Expurgo de Jang: Um Candidato Manchuriano a Menos.....47

7. Inclinando a Balança da História com as Armas Nucleares.....57

8. Epílogo: Anti-Revisionismo no Século XXI.....68

Referências.....79

1. Introdução

Quando Mao Zedong faleceu, em 9 de setembro de 1976, Kim Il Sung escreveu em sua mensagem de condolências ao Comitê Central do PCCh: “Graças à Grande Revolução Cultural Proletária, ao movimento de crítica a Lin Piao e Confúcio e à luta para dar contra-golpes na tentativa desviacionista de direita de reverter os vereditos corretos, que foram pessoalmente iniciados e liderados pelo Camarada Mao Tsé-tung, hoje a ditadura proletária foi ainda mais consolidada e a unidade do povo de todo o país ainda mais fortalecida na China.”[1]

A “tentativa desviacionista de direita de reverter os vereditos corretos” foi a reabilitação política de Deng Xiaoping, que também havia sido iniciada pelo próprio Mao Zedong — que o apresentou a Kim Il Sung, em abril de 1975, como alguém que “sabe como lutar guerras e sabe como lutar contra o revisionismo”[2] — mas foi revertida após o incidente de Tiananmen, em 5 de abril de 1976, e o contraste ideológico emergente entre a “luta de classes como eixo principal” e a a “Teoria do Gato”. Kim Il Sung havia criticado os excessos ultra-esquerdistas da Revolução Cultural e não concordava com a visão maoísta das contradições sob o socialismo, muito menos com a Gangue dos Quatro, que o havia chamado de revisionista no passado, mas seu apoio à última campanha ideológica deles revela que havia captado uma nuance sobre a mudança política que se avizinhava no horizonte.

Quando o grande Líder visitou a China em setembro de 1982, Deng lhe disse: “Em um país tão grande e tão pobre como o nosso, se não tentarmos aumentar a produção, como podemos sobreviver? Como o socialismo é superior, quando nosso povo tem tantas dificuldades em suas vidas? [...] Temos feito a revolução há várias décadas e temos construído o socialismo por mais de três. No entanto, em 1978 o salário médio mensal de nossos trabalhadores ainda era de apenas 45 yuans, e a maioria de nossas áreas rurais ainda estava atolada na pobreza. Isto pode ser chamado de superioridade do socialismo? É por isso que insisti que o foco de nosso trabalho deveria ser rapidamente transferido para o desenvolvimento econômico.”[3]

Desenvolver a economia era uma necessidade muito premente para a China e Kim Il Sung acolheu os esforços para alcançá-la. Assim, no 35º aniversário da fundação da RPC, a revista teórica do Partido do Trabalho da Coreia elogiou as primeiras medidas tomadas pela nova liderança: “Nos últimos anos, o diligente e bravo povo chinês tem consistentemente travado uma luta para reformar o sistema antigo e atrasado e para criar coisas novas. Em particular, o povo chinês tem concentrado grandes esforços no reajuste das estruturas econômicas de todos os campos e tem realizado com sucesso o trabalho de rearranjo, reforma e melhoria das empresas existentes de acordo com a

política do PCCh. Como resultado, grande sucesso foi alcançado em todos os campos da construção econômica socialista."[4]

Ao mesmo tempo, durante os debates coevos sobre métodos de gestão, o grande Líder enfatizou que a economia socialista "progride de acordo com suas próprias leis intrínsecas. Não pode ser gerida por métodos capitalistas nem pode ser operada por um método misto de socialismo e capitalismo. Ela só pode ser administrada pelo método socialista. Introduzir o método capitalista na gestão da economia socialista significa, a longo prazo, transformar o sistema econômico socialista no capitalista."[5]

2. "Quando Você Abre a Janela, Contradições Entram"

Em sua conversa com Erich Honecker, em 31 de maio de 1984, o grande Líder expressou simpatia pelas intenções dos líderes chineses de racionalizar a gestão econômica socialista, mas também alertou sobre o perigo de deixar os capitalistas estrangeiros monopolizarem o mercado chinês:

> *Eu disse aos nossos camaradas soviéticos que acredito que o objetivo de nossos camaradas chineses é colocar o Socialismo na China em ordem... Penso que é importante que a China queira abrir o portão para as nações socialistas no interesse da modernização socialista. Não devemos nos opor a isso. Por que deveríamos deixar o importante mercado chinês para os capitalistas?*
>
> *A velha geração da liderança na China está morrendo. Devemos mostrar à nova geração uma abertura. Se deixarmos a China para os capitalistas, há o risco de que ela se torne uma quase-colônia novamente. Não devemos fechar as portas na cara da China.*
>
> *Por causa de nossa posição — a extensão de nossa fronteira com a China, o confronto com os EUA e o Japão — o que mais tememos é que a China não permaneça com o socialismo. Há 1 bilhão de pessoas na China. Temos que garantir que elas sigam o caminho socialista em vez de algum outro caminho. Temos que nos concentrar em atraí-las para nós.*[6]

É por isso que, na primeira metade da década de 1980, Kim Il Sung usou cada reunião diplomática como uma oportunidade para transmitir mensagens entre as lideranças chinesa e soviética, a fim de ajudá-las a superar a desconfiança e promover a cooperação econômica dentro do mercado socialista em vez de se abrir aos capitalistas americanos.

Em 8 de setembro de 1984, a primeira Lei sobre Joint Venture de Capital foi adotada na RPDC, inspirando-se na experiência chinesa, e empresas da Europa Ocidental, países socialistas e Escandinávia, bem como empresários coreanos no Japão, começaram a investir graças à política

tributária vantajosa. No entanto, com o mercado socialista ainda em vigor, a RPDC não tinha intenção de permitir empresas totalmente estrangeiras ou estabelecer ZEEs na época, como esclareceu Yun Ki Pok, vice-chefe da Comissão de Política Econômica do Comitê Popular Central, a repórteres japoneses: “O governo do Presidente Kim Il Sung não aprovará o estabelecimento de empresas totalmente de propriedade de estrangeiros — disse Yun na reunião. Ele também disse que a Coreia do norte não tem ideia de estabelecer zonas econômicas especiais sendo promovidas pela China, o vizinho comunista a Oeste.”[7]

Kim Il Sung via as joint ventures como um meio auxiliar de desenvolvimento do qual a economia do país nunca deveria se tornar dependente, tendo em mente o caso da Coreia do Sul, que experimentou crescimento rápido nas décadas de 1970-80 através da injeção de capital japonês e americano, mas acabou completamente subjugada por seus credores:

> *Nós nunca traremos capital estrangeiro. Uma economia que é construída com capital estrangeiro está fadada a se tornar uma economia dependente. A independência econômica de um país é tão importante quanto sua independência política. Se um país é subordinado a outro país economicamente, ele também será subjugado politicamente.*
>
> *Nosso país não será como a Coreia do sul, que está sobrecarregada com 50.000 milhões de dólares em dívidas. Não é atraente ver um "alto grau de crescimento" alcançado se tornando endividado a outros países. Não queremos ascender a uma grande altura de uma só vez na construção econômica com a força do capital estrangeiro; vamos subir constantemente, passo a passo, por nossos próprios esforços.*[8]
>
> *Nossa intenção de formar muitas empresas internacionais de joint venture nunca visa introduzir capital estrangeiro, mas adotar técnicas modernas de outros países. Formar empresas internacionais de joint venture, portanto, não é razão para nos tornarmos economicamente subjugados a outros países. No entanto, joint ventures econômicas com países estrangeiros não estão sem nenhum perigo de subjugação econômica. Joint ventures econômicas destinadas a introduzir capital estrangeiro em nosso país levam imediatamente à subjugação econômica e consequente traição ao país. Devemos nos proteger estritamente contra isso ao formar e administrar empresas de joint venture. Nós nunca entraremos em joint ventures como as da Coreia do sul, que introduzem capital estrangeiro.*[9]

Essas palavras vêm de suas respostas à revista japonesa Sekai em 9 de junho de 1985, quando ele primeiro introduziu o tema das joint ventures, e de seus discursos de encerramento na XI Sessão Plenária do VI Comitê Central do PTC de 5-8 de fevereiro de 1986, não deixando dúvidas sobre o papel limitado das joint ventures.

Apesar dos ajustes políticos para aperfeiçoar a estrutura legal das joint ventures e para lidar com o desaparecimento do mercado socialista e com o bloqueio econômico pelos imperialistas, essa orientação básica permanece inalterada. “Também é uma ideia tola tentar introduzir capital estrangeiro como forma de reabilitar a economia. Mesmo em dias árduos como os da reconstrução pós-guerra, não sabíamos o que eram turismo e capital estrangeiro. Nunca devemos olhar para os outros”[10] — disse Kim Jong Il, em 1998, logo após enfrentar as provações da Marcha Árdua. Mesmo hoje, “a Coreia está construindo uma nação poderosa através de métodos diferentes daqueles baseados em ‘reforma’ e ‘abertura’, que dependem da introdução de capital, recursos e tecnologia estrangeiros.”[11]

Durante seu discurso em uma reunião consultiva de altos funcionários encarregados da indústria química em 20 de março de 1987, Kim Il Sung avaliou a política chinesa e vietnamita de "abertura":

> *Atualmente, alguns países estão seguindo uma política de portas abertas, alegando que devem abrir o país para desenvolver a economia. Na verdade, abrir o país não pode ser considerado errado. Também devemos abrir as portas em vez de fechá-la ao ter relações econômicas com países estrangeiros. Não dizemos que abrimos nosso país, mas agora estamos engajados em uma grande quantidade de intercâmbios econômicos e técnicos com países capitalistas. Isto significa abrir o país. Não devemos atrair capital estrangeiro ao acaso ao estabelecer relações econômicas com países capitalistas. Nosso desenvolvimento econômico pode ser um pouco lento se não aceitarmos capital estrangeiro. No entanto, como desenvolvemos a economia com nossos próprios esforços, seremos capazes de estabelecer bases sólidas para a economia nacional independente e desenvolver a economia com segurança, sem sermos afetados por quaisquer convulsões econômicas mundiais.*[12]

O grande Líder entendia perfeitamente a necessidade de alcançar os países capitalistas avançados na competição tecnológica por qualquer meio, enfatizada por Deng, e não se opunha à política de portas abertas como tal. O que ele alertou foi contra a dependência excessiva de investimentos estrangeiros e a dependência da divisão internacional do trabalho que logo passou a afetar as políticas externas chinesas em relação à Coreia e ao resto do mundo. É por isso que ele disse a Sean Garland, em 26 de julho de 1988: “É melhor para os países socialistas desenvolverem tecnologia por conta própria, elevando os níveis de ideologia, cultura e tecnologia de seu povo, do que visitar países capitalistas e beijar os capitalistas para obter nova tecnologia.”[13]

Isso não era fraseologia vazia: “Em termos de desenhos industriais registrados, de acordo com dados da Organização Mundial de Propriedade Intelectual, com sede em Genebra, em meados da década de 1980 a RPDC estava em segundo lugar, abaixo apenas da União Soviética, entre as

nações comunistas e muito à frente de todos os outros Estados socialistas. Grande investimento sustentado nesse campo a colocaria em quarto lugar no mundo após o fim da Guerra Fria em 1990, atrás do Japão, Coreia do Sul e Estados Unidos, mas bem à frente da China ou das nações do Bloco Soviético."[14]

Na década de 1980, a RPDC registrou cerca de 3.000 desenhos industriais por ano, aumentando para mais de 9.000 no final da década — mais do que o dobro em comparação com a China e muito à frente da RDA, apontada como o país tecnologicamente mais avançado da Europa Oriental. Apesar do cerco econômico imperialista e das dificuldades resultantes, nos anos seguintes a revolução tecnológica independente trouxe o CNC, Kwangmyong (rede de Intranet), mísseis balísticos intercontinentais (ICBMs) e ogivas nucleares, drones não-tripulados e inteligência artificial, bem como vários aparelhos industriais adequados às características geográficas do país, sem concessões ao capitalismo.

Além da armadilha da dependência, a expansão de métodos de gestão capitalistas das zonas econômicas especiais para a economia global é o que Kim Il Sung alertou em seu discurso proferido na Reunião Conjunta do Comitê Popular Central e do Conselho de Administração em 14 de dezembro de 1992: "Para desenvolver a economia do país, devemos conduzir comércio, joint ventures e colaboração com outros países. Apesar de tudo, nossos funcionários não devem pensar em administrar a economia de maneira capitalista. Introduzir o método capitalista no campo econômico significa seguir o caminho da ruína."[15]

Falando em uma reunião consultiva com altos funcionários nos setores administrativo e econômico em 5 de janeiro de 1979, quando as reformas na China estavam apenas no início, o grande Líder declarou:

> *Algumas pessoas, agora, estão tentando gerenciar e administrar empresas simplesmente perseguindo lucros, mas o socialismo não pode ser construído dessa maneira. Gerenciar e operar empresas simplesmente para obter lucros não é a maneira socialista de gestão empresarial.*
>
> *Na gestão econômica também, devemos aderir estritamente ao princípio da classe trabalhadora, rejeitando categoricamente o revisionismo. Se gerenciarmos as empresas de forma eficiente implementando o Sistema de Trabalho Taean minuciosamente e aplicando o sistema de contabilidade de custos adequadamente, seremos capazes de aproveitar as vantagens do sistema socialista e construir o socialismo e o comunismo com sucesso.*[16]

O Sistema de Trabalho Taean, criado em dezembro de 1961, reconhece a necessidade de restrição orçamentária (contabilidade de custos), mas coloca a empresa sob a direção coletiva do

comitê partidário responsável por ela, representando os interesses das massas trabalhadoras, e prioriza a mobilização política sobre o motivo do lucro, os estímulos morais sobre os estímulos materiais. Este sistema, adequado à natureza coletivista da sociedade socialista, permitiu que a RPDC mantivesse as mais altas taxas de crescimento de produção industrial no campo socialista, apesar de depender de menos recursos do que outros países.

Em 1956, a China adotou um sistema semelhante de direção partidária sobre a produção. No entanto, como Kim Il Sung observou em um discurso ao Bureau Político do CC do Partido em 19 de novembro de 1985: “Em um certo país socialista, enfraqueceram o papel dos comitês do Partido sob o pretexto de aumentar a autoridade dos gerentes de fábrica. Em consequência, ninguém pode controlar os gerentes que desviam dinheiro público e desperdiçam seu tempo, tornando suas fábricas sem lei. Não devemos de forma alguma permitir que os gerentes mandem em tudo.”[17]

Em 29 de fevereiro de 1980, falando na III reunião da V Sessão Plenária do XI Comitê Central do PCC, Deng Xiaoping pediu a redução do papel dos comitês do partido: "O comitê precisa apenas lidar com assuntos políticos importantes e questões de princípio, enquanto todos os assuntos relacionados à produção e administração devem ser deixados para a gestão geral do diretor."[18] Na década de 1980, primeiro através de uma fase experimental e depois com a nova Lei Empresarial, a direção pelo comitê do partido foi substituída pelo sistema de diretor. O propósito dessa mudança era aumentar a responsabilidade e iniciativa dos gerentes de fábrica, mas seu efeito colateral foi corrupção generalizada e o contrabando. O discurso preocupado proferido por Jiang Zemin em 13 de julho de 1998 dá uma ideia da escala e nocividade do crime econômico na China:

> *Em muitos lugares, o escopo e a escala do contrabando e o dano que ele causa atingiram níveis sem precedentes, e as pessoas estão muito insatisfeitas com a situação. Isto me preocupa muito. O contrabando é um crime grave e também dá origem a corrupção séria, que prejudica gravemente a imagem do país e da nação. [...] No entanto, se o vento maligno do contrabando e da corrupção soprar incessante e se tornar mais feroz com o tempo, isso criará problemas sérios e dará origem a uma grande calamidade social.*
>
> *Atualmente, uma característica conspícua do contrabando é que ele é desenfreado entre pessoas jurídicas, e funcionários do governo conspiram e protegem contrabandistas. É especialmente digno de nota que algumas unidades e membros individuais do exército, da força de polícia armada, órgãos de segurança pública, órgãos de segurança estatal, procuradorias e tribunais estão envolvidos no contrabando, o que torna o problema mais sério e complexo. Muitos desses casos já vieram à tona, e cada um deles é chocante.*
>
> *O contrabando está cada vez mais disseminado, e isto não apenas perturba diretamente a ordem do mercado, prejudica nossas indústrias nacionais e segurança econômica, e causa danos enormes aos interesses do país e do povo, mas envenena a atmosfera social,*

incentiva a corrupção, promove uma tendência ao departamentalismo e descentralismo em algumas localidades e organizações, prejudica as ordens unificadas da direção central e danifica a reputação do Partido e do governo aos olhos do povo. Quando membros do exército e da força de polícia armada participam do contrabando, eles prejudicam seriamente a imagem e a capacidade de combate dessas forças. [...]

Atualmente, há uma prática abominável de funcionários intercedendo em nome de amigos ou parentes em apuros. Assim que os casos vêm à tona e antes de serem investigados, todo tipo de pessoas tenta interferir, incluindo quadros em agências de aplicação da lei de alto nível. Que favores eles estão buscando? Por que tipo de pessoas eles estão intercedendo? Se as coisas continuarem assim, o que restará da disciplina do Partido e da lei do Estado? [...] O contrabando e a corrupção na sociedade já corroeram os órgãos vitais de nossa ditadura democrática popular.[19]

Apesar de repetidas repressões por Deng Xiaoping, Jiang Zemin e Hu Jintao, as raízes da corrupção começaram a ser cortadas apenas sob Xi Jinping, que reinstaurou o papel de supervisão dos comitês do Partido sobre as empresas.

O processo de reforma na década de 1980 foi tão longe a ponto de privatizar a assistência médica, como Kim Il Sung comentou em seu discurso de encerramento na XIII Sessão Plenária do VI Comitê Central do PTC (7-11 de março de 1988): "Dizem que em um certo país, com a introdução de tratamento médico pago, a qualidade do serviço por parte do pessoal médico melhorou; é um erro tentar resolver problemas com dinheiro."[20] O dinheiro privado levou a alguma melhoria do serviço médico em áreas urbanas, mas deixou os residentes rurais quase completamente desamparados; a assistência médica chinesa recuperou seu nível anterior de cobertura apenas com intervenção estatal após 2003-04, uma vez que o serviço médico privado falhou em lidar com a epidemia de SARS.

Grandes passos foram dados na agricultura, onde as comunas populares foram desmanteladas e substituídas pelo sistema de responsabilidade familiar, baseado no empréstimo de terras socialistas a famílias individuais. Enquanto conversava com uma delegação do Partido Comunista dos EUA em 24 de junho de 1988, numa época em que esse sistema estava sendo copiado pela União Soviética, Kim Il Sung o contrastou com seu firme compromisso com a agricultura coletivizada socialista: "Dizem que alguns países socialistas estão efetuando um sistema de responsabilidade individual pela produção ou um sistema de trabalho por peça doméstica em áreas rurais. Entretanto, não estamos fazendo isto. Estamos consolidando e desenvolvendo constantemente uma economia cooperativa socialista de acordo com a política estabelecida nas Teses sobre a Questão Rural Socialista em Nosso País."[21]

Como os repórteres do Choson Sinbo descobriram ao visitar a Fazenda Cooperativa Rihyo no Distrito de Sadong (Cidade de Pyongyang), a propriedade coletiva nem sequer foi questionada em meio à escassez de alimentos na década de 1990, quando um "sistema de pequenas unidades" foi temporariamente autorizado para simplificar a organização do trabalho agrícola:

> *O aspecto atraente do novo sistema de unidades é sua composição baseada em famílias e parentes. Isso economiza significativamente tempo para reuniões e fortalece a unidade de uma unidade.*
>
> *Espera-se que os membros de uma unidade sejam de sete a oito pessoas.* ***No entanto, os agricultores podem ampliar o tamanho para 14-18 por decisão própria. Como resultado, uma unidade é geralmente gerenciada por várias famílias.*** *O mesmo se aplica a outras fazendas.*[22]

As raízes do socialismo fincadas na sociedade da RPDC são tão profundas que a fome falhou em abalá-las. Mas como estavam as coisas na China? Ao usar perífrase diplomática para não chamar a China pelo nome e criticar aspectos individuais das políticas chinesas em seus discursos públicos, Kim Il Sung expressou perplexidades mais fortes sobre as mudanças de classe implicadas pelas reformas em conversas confidenciais com Todor Zhivkov. O líder búlgaro relatou ao seu Politburo em 19 de junho de 1985:

> *Então, eu lhe disse em particular que gostaria de continuar nossa conversa sobre a China. Eu perguntei a ele: "Qual é sua avaliação da situação atual na China?" O que ele disse? Foi o seguinte: "Estou preocupado com vários fatos:*
>
> *Primeiro, eles estão abertos ao capitalismo e estão se movendo em direção a países capitalistas, dão-lhes territórios, zonas livres. Os resultados econômicos ainda são implícitos; no entanto, os resultados ideológicos são tangíveis na China.*
>
> *Segundo, eles dividiram a terra nas aldeias entre proprietários privados e o capitalismo está a caminho lá, burguesia.* ***Pequenas fábricas nas cidades também foram dadas a proprietários privados, o que facilita o nascimento da burguesia, de capitalistas****.*
>
> *Terceiro, o destino dos velhos quadros, quadros provados. Alguns deles foram liquidados, expulsos pelo Partido, reprimidos durante a Revolução Cultural. Mas, para aqueles que ficaram, estão criando comunidades e de fato os estão afastando do trabalho ativo do Partido, como fizeram no Comitê Central — eles organizaram os velhos quadros em comunidades."*

> *Eu perguntei quem era o primeiro líder. Ele respondeu sem hesitar: "Este é Deng Xiaoping." Ele conversou com algumas das pessoas. Eles disseram:* ***"É difícil ser um comunista na China agora."***
>
> *Toda essa situação é de grande preocupação para ele. A propósito, isso explica a virada nas relações com a União Soviética e outros países socialistas.*[23]

As contradições de classe emergentes na sociedade chinesa convergiram no problema crucial dos preços. Em 19 de novembro de 1985, Kim Il Sung observou ao seu Bureau Político: "O socialismo e o comunismo não podem ser construídos com sucesso se cobrarmos taxas de educação, taxas de serviço médico, restaurarmos o sistema tributário e introduzirmos um sistema pelo qual o arroz é vendido a preços de mercado, imitando o exemplo de outro país, com o propósito de aumentar o estímulo material."[24] O país em questão era a China, que relaxou o controle estatal sobre os preços de varejo de bens de consumo que, nos países socialistas, são normalmente mantidos baixos para fornecer ao povo uma subsistência estável.

Por sua parte, a RPDC implementou um sistema de preços de mercado para grãos alimentícios de 2002 a 2010, a fim de reabastecer os cofres do Estado após as perdas catastróficas incorridas durante a Marcha Árdua. O professor Ri Tong Ku, do Departamento Nacional de Planejamento Econômico da Faculdade de Economia da Universidade Kim Il Sung, descreveu isso como um afastamento temporário das práticas padrão de precificação socialista:

> *[...] algumas realidades, que são difíceis para os alunos explicarem com as teorias do passado, desenvolveram-se desde que as medidas foram tomadas, em 1º de julho de 2002. Por exemplo, os preços das mercadorias eram basicamente congelados de acordo com a política do Estado no passado, mas agora os preços são sistematicamente regulados de acordo com "oferta e demanda".*
>
> *"Este é, precisamente, o requisito geral nas relações entre mercadorias e moeda, e, agora, por que este não era o caso no passado deve ser adequadamente explicado aos alunos. Tendo em vista a posição de que o Estado deve assumir a responsabilidade pela vida do povo, os preços das mercadorias devem ser congelados, se não houver mudanças no custo de vida do povo. Isto é verdade. As aulas são dadas na direção de fazer os alunos entenderem o fato de que, sob o socialismo, o Estado regula sistematicamente os preços das mercadorias, enquanto os preços mudam espontaneamente sob o capitalismo."*[25]

A liderança chinesa, em vez disso, avançou com a liberalização de preços. Deng Xiaoping explicou a lógica por trás dessa medida em sua conversa com o Marechal O Jin U em 19 de maio de 1988: "O problema dos preços permaneceu sem solução por muitos anos, durante os quais o Estado estabeleceu todos os preços. Por exemplo, por muito tempo os preços de compra de grãos e

alimentos não-básicos eram muito baixos. Embora os tenhamos aumentado várias vezes nos últimos anos, eles ainda eram muito baixos. Nas cidades, no entanto, não podíamos aumentar os preços de venda além de um certo ponto. Isto levou a uma disparidade entre os preços de compra e venda, então o Estado teve de compensar a diferença. Isto é contrário à lei do valor. Por um lado, não podemos despertar o entusiasmo dos camponeses pela produção, e por outro lado, o Estado se carrega de um pesado fardo — ou seja, todo ano deve usar dezenas de bilhões de yuans para subsídios."[26]

Em 13 de novembro de 1984, quando os debates na China ainda estavam em andamento e um sistema de preços de via dupla estava sendo aplicado, Kim Il Sung alertou funcionários do governo contra a prática de "otimizar" a lei do valor sob o socialismo: “Se você levar em conta apenas a lei do valor e calcular apenas em termos de dinheiro, não poderá aplicar políticas comunistas como a assistência médica gratuita e a educação gratuita. Ao avaliar preços padrão e básicos, portanto, você não deve considerar apenas o dinheiro, como os capitalistas fazem; você deve levar em conta seu efeito no nível de vida do povo.”[27] Uma abordagem sistêmica, em vez de cálculo monetário, era necessária.

O próprio Deng Xiaoping mencionou "uma corrida de compras de pânico" e "muitas reclamações" quando os controles de preços sobre alimentos não-básicos foram suspensos, mas, provavelmente, ele não poderia imaginar o que iria acontecer quando a reforma abrangente de preços e salários foi anunciada em agosto de 1988:

> *Compras de pânico, corridas bancárias e protestos de trabalhadores imediatamente começaram a se espalhar das grandes cidades para todo o país. O aumento da renda na década de 1980 havia resultado em aumento de poupança. As pessoas agora correram para sacar seu dinheiro e trocá-lo por quaisquer bens duráveis que pudessem obter, culminando em distúrbios em alguns lugares.*
>
> *Pela primeira vez desde 1978, a taxa de poupança caiu na China. Anteriormente, itens específicos para os quais um ajuste de preço ou liberalização havia sido anunciado haviam se tornado objeto de acumulação. Mas, no verão de 1988, a permutabilidade geral do dinheiro era incerta, e todo tipo de bens duráveis foram arrebatados, independentemente de sua utilidade imediata, marca ou qualidade. Por exemplo, em Kunming, apelidada de “cidade da primavera” devido ao seu clima ameno durante todo o ano, as pessoas começaram a acumular ares-condicionados. Quanto mais os preços subiam, mais as pessoas corriam para comprar o que pudessem obter. Compras de pânico, por sua vez, alimentaram aumentos de preços.*
>
> *A China espiralizou para uma inflação acelerada pela primeira vez desde a revolução. O índice total de preços no varejo, que inclui bens de consumo, serviços e bens de produção,*

disparou de 12% em julho para 23% em agosto de 1988, atingindo o pico em torno de 28% em abril de 1989. Em 1988, o crescimento no índice de preços ao consumidor ultrapassou o crescimento no PIB real — uma ocorrência sem precedentes na primeira década de reforma da China. [...

Quando o impulso em direção à reforma radical de preços abalou a estabilidade política e social, o governo reverteu o programa, pediu a recentralização do poder, reintroduziu controles de preços sobre mercadorias importantes e impôs uma política estrita de restrição para recuperar o controle.[28]

Embora os controles de preços tenham sido reinstaurados, a agitação social causada pela inflação descontrolada no outono de 1988 foi um fator-chave — junto com a influência ocidental e tendências liberais dentro do Partido — por trás da revolta contrarrevolucionária que eclodiu no verão seguinte.

3. Após Tiananmen: Colocando as Redes Mosquiteiras

Quando a agitação aumentou nas ruas de Pequim, a XVI Sessão Plenária do VI Comitê Central do PTC estava em andamento em Pyongyang (7-9 de junho de 1989). No discurso de conclusão, Kim Il Sung disse:

Os imperialistas estão agora nos caluniando, dizendo que não seguimos uma política de portas abertas, mas não estamos mantendo nossas portas fechadas. Temos desenvolvido cooperação econômica e técnica com vários países e temos joint ventures com outros países. A questão aqui é como as portas são abertas. A abertura indiscriminada não é boa. ***A abertura descuidada pode permitir que mosquitos e moscas varejeiras entrem e causem danos****. Devemos conduzir intercâmbios e joint ventures com outros países, mas devemos armar redes mosquiteiras para evitar que esses insetos se infiltrem.*[29]

De acordo com as lembranças de Andy Brooks, um membro da delegação do Novo Partido Comunista da Grã-Bretanha que conheceu Kim Il Sung em 1990, o grande Líder esclareceu que "a China abriu as portas, mas esqueceu de colocar a rede mosquiteira". Esta visão é confirmada por um relatório de Mieczysław Dedo, o embaixador polonês em Pyongyang, sobre a atitude da RPDC em relação à crise na China:

A liderança local, enquanto ainda mantém sob sigilo da sociedade os eventos na China, oferece aos membros do aparato central do Partido a seguinte interpretação:

• eles são resultado da falta da "unidade monolítica" entre os líderes chineses, do "reformismo e liberalismo degenerado";

• nasceram da ausência de um "líder" carismático e de uma ideia provada e válida. Neste contexto, a direção chinesa é criticada por ignorar os "conselhos sábios e advertências" dados a eles por Kim Il Sung, e, assim, eles geram a ameaça de um golpe militar na China. No entanto, acredita-se que, "limpa da influência da ideologia burguesa, a nova direção chinesa lidará com a 'ameaça contrarrevolucionária'".[30]

A primeira declaração pública da RPDC sobre o incidente de Tiananmen apareceu em um artigo do Rodong Sinmun pelo 68º aniversário da fundação do Partido Comunista da China em 1º de julho de 1989: "O povo chinês, sob sua direção (PCCh), esmagou com sucesso a recente turbulência contrarrevolucionária e agora está registrando sucessos nos esforços para construir uma China socialista moderna, mantendo os Quatro Princípios Cardeais e desenvolvendo a reforma e abertura ao mundo exterior em profundidade."[31]

Menos de uma semana depois, Kim Il Sung visitou a delegação chinesa no XIII Festival Mundial da Juventude e Estudantes, então em andamento em Pyongyang, para expressar pessoalmente seu apoio:

O líder coreano Kim Il Sung disse, quinta-feira, que apoia todas as medidas tomadas pelo partido e governo chineses para reprimir a recente rebelião antirrevolucionária em Pequim.

Kim, secretário-geral do Comitê Central do Partido do Trabalho da Coreia, fez essa observação quando se reuniu com a delegação juvenil chinesa participante do XIII Festival Mundial da Juventude.

Kim disse que a China é um apoiador da República Popular Democrática da Coreia, a estabilidade da RPDC depende da estabilidade da China. "Apoiamos todas as medidas que o partido e o governo chineses tomaram recentemente" — disse Kim.

O presidente desejou ao povo chinês grande sucesso na construção da China socialista sob a direção do Comitê Central do Partido Comunista da China encabeçado pelo recém-eleito Secretário-Geral Jiang Zemin, defendendo a política de abertura e reforma com base nos Quatro Princípios Cardeais.

Kim também disse que ficou muito feliz que a delegação jovem chinesa veio a Pyongyang para participar do festival a convite da União da Juventude Trabalhadora Socialista da Coreia. O movimento — disse Kim — fortalecerá a amizade e unidade entre os dois povos e a juventude.

Kim disse que acreditava que a amizade cimentada pelo sangue entre os povos da Coreia e da China será ainda mais desenvolvida pelas gerações.[32]

Estando sob fogo da mídia e dos governos imperialistas pela repressão da contrarevolução, a China estava incerta sobre participar do Festival da Juventude. Kim Il Sung convenceu os líderes chineses a enviar uma delegação e a protegeu contra tentativas de provocações por organizações juvenis revisionistas ocidentais, como ele mais tarde recordou em 5 de outubro de 1990:

> *Representantes de alguns países da Europa Ocidental tramaram uma conspiração para realizar uma demonstração contra a China e até elaboraram vários planos para frustrar o festival. Até então, nenhuma delegação de jovens e estudantes chineses havia participado do Festival Mundial da Juventude e Estudantes, mas nós os convidamos. Nós dissemos a eles: "O Festival Mundial da Juventude e Estudantes será realizado em seu país vizinho. Seria certo se jovens e estudantes chineses não participassem dele?" Foi assim que a delegação de jovens e estudantes chineses veio ao nosso país. Foi imediatamente após o incidente de Tiananmen em Pequim, então os representantes de jovens e estudantes de alguns países da Europa Ocidental tramaram uma conspiração para realizar uma demonstração contra a China. Embora algumas pessoas tenham vindo ao nosso país para frustrar o festival, subornadas por dólares americanos, falharam em fazer seus atos malignos, movidas pelo poder unido de nosso povo.*[33]

Esta "conspiração" foi tramada pela Federação da Juventude Comunista Italiana (FGCI), então sob completa degeneração revisionista, liderada por Gianni Cuperlo. "Uma grande delegação de ocidentais, mais de 150 italianos sozinhos, chega a Pyongyang com a firme intenção de não permanecer em silêncio sobre o massacre chinês [sic]. 'Meu coração em Tiananmen': quando a delegação chinesa passa no grande desfile no estádio, centenas de jovens europeus usam uma braçadeira branca com escrita vermelha. Todo o inferno se solta. Agentes norte-coreanos aparecem de todos os lugares e nas arquibancadas somos atacados sem reservas"[34], relata um jornalista envolvido.

A provocação foi prontamente frustrada e outras ações hostis pela delegação dinamarquesa, que pediu à Anistia Internacional que tomasse medidas contra a Coreia e a China, foram habilmente frustradas pelos organizadores do festival: "Por exemplo, pouco antes de uma reunião de solidariedade entre estudantes nórdicos e chineses ser agendada para ocorrer no Clube Escandinavo, todos os motoristas responsáveis por transportar estudantes para o evento inexplicavelmente ficaram doentes. Enquanto isso, milhares de norte-coreanos se envolveram em danças folclóricas fora da sala onde a reunião deveria ocorrer, em uma tentativa óbvia de interromper qualquer conversa que pudesse ocorrer."[35]

Ernst Ng, um provocador de Hong Kong à espreita na Associação de Estudantes Asiáticos no Festival, registra que "em particular os delegados da Suécia, Finlândia, Noruega, Dinamarca e

Itália" apoiaram suas atividades de sabotagem, mas os esforços para estabelecer uma plataforma anti-China na V reunião do Comitê Preparatório Internacional, em 28–29 de junho, falharam: "Houve uma longa discussão sobre esta questão. Alguns delegados propuseram que o Comitê Preparatório deveria incluir programas especiais para esta questão. Além disso, alguns propuseram que o festival deveria tomar uma posição para condenar o governo chinês por sua violação dos direitos humanos ao reprimir o movimento estudantil pacífico. No entanto, alguns delegados de alguns países não estavam a favor dessas propostas. Foi bastante insatisfatório que o Comitê Preparatório dissolvesse a reunião sem adotar qualquer proposta."[36]

Kim Il Sung reiterou sua posição na mensagem pelo 40º aniversário da fundação da RPCh, em 30 de setembro de 1989: "O povo coreano se alegra sinceramente com o fato de que o fraterno povo chinês registrou enormes conquistas na revolução e construção socialistas, sufocou a tempo o motim contrarrevolucionário recente, e está desenvolvendo uma fase política de estabilidade e unidade."[37] O grande Líder se alegrou com a purga de elementos liberais como Zhao Ziyang e a interrupção das piores políticas inflacionárias. Acima de tudo, como ele recordou em junho de 1991, a China escapou do destino dos países do Leste Europeu onde o regime socialista foi derrubado:

> *Os países que ainda se mantêm firmes à bandeira do socialismo são China, Cuba e o nosso. Os Estados Unidos arruinaram os países socialistas do Leste Europeu com a estratégia de "transição pacífica". Uma vez tentou fazer isso com a China, mas esta tomou uma contramedida decisiva e agora não ousa provocá-la.*[38]

No entanto, no mesmo período, o aprofundamento do processo de reforma e abertura na China começou a afetar negativamente a economia da RPDC. Kim Il Sung apontou os novos desafios em uma reunião consultiva de funcionários do Partido, do Estado e da economia entre 23-26 de novembro de 1991: "Com o colapso do socialismo e o renascimento do capitalismo na União Soviética e nos países do Leste Europeu que construíam o socialismo, o mercado socialista deixou de existir. Estes países estão, agora, adotando a economia de mercado capitalista e conduzindo seu comércio exterior por métodos capitalistas. Alguns outros países continuam a avançar ao longo do caminho socialista, mas adotaram o modo capitalista de comércio exterior. Eles solicitam que nosso país liquide contas comerciais em dólares."[39]

Essas observações diferenciam cuidadosamente a China e o Vietnã, ainda vistos como países socialistas, dos países do Leste Europeu onde o capitalismo havia sido totalmente restaurado, mas observam sua adesão comum aos métodos capitalistas de comércio exterior. O mercado socialista operava com preços que eram cerca de um terço dos do mercado capitalista e oferecia empréstimos a taxas de juros baixas aos países em desenvolvimento, a fim de protegê-los de "troca desigual" e

outras práticas exploratórias de países industrializados. O PIB per capita da Coreia Popular atingiu o pico de 2.580$ em 1989, mas, calculado com preços de mercado capitalista, encolheu para 911$ no mesmo ano[40], bem antes da crise real.

A mudança não foi imediatamente sentida na vida cotidiana das pessoas, que continuaram se beneficiando da "revolução da indústria leve" e receberam um aumento salarial médio de 43,4% em março de 1992, mas significou uma redução acentuada da capacidade do país de comprar petróleo, coque de carbono e outras matérias-primas do exterior. Como resultado, a produção industrial durante o Terceiro Plano Quinquenal (1987-93) cresceu a "apenas" 5,6% ao ano, uma taxa impressionante para países capitalistas hoje, mas abaixo da meta planejada. A necessidade urgente de moeda forte estava por trás da decisão de estabelecer a Zona Econômica e Comercial Livre de Rajin-Sonbong no final de 1991.

Contra todas essas probabilidades, Kim Il Sung divulgou sua declaração mais favorável sobre a China durante uma entrevista de jornalistas do Washington Times em 12 de abril de 1992:

> ***Pergunta**: Geralmente, há uma tendência de considerar a China como um modelo de desenvolvimento econômico socialista. Além disso, pelo que sei, os líderes de sua República inspecionaram uma Zona Econômica Especial na China. Poderia, sr. Presidente, dizer-me sua opinião sobre o modelo chinês de abertura econômica e que influência isto tem sobre o desenvolvimento econômico, a política de portas abertas, da Coreia do norte?*
>
> ***Resposta**: A China é nossa vizinha próxima e um país de veteranos camaradas de armas nossos. Nosso povo e o fraterno povo chinês derramaram seu sangue juntos no passado em sua luta comum contra o imperialismo e agora estão se apoiando ativamente e cooperando estreitamente um com o outro em sua luta para construir o socialismo.*
>
> *Desejamos sinceramente que tudo corra bem na China. Estamos muito satisfeitos com o grande sucesso que o fraterno povo chinês, sob a direção do Partido Comunista da China, alcançou nos últimos anos na construção do socialismo.*
>
> *No que diz respeito ao método específico de construir o socialismo, é impossível tomar o método de um país como um exemplo imutável porque há diferenças no tamanho dos países e no nível de seu desenvolvimento, e também porque a situação difere de país para país. Cada país deve buscar uma maneira de construir o socialismo que se adapte à sua própria situação. Apoiamos ativamente a política de construção econômica da China, considerando-a adequada à sua situação.*[41]

Estas palavras refletem o princípio do PTC de que cada partido e povo conhece melhor sua situação real e tem o direito de perseguir suas próprias políticas para avançar em direção ao

socialismo; esta é a ideia por trás da “cortesia diplomática” de evitar críticas públicas às linhas de outros países.

Mas isso não é tudo: a referência a “diferenças no tamanho dos países e no nível de seu desenvolvimento” revela como o Líder entendeu que 1) as reformas foram economicamente bem-sucedidas porque a China era um país agrícola atrasado com uma grande reserva de força de trabalho para explorar, ao contrário de um país já industrializado como a RPDC; e 2) com seus vastos espaços e recursos naturais e humanos inesgotáveis, a China poderia suportar uma série de contradições, contratempos e concessões ao capitalismo que seriam mortais para a pequena Coreia, colocada na vanguarda da luta contra os imperialistas dos EUA e seus fantoches.

Três dias após a entrevista, enquanto Kim Il Sung estava celebrando seu 80º aniversário, o presidente Yang Shangkun o informou de que a China estava considerando o estabelecimento de relações diplomáticas com a Coreia do Sul, com quem eles vinham negociando há vários anos. Os líderes chineses haviam repetidamente prometido não dar tal passo na década passada, mas sua política externa "aberta" agora priorizava interesses comerciais sobre o internacionalismo proletário. O Ministro das Relações Exteriores Qian Qichen voou para Pyongyang em julho de 1992 para transmitir a Kim Il Sung a decisão de reconhecer oficialmente a República da Coreia (RC) fantoche:

> *Em minhas visitas anteriores à RPDC, haveria muitas pessoas alinhadas no aeroporto para dar uma recepção calorosa. Desta vez, o avião pousou em uma área tranquila do aeroporto, e o Ministro das Relações Exteriores, Kim Yong Nam, era a única pessoa lá para nos receber. Apertamos as mãos e dissemos algumas palavras de saudação. Kim me disse que iríamos para outra cidade, de helicóptero.*
>
> *Havia uma pequena mesa na cabine. Kim e eu sentamos frente a frente enquanto os outros se sentaram em dois lados. Era um dia quente de verão, e a cabine era como uma grande sauna. Em pouco tempo, o helicóptero pousou perto de um lago. Alguém na delegação chinesa me disse que o Presidente Kim tinha vilas neste lago e geralmente passava o verão lá. Nós desembarcamos do helicóptero e fomos levados a uma vila para descansar.*
>
> *Por volta das onze da manhã, o Presidente Kim nos encontrou em outra vila. Ele estava à porta da sala de reuniões para cumprimentar e apertar as mãos de todos. Então nos sentamos em cada lado de uma grande mesa. [...]*
>
> *O Presidente Kim pensou por um momento antes de dizer que havia captado cada palavra de minha mensagem. “Entendemos a política externa independente da China” — disse ele. “Continuaremos com nossos esforços para promover nossas relações amistosas com a China. Podemos superar todas as dificuldades e perseverar em manter e construir o*

socialismo." Ele, então, pediu-me para dar seus cumprimentos a Deng Xiaoping e outros líderes chineses quando eu retornasse a Pequim.

O Presidente Kim deu, então, uma olhada no presente que tínhamos trazido para ele — uma escultura de jade de nove dragões brincando com uma bola e algumas lichias frescas — e se despediu de seus convidados.

Em minha memória, esta reunião foi a mais curta de todas as reuniões que o Presidente Kim Il Sung teve com uma delegação chinesa. Após a reunião, a RPDC não deu um banquete em nossa honra, ao contrário do que sempre havia feito no passado.[42]

A reação calma, mas fria, do grande Líder espelhou a rachadura aberta na aliança entre os dois países. "A China e a RPDC têm um relacionamento especial. Mas isto não se reflete na aparência. Temos laços fraternos próximos, mas não somos aliados"[43] — Deng Xiaoping havia lhe dito durante sua visita a Pequim em 5 de outubro de 1991. Assim, embora não criticasse abertamente a China como fez com a URSS, Pyongyang basicamente parou de coordenar sua política externa com os interesses da China e se concentrou em seu objetivo de defender o socialismo com unhas e dentes.

Ao estabelecer laços oficiais com os fantoches sul-coreanos, a China também lhes deu carta branca na Prefeitura de Yanbian da Província de Jilin, na fronteira com a RPDC, onde o povo coreano vive. Kim Il Sung denunciou suas atividades durante seu discurso em uma reunião plenária ampliada do Comitê Provincial do Partido de Hamgyong do Norte, em 4 de setembro de 1992:

A província deve prestar atenção especial ao trabalho de educação ideológica entre os membros do Partido e as massas trabalhadoras na província em conexão com o esquema dos fantoches sul-coreanos de soprar o vento da "liberalização" em nossa região através da área de Yanbian na China. Os fantoches sul-coreanos estão, agora, tentando se infiltrar na Região Autônoma Coreana de Yanbian e soprar o vento da "liberalização" entre os habitantes coreanos e, depois, atraí-los para desmoralizar o povo da província de Hamgyong do Norte. Encontrei um velho revolucionário e seus filhos que estavam visitando nosso país de Yanji, China. Ele disse que os fantoches sul-coreanos estavam fazendo de tudo para desmoralizar os residentes coreanos na China. A província de Hamgyong do Norte deve sempre lembrar que as áreas fronteiriças podem ser afetadas por ideias capitalistas corruptas. Portanto, deve prestar atenção primária ao fortalecimento da revolução ideológica. (...)

Individualismo e egoísmo na sociedade socialista são como vírus que geram capitalismo. A reprodução do individualismo e do egoísmo ressuscitará o capitalismo. ***Em alguns países, as pessoas estão, agora, sendo infectadas com egoísmo e degenerando em escravos do dinheiro. Até professores vão ao mercado para ganhar dinheiro depois da***

> ***escola.*** *Nossos funcionários que estiveram em países estrangeiros dizem unanimemente que nosso país é o melhor e as políticas do nosso Partido são absolutamente corretas. Se um homem aprecia o gosto do dinheiro, ele não pode nem demonstrar o espírito revolucionário nem permanecer leal à obrigação revolucionária e acabará vendendo seu país. As organizações do Partido devem, portanto, educar o povo adequadamente para evitar que sejam infectados com individualismo e egoísmo.*[44]

Não é difícil identificar a China entre "alguns países". Da mesma forma, é fácil obter a seguinte referência no terceiro volume de "No Transcurso do Século", publicado em 1993: "Os revisionistas, que são viciados em extremo egoísmo e hedonismo, não estão cuidando da geração mais jovem; estão os desarmando espiritualmente e expondo-os a todos os tipos de males sociais. Se os adolescentes lamuriarem e lamentarem o caos da realidade e guardarem rancor de seus pais, pessoas no poder e do mundo em geral, então a revolução daquele país não tem futuro ou suas perspectivas são, na melhor das hipóteses, sombrias."[45]

A influência ocidental, aparentemente, não era o único problema com os "garotos de Tiananmen". No entanto, Kim Il Sung concluiu suas reflexões sobre a China com um vislumbre de esperança para o futuro ao conhecer os parentes de Chai Shi-rong, um velho camarada de armas chinês dele durante a luta anti-japonesa, em maio de 1994:

> *Você, Chai Guo-zhang, deve defender o Partido Comunista da China e permanecer fiel à revolução chinesa como seu pai fez. Como mostra o título de uma canção chinesa "Sem Partido Comunista, Sem Nova China", deve haver o Partido Comunista para a revolução chinesa; como os revolucionários veteranos da China são todos velhos, os jovens devem sucedê-los, continuando a revolução e defendendo o socialismo. Então o povo chinês estará bem. [...]*
>
> *Defenderemos o socialismo até o fim, aconteça o que acontecer. Como diz uma de nossas canções, "defender o socialismo significa vitória e abandoná-lo significa morte". Espero que você, Chai Guo-zhang, suceda a seu pai, um excelente socialista, e contribua ativamente para defender o socialismo na China. E por favor cuide bem de sua mãe.*[46]

4. Kim Jong Il: Melhor Morto do que Reformista

Em 17 de fevereiro de 1993, os altos funcionários do PTC foram informados: "Provas sérias nos aguardam. A situação de hoje pode ser comparada àquela dos dias em que a antiga União Soviética estava construindo o socialismo no cerco dos imperialistas após a vitória da Revolução de Outubro."[47]

Esta comparação por Kim Jong Il implicava que o poderoso vizinho chinês não era mais visto como um “apoiador” da Coreia, como Kim Il Sung o definiu em julho de 1989, e que Pyongyang estava sozinha contra todo o mundo capitalista. Esta mudança de mentalidade não estava relacionada apenas à “diplomacia comercial” da China, mas também ao curso dos debates dentro do PTC cujos funcionários vinham visitando e estudando-a desde o início da década de 1980:

> *Durante este período, algumas pessoas também mostraram uma tendência de admirar outros países que estavam introduzindo economia de mercado e atraindo capital estrangeiro sob o nome de "reforma" e "abertura".*
>
> *Em sua conversa histórica com funcionários principais do Comitê Central do Partido em julho de Juche 75 (1986), o grande General disse que, para que as massas populares participem da revolução e construção como donas, devemos confiar no método socialista baseado no coletivismo, não no método capitalista baseado no individualismo. Ensinou que, assim como o tecido físico de uma pessoa sofre uma mudança constitucional quando adoece e sua disfunção persiste por muito tempo, o sistema socialista mudará gradualmente para um capitalista se for gerenciado e operado por métodos capitalistas.*[48]

Enquanto Kim Jong Il estava desenvolvendo a teoria econômica jucheana para aperfeiçoar a coerência sistêmica do “socialismo ao nosso estilo” e criticando inflexivelmente os resultados das reformas de Gorbachev no Leste Europeu, um pequeno grupo de funcionários reunidos com Hwang Jang Yop — falsamente descrito pela mídia estrangeira como o "verdadeiro arquiteto do Juche" — estava admirando a China.

Hwang afirmou que "o mercado é o lugar onde a criatividade humana e a autodeterminação se encontram; o mercado deve ser ativamente cultivado para estimular a criatividade humana". De acordo com a ideia Juche, independência e criatividade são os atributos sociais do homem que alcançam sua realização sob o socialismo e o comunismo, onde as massas trabalhadoras se tornam mestras da vida econômica através do planejamento consciente. No mercado, em vez disso, as pessoas aparecem como meros seres naturais, interagindo espontaneamente com base em incentivos monetários externos e sendo escravizadas ao produto de seu trabalho.

Tal revisão flagrante da ideia Juche para torná-la compatível com o sistema de mercado não foi engendrada no vácuo ou para propósitos puramente acadêmicos, mas no pano de fundo da influência das reformas chinesas e conexões obscuras com a Coreia do Sul, como o Prof. Han Ho Sok descobriu:

Hwang desenvolveu certa afinidade pela adaptação chinesa do marxismo-leninismo. Hwang acreditava que a Coreia do norte deveria emular a China e promover agressivamente a economia de mercado.

Em 1992, Hwang instruiu seu genro (um certo Kim, de 49 anos, Diretor Associado do Grupo de Pesquisa de Política do Instituto de Pesquisa da Filosofia Juche) a começar a estudar o capitalismo. Kim viajou para mais de 20 países capitalistas e coletou publicações capitalistas. Hwang teve economistas chineses visitando-o para discussões noturnas.

Hwang fez amizade com Pyong Wijung, ex-presidente da Universidade de Loyang (China). Pyong era um apoiador ferrenho das reformas econômicas de Deng Xiaoping. Pyong visitou a Coreia do Sul mesmo antes da reconciliação China-Coreia do Sul e escreveu o livro "A Coreia do Sul que vi", em junho de 1996. Os chineses consideravam Hwang um dos poucos coreanos pró-chineses remanescentes.

O revisionismo de Hwang foi além de sua posição pró-China. Hwang começou a exaltar as conquistas econômicas da Coreia do Sul e seu sistema político. Hwang implorava a seus visitantes para trazerem livros sobre o capitalismo — incluindo aqueles sobre a Coreia do Sul. O Bureau de Segurança Política finalmente ficou suspeito das atividades revisionistas de Hwang.[49]

Kim Jong Il estava ciente dessas inclinações e, de acordo com Hwang, aconselhou o Ministro das Relações Exteriores Kim Yong Nam: "A Teoria do Gato de Deng claramente é sobre oportunismo e revisionismo. Aqueles chineses abandonaram os princípios socialistas e estão se comportando como um bando de cães. Mas devemos permanecer em nosso curso. Temos relações com a China, então não critique abertamente seus homens, mas os avise muito claramente de nossa posição."[50]

Sejam reais ou fruto da fantasia de Hwang, estas palavras espelham a tensão ideológica entre as duas linhas, que estava fadada a explodir após o falecimento de Kim Il Sung. "Os comunistas devem ser vistos pelos outros como vermelhos, não brancos" — disse Kim Jong Il em 19 de novembro de 1994. "Nossos inimigos gostariam que nossas ideias se tornassem brancas, mas isto é um sonho."[51] A cor do gato importava. Mesmo em meio a dificuldades econômicas crescentes que obrigaram o país a se concentrar no comércio exterior, como ele recordou ao Comitê Central do Partido em 1º de fevereiro de 1995:

Permitir o método capitalista de comércio na sociedade socialista pode acarretar consequências graves e minar o socialismo. Se mesmo algumas unidades forem autorizadas a fazer negócios com capitalistas individualmente e ganhar e usar moeda

> *estrangeira aleatoriamente, livres do controle estatal, nosso país pode ser arrastado para o processo de "reforma" e "portas abertas" que os imperialistas desejam ver, com a economia se liberalizando e se capitalizando*.[52]

A escolha das palavras "reforma" e "abertura", os termos exatos usados oficialmente pelo Partido Comunista da China, não foi de forma alguma casual. Por volta da mesma época, eles também entraram no vocabulário dos imperialistas dos EUA que, através de uma mistura de engajamento diplomático e sanções econômicas, haviam pressionado com sucesso o Vietnã a adotar uma "economia de mercado socialista" e abrir as portas ao capital monopolista estrangeiro; eles pensaram que a mesma estratégia poderia funcionar contra a RPDC, então começaram a falar sobre "reforma" e "abertura" e logo foram imitados pelos políticos sul-coreanos, que acreditavam que "é a 'política de engajamento' que induziu um certo país à 'reforma' e 'abertura'"[53].

Em seu notável ensaio “Dar Prioridade ao Trabalho Ideológico É Essencial para Realizar o Socialismo”, publicado em 19 de junho de 1995, Kim Jong Il marcou a distância da RPDC tanto dos países do Leste Europeu, onde o socialismo havia desabado, quanto das políticas chinesas e vietnamitas:

> *Se os vestígios da velha sociedade na socialista forem encorajados a crescer, ou métodos capitalistas de gestão econômica forem introduzidos na gestão econômica socialista, ou pior ainda, se a propriedade capitalista for revivida invadindo a propriedade socialista, isso resultará na base econômica e material da ideologia socialista sendo derrubada, e condições criadas para o crescimento do individualismo, egoísmo e outras ideias burguesas. A propriedade privada inevitavelmente dá à luz o individualismo e ideias burguesas inevitavelmente crescem e se espalham no solo da propriedade capitalista e da economia de mercado capitalista. O socialismo é incompatível com a propriedade privada e a economia de mercado capitalista.*[54]

Nessa época, as políticas de reforma e abertura haviam sido formalizadas sob o conceito de "economia de mercado socialista" proposto por Jiang Zemin, consagrado na Constituição da RPC juntamente com a teoria de Deng Xiaoping em 1993, para racionalizar o crescente setor privado e a aplicação de princípios de mercado na gestão de empresas socialistas.

Referindo-se ao Vietnã e outras nações, Jiang Zemin observou que "mais e mais pessoas em países socialistas estão chegando a reconhecer o papel positivo que os mercados desempenham no desenvolvimento econômico"[55]. A RPDC, em vez disso, permitiu apenas mercados de agricultores e até planejou eliminá-los gradualmente no futuro, como explicado em livro contra o revisionismo impresso em julho de 1995:

A economia de mercado, baseada na competição livre e em diferentes formas de propriedade, é incompatível com o socialismo. Em princípio, na sociedade socialista, apenas o mercado agrícola pode existir.

No sistema socialista, o mercado agrícola é uma forma de comércio em que os agricultores vendem diretamente aos residentes, em locais designados, parte dos produtos agrícolas e pecuários produzidos nas economias coletivas das fazendas cooperativas e nas economias privadas auxiliares dos agricultores. […]

Nosso partido tem promovido o desenvolvimento do comércio estatal e fortalecido a regulação estatal sobre o mercado agrícola, restringindo em certa medida sua espontaneidade. Paralelamente, busca avançar no desenvolvimento das forças produtivas, atendendo de forma abrangente às necessidades do povo por meio da produção estatal, e transformando a propriedade cooperativa em propriedade de todo o povo, com o objetivo de, no futuro, eliminar definitivamente o mercado agrícola.[56]

Os vizinhos estavam se movendo na direção oposta, como o Prof. Han Ho Sok notou: "Em outros países socialistas, especialmente na China, há uma tendência clara em direção à desintegração da propriedade cooperativa em propriedade privada". O Prof. Kim Won Sam, diretor do Instituto de Economia Juche da Academia de Ciências Sociais, e o Dr. Han Dok Po, diretor do Laboratório de Pesquisa de Economia Política do mesmo Instituto, criticaram as reformas chinesas durante uma conversa com Han Ho Sok em agosto de 1995:

Insistimos na consistência do sistema econômico socialista e seus métodos de gestão e operação. Isto significa que o sistema deve ser bom, mas os métodos de gestão e operação não devem ser ruins. No entanto, outros países socialistas estão tentando manter o sistema econômico socialista como está, mas trocar os métodos de gestão e operação por não-socialistas. Estes países estão mostrando a visão de que não há distinção entre capitalismo e socialismo no setor de tecnologia e no setor de gestão e operação econômica. […]

Países que atualmente estão tentando enfraquecer o sistema econômico socialista estão trazendo estes sistemas de gestão não-socialistas. É claro que, como o sistema de gestão americano foi projetado para aumentar a intensidade do trabalho, é verdade que ele pode aumentar o desempenho da produção até certo ponto. Admito isto. No entanto, o problema mais sério é que, se os métodos capitalistas de gestão e operação forem trazidos, enquanto temporariamente obtendo mais produção, isto terá o efeito negativo de minar a fundação do sistema econômico socialista.

Recentemente, li no Diário do Povo, da China, que o número de disputas aumentou mais de dez vezes após a implementação do sistema de contrato familiar na China rural. A principal causa das disputas foi dita estar relacionada ao fornecimento de água de

irrigação. O escritório de gestão de irrigação enviou 7 mil de água de irrigação, mas os campos dos agricultores foram fornecidos com menos de 5 mil de água, então os agricultores só queriam pagar por 5 mil de arroz, o que causou atrito. Na China, os escritórios de gestão de irrigação são gerenciados conjuntamente e os campos de arroz são gerenciados individualmente. A discrepância entre gestão conjunta e individual acabou levando a atrito e disputas. Recentemente, na China rural, empresas de gestão conjunta foram criadas em cada município para gerenciar o controle de pragas, fornecimento de água e pulverização de pesticidas conjuntamente em vez de individualmente. A necessidade de gestão conjunta nos setores de produção e tecnologia está sendo levantada novamente. A proporção de gestão conjunta está gradualmente aumentando. Eles também passaram a perceber que há muitas coisas que não podem ser feitas através da gestão individual. [...]

A propriedade cooperativa é a propriedade das fazendas cooperativas, mas algumas fazendas cooperativas podem dizer que plantarão milho porque é difícil plantar arroz em seus campos, ou elas desistirão da agricultura de milho e plantarão menta para ganhar moeda estrangeira. Se cada fazenda cooperativa fosse aumentar sua própria rentabilidade, nosso país, que já tem terras agrícolas limitadas, não seria capaz de autossuficiência na demanda de grãos. No entanto, na China, desde que o sistema de contrato familiar foi introduzido e os direitos de gestão foram concedidos por 30 anos, a questão do que cultivar se tornou completamente individualizada e personalizada. Na China rural, os indivíduos até compram tratores e carros para cultivar. Algumas pessoas desistem da agricultura de arroz e plantam morangos, que então enviam para Pequim de avião para vender. Alguns constroem suas próprias vilas em suas terras agrícolas, e alguns usam parte de suas terras agrícolas como túmulos para seus ancestrais. Como resultado, a produção de grãos na China começou a declinar constantemente. [...]

No entanto, em outros países socialistas, o Estado vende muitos dos produtos das fazendas cooperativas e os torna de propriedade nacional. Neste caso, as fazendas ricas se tornarão mais ricas, e as fazendas pobres ainda serão pobres. Os chineses acreditam que quanto menor a unidade de propriedade, mais urgentes os interesses e maior a força motriz para a produção. Então, como a unidade de propriedade da fazenda cooperativa é muito grande, eles decidiram dividir a propriedade em subunidades, e que a propriedade de unidade familiar é melhor do que a propriedade de subunidade, e, assim, o sistema de contratação familiar e o sistema de responsabilidade individual foram criados. Esta é uma visão que é entendida puramente de uma perspectiva material, e se refere a um estado em que os agricultores não percebem que eles podem viver bem apenas se desenvolverem a propriedade cooperativa enquanto são conscientes de si mesmos como proprietários conjuntos e mestres da gestão conjunta. Eu acho que o problema é que os agricultores chineses não têm esse nível de percepção e autoconsciência e estão apenas perseguindo estimulação material.[57]

Estas observações foram especialmente significativas no contexto da piora da situação econômica devido a desastres naturais sucessivos que atingiram a Coreia entre 1995-97: reformas

de mercado e iniciativa privada não poderiam consertar a escassez de alimentos, mas apenas introduzir elementos de dissonância sistêmica para perturbar ainda mais as ligações entre regiões, empresas e setores da economia, já sofrendo com gargalos causados por quedas de energia e falta de matérias-primas.

Apesar disso, forças reformistas estavam levantando a cabeça. Hwang Jang Yop elogiou as reformas chinesas em um seminário de ideia Juche em Moscou em fevereiro de 1996 e, de acordo com o prof. Hiroharu, seus seguidores foram ouvidos usando a frase "capitalismo Juche" em agosto de 1996 para contrabandear os princípios de mercado para a ideologia oficial. Enquanto isso, Rodong Sinmun carregou uma série de artigos sobre a restauração do capitalismo na URSS, cobrindo as questões de mercado versus planejamento, diversificação de propriedade e ilusões sobre o capitalismo.

Como a RPDC estava recebendo ajuda humanitária para lidar com a crise, agências da ONU, ONGs obscuras e governos hostis tentaram usar alimentos como arma política: com o pretexto de monitorar a alocação justa de ajuda, inimigos pediram para viajar livremente no país para coletar informações de inteligência; reformas e desarmamento eram frequentemente colocados como condições para ajuda. Esta prática de extorsão levou a um confronto direto com uma China complacente:

> *O Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas organizou para os chineses enviarem uma delegação de especialistas agrícolas seniores para Pyongyang na primavera de 1997. Esta delegação aconselhou os norte-coreanos a "fazer um Deng Xiaoping" e adotar um modelo ocidental de capitalismo de mercado, particularmente em seu setor agrícola. A reação norte-coreana foi imediata e intransigente: nenhuma reforma seria considerada. Deng, eles responderam, era um traidor do comunismo e nunca seria um modelo para a Coreia do norte. A reação norte-coreana não divertiu os chineses, que estavam cansados de lidar com seu vizinho inflexível e exigente, então os chineses ameaçaram parar de fornecer ajuda alimentar. Mas os norte-coreanos habilmente alavancaram a pouca influência diplomática restante que tinham ao iniciar negociações com Taiwan para voos regulares semanais entre Taipei e Pyongyang, em troca do que o governo taiwanês prometeu 500.000 toneladas de alimentos. Os chineses ficaram enfurecidos ao saber sobre as negociações entre seu Estado cliente [sic] e seu inimigo de meio século, mas eles fizeram um compromisso substancial de ajuda alimentar à Coreia do norte, após o que Pyongyang interrompeu as negociações com Taipei.*[58]

Este relato é confirmado pelo Dr. Dermot Hudson, presidente do Grupo de Estudos da Ideia Juche da Inglaterra, que foi questionado por professores da Associação Corana de Cientistas Sociais (ACCS) sobre uma opinião sobre a possibilidade da Coreia estabelecer laços diplomáticos com

Taiwan durante suas visitas de 1994-96. A RPDC estava pronta para jogar qualquer carta que lhe restava para resistir às pressões de forças externas, incluindo da China, através da qual Hwang Jang Yop foi autorizado a desertar para a Coreia do Sul entre fevereiro e março de 1997.

O Ministério das Relações Exteriores da RPDC reagiu friamente: “Pedimos ao lado chinês para investigar o desaparecimento de Hwang Jang Yop em Pequim, China, em 12 de fevereiro. Nossa posição é simples e clara. Se ele foi sequestrado, não podemos tolerar e tomaremos contramedidas decisivas. Se ele procurou asilo, isto significa que ele é um renegado e está dispensado.”[59] Hwang terminou seus dias como traidor da nação na Coreia do sul, apoiando políticas agressivas contra Pyongyang por conservadores e se opondo a qualquer engajamento tímido com os compatriotas por forças democráticas.

Contra este pano de fundo histórico, durante um discurso aos altos funcionários do Comitê Central do PTC de 27 de setembro de 1997, que foi traduzido para línguas estrangeiras e impresso apenas em maio de 2024 devido à redação forte, Kim Jong Il condenou qualquer tentação reformista dizendo:

> *Não precisamos de nenhuma "reforma", nem temos nada para "reformar". Devem saber que qualquer "reforma" que vá contra os princípios jucheanos do nosso próprio estilo, os princípios do socialismo, é, em última análise, um método capitalista e uma "reforma" que ressuscita o capitalismo. Se recorrermos à "reforma" e "abertura", corremos o risco de arruinar as façanhas realizadas pelo camarada Kim Il Sung ao longo de sua vida e as coisas preciosas que nosso povo alcançou através de 50 anos de luta árdua.*
>
> *Viver ao nosso estilo defendendo o socialismo jucheano é um princípio que nunca devemos comprometer. Enquanto eu estiver vivo, jamais permitirei "reforma" ou "abertura". Esta é minha firme determinação.*
>
> *Até o inimigo acredita que defenderemos nosso sistema e avançaremos invariavelmente ao longo do caminho do socialismo. Entretanto, os imperialistas e reacionários nos cortejam e fazem insinuações para nós em uma tentativa de nos levar à "reforma" e "abertura" enquanto trazem pressão sobre nós de todas as direções. Os funcionários não devem ser atraídos ou enredados por isso.*[60]

Pyongyang ficou igualmente descontente com o Vietnã, que havia recebido muita ajuda da RPDC durante a guerra de libertação contra o imperialismo dos EUA, mas falhou em retribuí-la durante a Marcha Árdua. Em “Com Baionetas”, um romance da série “Orientação Imortal”, um diplomata da RPDC viaja para a Indochina em 1995 para solicitar ajuda e lá, quando um funcionário do partido de um país socialista sem nome se oferece para enviar apenas mil toneladas de arroz, ele reage da seguinte maneira:

Neste momento, Ho Song Ryol percebeu dolorosamente quão moralmente inferior não apenas cada indivíduo, mas também o partido e o país se tornariam se abandonassem os princípios do socialismo.

O país em que ele estava ficando havia sucumbido à persuasão e pressão dos imperialistas, abandonado seus princípios e entrado no caminho da "reforma" e "abertura". À medida que o capital, ideologia e cultura ocidentais se difundiam, o pragmatismo ocidental começou a dominar todo o país. Era tolo esperar por solidariedade de classe em tal país.[61]

A realidade histórica estava pouco aquém da ficção literária: “Em 1996, demos arroz com a promessa de ser pago de volta no futuro”, recordou o embaixador Tien Van Pham na Coreia do Sul, em 2009. “Não era muito de qualquer maneira.”[62]

A China enviou doação gratuita de alimentos em ocasiões especiais como o terceiro aniversário do falecimento de Kim Il Sung, mas a RPDC teve que pagar pela maior parte do que recebeu. Apesar da escassez de eletricidade, Ju Tong Il, vice-Ministro do Ministério da Indústria de Energia, revelou que “temos enviado parte da produção para a região nordeste da China em troca de assistência alimentar desta última”[63].

Esta falta de assistência internacionalista tornou a situação significativamente pior do que após a Guerra da Coreia, quando a RPDC foi ajudada a reconstruir sua economia por vários países do campo socialista. Como resultado, humores derrotistas surgiram entre os funcionários:

Os imperialistas e seus seguidores fortaleceram seu bloqueio econômico, enquanto falavam sobre a "teoria do colapso precoce" da Coreia socialista, e recorreram a todo tipo de artimanhas astutas para nos induzir à "reforma" e "abertura". Sempre que o país enfrentava dificuldades, alguns derrotistas até tinham a ideia tola de tentar resolver as dificuldades econômicas que enfrentavam atraindo capital estrangeiro ou dependendo de outros.

O grande General soou o alarme sobre a dependência de outros que estava aumentando entre os derrotistas e energicamente conduziu todo o povo a abrir o caminho da construção econômica com o espírito revolucionário da autossuperação com o ponto de firme vista de se apoiar em nossa base econômica.

Os mentalmente fortes, que acreditam firmemente em sua própria força, podem ver mil milhas de distância e abrir um caminho bloqueado em um instante, mas os mentalmente fracos, que não acreditam em sua própria força e só olham para os outros, veem até mesmo a coisa mais próxima como uma vasta distância e são incapazes até de percorrer uma estrada aberta.[64]

Entre 1992-94, a RPDC havia completado a estrutura legal para joint ventures de capital, joint ventures contratuais e empresas totalmente estrangeiras para operar em Rason. Kim Jong U, Presidente do Comitê de Promoção de Cooperação Econômica Externa, assegurou aos potenciais investidores no Seminário de Promoção de Investimento Rajin-Sonbong realizado em Tóquio, em 15 de julho de 1996, que "o Estado não interferiria em suas atividades econômicas legítimas, independentemente de o modo de gestão econômica escolhido ser socialista ou capitalista"[65]. No entanto, os investimentos totalizaram apenas US$ 62,42 milhões no final de 1997 e não desempenharam um papel significativo na vida econômica do país.

Como o livro de economia política prescreveu, os investimentos estrangeiros foram colocados sob rígido controle estatal: "Joint ventures econômicas e cooperação organizada internamente são intercâmbios econômicos que aceitam moeda estrangeira, fundos e materiais, então princípios de classe devem ser sempre observados. Em particular, no caso de joint ventures com países capitalistas, o trabalho de educação ideológica deve ser fortalecido entre os trabalhadores, garantindo ao mesmo tempo que os parceiros de joint venture observem estritamente a lei e a ordem do país e não persigam objetivos políticos injustos. Só então o sistema socialista pode ser consolidado e as joint ventures gerais do país podem ser desenvolvidas."[66]

Em particular, o capital estrangeiro não foi autorizado a fazer incursões fora da zona econômica especial. Quando uma proposta foi levantada para introduzir investimento estrangeiro no Complexo Siderúrgico Kim Chaek, Kim Jong Il imediatamente a rejeitou dizendo: "Não devemos ser muito influenciados pela questão de joint ventures com empresas. A intenção de outros países de se unir a nós é óbvia. É o mesmo que comprar ações, mas como eles não podem devorar nosso país como um todo, eles querem assumir as fábricas uma a uma."[67]

Demandas por "reformas estruturais" pelo Fundo Monetário Internacional foram igualmente rejeitadas, embora isso significasse perder empréstimos, e o Rodong Sinmun orgulhosamente pediu independÊncia contra o capitalismo em setembro de 1998, quando o país estava se recuperando com sucesso das dificuldades:

Avançaremos dinamicamente ao longo do caminho da autossustentação para exaltar a dignidade do país socialista repleto de independência. É um sonho tolo tentar reviver a economia introduzindo capital estrangeiro, sem se apoiar nas próprias forças. Se alguém quer a prosperidade da economia nacional, deve rejeitar completamente a ideia de dependência de forças externas, a ideia de que não pode viver sem capital estrangeiro. O povo coreano manterá alto a bandeira da autossustentação, aconteça o que acontecer. [...]

Devemos aumentar a vigilância contra as manobras dos imperialistas para nos induzir a "reforma" e "abertura ao mundo exterior". A "reforma" e a "abertura" em seus lábios são um veneno coberto de mel. Clara é nossa posição em relação a "reforma" e "abertura". Agora não temos nada para "reformar" e "abrir". Por "reforma" e "abertura", os imperialistas pretendem reviver o capitalismo. A melhor maneira de bloquear os ventos de "reforma" e "abertura" dos imperialistas é defender o princípio socialista em todos os setores da economia. Mesmo que alguém nos chame de "conservadores", nunca abandonaremos o princípio, mas nos oporemos a todas as tentativas de nos induzir a nos juntar a um mundo "integrado".[68]

"Reforma" e "abertura" foram diretamente equiparadas a uma restauração do capitalismo. Esta postura linha-dura sustentou um julgamento severo sobre os países que haviam abraçado tais políticas, expresso pelo pessoal diplomático da RPDC na Rússia no outono de 1998:

Em contatos oficiais e não-oficiais com contrapartes russas, representantes da RPDC, por iniciativa própria, levantam a questão das reformas. Eles mencionam o fato de que, ultimamente, alguns estudiosos estrangeiros, incluindo russos, têm falado sobre a necessidade da RPDC "lançar reformas ao estilo chinês e vietnamita". Funcionários norte-coreanos explicam que seu país "nunca será tentado por reformas ou pela abertura da sociedade". Eles argumentam que "A globalização das economias chinesa e vietnamita não significa nada mais do que a 'Americanização' da China e do Vietnã". [...]

Funcionários da RPDC admitem que a Coreia do norte está experimentando "sérias dificuldades" em seu desenvolvimento econômico. Contudo, essas dificuldades "não são criadas pelas deficiências do sistema". Em vez disso, eles argumentam que são "um resultado direto de calamidades naturais e políticas hostis de Estados imperialistas". Apesar destas dificuldades, a Coreia do norte "permanece de pé" como "um país independente temido pelos imperialistas mais poderosos". Quanto à China e ao Vietnã, funcionários da Coreia do norte acreditam que esses países socialistas se transformaram em "parceiros juniores" dos Estados Unidos e estão "à beira de convulsões sociais internas".[69]

O II Período de Sessões da X Legislatura Assembleia Popular Suprema adotou a Lei sobre Planos Econômicos do Povo em 9 de abril de 1999, reafirmando o compromisso da RPDC com o

planejamento econômico socialista. “No domínio econômico, nem a menor ilusão deve ser nutrida sobre o modo capitalista de gestão de negócios baseado em dinheiro e sobre 'reforma' e 'abertura' que convidam o imperialismo”[70] — afirmou o editorial conjunto de 1º de junho de 1999.

A Coreia socialista terminou o século XX e superou os piores desafios em sua história sem fazer concessões ao capitalismo.

5. A Luta por Mercados Continua nos Anos 2000

O novo século começou com uma “ofensiva diplomática” da RPDC para normalizar relações com vários países no mundo e desenvolver cooperação econômica, bem como por um degelo de curta duração com a Coreia do sul sob a “Política do Raio de Sol” de Kim Dae Jung. Antes de encontrá-lo, em maio de 2000, Kim Jong Il visitou a China pela primeira vez desde 1983.

Quando a jornalista coreana-americana Moon Myong Ja lhe perguntou “Como você avalia a política de portas abertas da China?”, o Dirigente respondeu: “Sinto que tem tido efeitos positivos no crescimento econômico. A política deve ajudar a elevar o padrão de vida das pessoas de qualquer maneira.”[71] Comentários mais positivos vieram durante sua próxima visita em janeiro de 2001:

> *Kim Jong Il, disse em seu discurso recíproco, que visitou Xangai novamente com suas memórias pessoais inesquecíveis e fortes afinidades com a capital comercial, e declarou que estava extremamente feliz por ver com seus próprios olhos seus desenvolvimentos após a ausência de 18 anos.*
>
> *Descrevendo Xangai como uma cidade internacional animada que tem desempenhado um grande papel no desenvolvimento adicional da política, economia, ciência e cultura na China, ele acrescentou que os cidadãos de Xangai contribuiriam para trazer a causa para a modernização da nação, realizando com sucesso o Décimo Plano Quinquenal sob a direção do Partido Comunista da China encabeçado por Jiang Zemin.*[72]

De acordo com a Xinhua, “Kim enfatizou que as grandes mudanças que ocorreram na China, e em Xangai em particular, desde que a China iniciou o impulso de reforma e abertura, provaram que as políticas de reforma e abertura adotadas pelo PCCh estão corretas.”[73] Esta passagem foi significativamente omitida do relatório da Agência Central de Notícias da Coreia (ACNC) e levou analistas estrangeiros, inconscientes de palavras semelhantes pronunciadas por Kim Il Sung em 1992, a especular que a RPDC iria adotar políticas chinesas.

O chefe da filial de Pyongyang do Choson Sinbo, a revista do povo da RPDC no Japão, interveio no debate para dissipar qualquer confusão:

A mídia ocidental interpretou arbitrariamente a visita do máximo dirigente da Coreia do norte a Xangai usando o termo "novo pensamento". Ignorando o caminho da Coreia do norte na década de 1990 e aplicando mecanicamente os precedentes de outros países, eles a descreveram como uma visita para aprender sobre a "reforma" e "abertura" ao estilo chinês.

Diz-se que, durante a visita do Secretário-Geral Kim Jong Il, o lado chinês não fez nenhuma sugestão sobre "reforma" ou "abertura" de acordo com os princípios de respeito à soberania e não-interferência nos assuntos internos. Diz-se que eles apenas forneceram explicações em resposta às perguntas da Coreia do norte. [...]

A Coreia do norte criou uma zona econômica e comercial livre na cidade de Rajin-Sonbong na década de 1990 e, este ano, está começando a desenvolver um complexo industrial na cidade de Kaesong como parte do projeto de cooperação econômica Norte-Sul. No entanto, estes planos não levam imediatamente à introdução de políticas de "reforma" e "abertura" e à reorganização do sistema econômico doméstico.

Para citar um exemplo, após o colapso da União Soviética, o poder nacional da Rússia foi rapidamente enfraquecido devido à introdução de políticas radicais de "reforma" e "abertura". A economia foi lançada em desordem, o caos social foi criado, e o poder militar, que antes fazia frente aos EUA, gradualmente enfraqueceu. Com relação a isso, a Coreia do norte está fazendo um julgamento de cabeça fria. Ou seja, embora o curso tenha começado a mudar quando Putin se tornou presidente, a Rússia, durante a era Yeltsin, "passou de ser tratada como um país de primeira classe para um país de 'segunda classe' ou 'terceira classe' no cenário internacional" (Jornal Minju Choson, 27 de janeiro). [...]

A RPDC chama seu ideal político, que manterá no novo século, de política de independência, unidade e patriotismo do Secretário-Geral Kim Jong Il. A partir disso, parece que, mesmo que a cooperação econômica com países capitalistas seja promovida, a RPDC não adotará a política ao estilo chinês de "tornar algumas pessoas ricas primeiro para tornar todas as pessoas ricas depois" baseada no sistema de "mercado socialista". O General Kim Jong Il considera como a fundação da política socialista a "unidade", e a RPDC experimentou, através da "Marcha Árdua", que a superioridade do socialismo sobre o capitalismo é grandemente exibida quando a política de unidade é realizada.[74]

Esta visão foi compartilhada na Faculdade de Economia da Universidade Kim Il Sung. O prof. Ho Jae Yong disse: "Recentemente, quando o General visitou a China ou a Rússia, os países ocidentais têm interpretado como se ele fosse aprender os métodos de reforma e abertura. Isto é porque eles não conhecem as crenças ideológicas do nosso líder."[75]

O prof. Ri Myung Suk até fez uma crítica velada à China: "Em alguns países, ao estabelecer 'zonas econômicas especiais', todo o país gradualmente se torna como uma zona especial, mas nós

somos diferentes. A aspiração e determinação de nosso povo é proteger e desenvolver o socialismo até o fim."[76]

O repórter Kim Ji Yong concluiu: "A Coreia decidiu introduzir métodos de gestão capitalista em algumas regiões, incluindo a Região Administrativa Especial de Sinuiju, mas, de acordo com os professores, a gestão econômica socialista continuará em outras regiões."[77]

Sinuiju é particularmente digna de menção porque foi concebida para ser não uma Zona Econômica Especial (ZEE), como projetos passados e futuros, mas uma Região Administrativa Especial (RAE) com sua própria bandeira, passaporte e Lei Básica, sob a liderança de Yang Bin, então o segundo homem mais rico da China que havia doado milhões de dólares à RPDC.

No entanto, o que teria sido a primeira e única experiência de economia de mercado na RPDC terminou abruptamente antes de começar, quando Yang Bin foi preso pelas autoridades chinesas sob acusações de evasão fiscal e outros crimes econômicos em novembro de 2002. Embora as acusações fossem provavelmente fundamentadas, seu momento — pouco antes que ele pudesse se mudar para Sinuiju e assumir a RAE — trai motivos políticos. Ao expressar apoio formal ao projeto da RPDC, um porta-voz do Ministério das Relações Exteriores chinês curiosamente declarou: "A China desenvolveu sua própria 'economia de mercado socialista com características chinesas' baseada em sua própria situação, e este modelo pode não ser necessariamente adequado para outros países."[78]

Como na década de 1990, os funcionários chineses queriam que a RPDC "se abrisse", mas em seus próprios termos, ou seja, não "roubando" investidores estrangeiros através de condições comerciais mais favoráveis comparáveis a Hong Kong e Macau. Doravante, Pyongyang abandonou silenciosamente o experimento de economia de mercado da RAE de Sinuiju e se concentrou em projetos econômicos com a Coreia do Sul, onde uma mistura de métodos de gestão socialista e capitalista foi adotada. O repórter Kim Ji Yong discutiu o assunto com Jong Yong Chol, Diretor do Departamento de Assuntos Externos do Comitê Popular da Cidade de Kaesong:

> *No processo do Norte e do Sul concretizando o plano de complexo industrial, houve casos em que diferenças em seus valores e estilos de vida surgiram. O Sr. Jong Yong Chol cita a questão dos custos trabalhistas para trabalhadores norte-coreanos contratados por empresas no complexo industrial como exemplo.*
>
> *"O Sul definiu o valor do salário básico mais baixo do que o plano que apresentamos, e adicionou compensação trabalhista baseada no desempenho da produção. Houve resistência no início, mas depois de ouvir em detalhes, pensei que era um pouco razoável."*

Há também algumas partes que têm um "tom socialista". De acordo com a Lei da Zona Industrial, uma "organização de gestão da zona industrial" é criada localmente com membros recomendados por desenvolvedores, e a "organização central de orientação da zona industrial" em Pyongyang a lidera. Além disso, em zonas industriais, investimento e atividades comerciais que dificultam a segurança social, o desenvolvimento saudável da economia nacional, a saúde dos residentes e a proteção ambiental, ou que são economica e tecnologicamente atrasadas, são proibidas. Isso é diferente da "economia livre" que coloca valor absoluto nos princípios de mercado.

"Ele (Kim Jong Il) enfatizou que deveria ser feito dessa maneira à luz do objetivo de desenvolvimento econômico nacional. O Sul também disse que estava totalmente convencido. [...] Na primeira noite, no banquete, os membros do Sul me perguntaram: 'Quanto é meu salário?' Somos pessoas que desfrutam de uma vida garantida através de políticas sociais fornecidas por nosso país, então como podemos avaliar nossos salários pelos padrões do Sul? É verdade que senti uma sensação de distância durante a conversa."[79]

O Artigo 25 das Regulamentações Trabalhistas para a Zona Industrial de Kaesong fixou o salário mensal mínimo em $50 por mês. Como a taxa de câmbio do won da RPDC contra o dólar americano foi alterada de 2:1 para 150:1 em julho de 2002, isto significava um pagamento mensal de 7.500 won, superior ao subsídio de subsistência básico dos mineiros de carvão (6.000 won). No entanto, como se deparavam com capital estrangeiro, em vez de serem os donos da produção, gestão e planeamento como os outros trabalhadores no país, "aqueles empregados por empresas estrangeiras dependem de sindicatos para salvaguardar seus direitos e interesses, concluir e implementar um contrato com a empresa estrangeira para a garantia de suas condições de trabalho."[80]

Quando os mercados de agricultores foram reorganizados como mercados gerais em março de 2003, alguns observadores estrangeiros pensaram que esses mercados eram os mesmos que aqueles implicados no conceito de economia de mercado socialista de Jiang Zemin, que mantém o setor público em uma posição dominante, mas "o complementa com um setor privado que inclui empresas de propriedade individual"[81] e permite "outros modos" de distribuição além de segundo o trabalho, ou seja, distribuição de acordo com o investimento de capital. Chang Tu Kil, Vice-Diretor do Departamento de Comércio do Ministério do Comércio, respondeu a essa interpretação errada em uma edição especial de Choguk, de novembro de 2004, sobre "Mercado da Pátria":

As medidas, tomadas pelo Estado para permitir que as pessoas usem os mercados convenientemente em sua subsistência e de uma maneira adequada às condições difíceis da realidade econômica do país, não significam de forma alguma que nossa economia

planejada socialista esteja sendo mudada para uma economia de mercado ou uma economia de mercado livre. [...]

Na realidade, as pessoas que usam mercados hoje são todas trabalhadoras socialistas. A maioria delas usa mercados não para fazer fortuna, mas para resolver seus problemas de subsistência.

Além disso, o fato de que fábricas, empresas e organizações cooperativas baseadas no sistema de propriedade socialista participam dos mercados com seus produtos excedentes em excesso das cotas estabelecidas pelo Estado mostra a natureza popular e socialista de nossos mercados.

O uso racional dos mercados para melhor gestão econômica e subsistência do povo não pode ser pensado separadamente dos princípios socialistas.[82]

Ao explicar essas e outras medidas de "socialismo prático" durante uma entrevista em 13 de dezembro de 2004, o Vice-Ministro do Departamento de Comércio Kim Yong Sul observou: "Visamos aperfeiçoar nosso próprio método de gestão econômica, não o chinês."[83] Uma semana depois, para tornar as coisas ainda mais claras, o Choson Sinbo tornou pública uma conversa de Kim Jong Il de 7 de maio de 1998, cujo título não requer mais explicação: "As manobras de "reforma" e "abertura" dos imperialistas são manobras inaceitáveis de invasão e destruição".

Economistas continuaram alertando contra a ênfase excessiva em características transitórias do socialismo como incentivos materiais e a lei do valor:

Quando abandonamos princípios socialistas como o princípio da gestão econômica planificada do Estado e o princípio de combinar adequadamente a direção centralizada e unificada do Estado com a criatividade das unidades de nível inferior na gestão econômica socialista, seremos enganados pelas maquinações de imperialistas e oportunistas que pregam o "padrão de lucro", a "descentralização local" e a "globalização" da economia, e isso abrirá caminho para a operação ilimitada da lei do valor, a anarquia e a espontaneidade da produção, a competição baseada na lei da selva, e o resultado será a transformação da economia planificada socialista em uma economia de mercado capitalista.

Além disso, quando o princípio de combinar adequadamente estímulos políticos e morais com estímulos materiais na gestão econômica é violado, os estímulos materiais são colocados em primeiro plano, e o princípio de distribuição socialista não é adequadamente implementado, os trabalhadores serão reduzidos a egoístas que só se importam com dinheiro, e a vida de trabalho socialmente saudável e a moralidade serão paralisadas. Além disso, quando o princípio de defender e consolidar a propriedade socialista é abandonado, inevitavelmente levará às sérias consequências de abrir caminho

para a "diversificação da propriedade", que é a base dos esquemas de "reforma" e "reorganização" dos imperialistas e traidores socialistas, e destruir as fundações econômicas do socialismo.

Portanto, abandonar o princípio socialista na gestão econômica é um pecado que faz com que o princípio coletivista seja enfraquecido e o princípio individualista seja revivido, levando, em última análise, ao colapso do socialismo e à restauração do capitalismo. Isto reflete a lei do desenvolvimento econômico e, ao mesmo tempo, constitui uma lição da história claramente mostrada pela realidade de países onde o socialismo, que durou décadas ou até meio século, de repente entrou em colapso e o capitalismo foi restaurado.[84]

Kim Jong Il voltou à China em janeiro de 2006 e, durante seu discurso no banquete, elogiou o progresso econômico das regiões do sul, incluindo ZEEs: "Percorrendo várias zonas econômicas especiais que fazem uma grande contribuição para o impulso de modernização socialista com características chinesas, ficamos mais profundamente comovidos pelos esforços empreendedores e perseverantes do povo chinês e pelos frutos gerados por eles. Em uma palavra, nossa visita à parte sul da China nos convenceu mais uma vez de que a China tem um futuro mais brilhante graças à linha e políticas corretas avançadas pelo Partido Comunista da China."[85] Como visto, a ACNC, novamente, a fim de evitar especulações políticas, omitiu as observações positivas sobre reforma e abertura, divulgadas pelo governo da RPC:

Kim disse que, sob a direção do PCCh, a China fez enormes conquistas no impulso de modernização socialista com características chinesas e na causa da reforma e abertura. O "desenvolvimento surpreendente" da China é atribuído ao fato de que as linhas e políticas propostas pelo PCCh, incluindo a importante ideia da "Tríplice Representatividade", o conceito científico de desenvolvimento e a proposição sobre a construção de uma sociedade socialista harmoniosa, estão em conformidade com as condições nacionais da China. Durante sua visita, Kim e sua delegação testemunharam conquistas brilhantes que as cidades na parte sul da China, especialmente as zonas econômicas especiais, alcançaram em várias áreas. A aparência inteiramente nova da China e seu desenvolvimento dinâmico os impressionaram profundamente. Isto prova totalmente a correção da política de reforma e abertura da China. O partido, governo e povo da RPDC estão sinceramente encantados e gostariam de expressar congratulações por essas conquistas.[86]

Os países do Leste Europeu liderados por revisionistas haviam introduzido elementos individuais do capitalismo que, sob as condições do socialismo, onde a força de trabalho não é uma mercadoria, falharam em fornecer "incentivos materiais" reais para produtividade e inovações tecnológicas; como resultado, eles ficaram presos no pântano de dissonância sistêmica que corroeu

as fundações do socialismo e, eventualmente, colapsou-o. Ao contrário deles, a China conseguiu criar uma economia de mercado real com todos os seus elementos constitutivos — preços responsivos, restrição orçamentária rígida, garantia legal de propriedade privada, etc. — que pode efetivamente "se auto-equilibrar" e estimular crescimento real.

No entanto, Pyongyang não fechou os olhos sobre o outro lado da moeda. Alguns meses depois, Han Ho Sok, diretor do Instituto de Estudos de Reunificação que já havia discutido esses, problemas com economistas da RPDC em 1995, escreveu uma análise detalhada sobre a "luz e a escuridão do socialismo de mercado da China":

> *Quando o Partido Comunista da China começou a pressionar pela abertura do mercado e reforma econômica, abandonou a teoria da igualdade socialista na qual as pessoas vivem juntas sem qualquer distinção entre ricos e pobres, e, em vez disso, apresentou a chamada teoria de enriquecer primeiro, que afirma que, se alguém enriquecer primeiro, os benefícios se espalharão para os outros.*
>
> *No entanto, a sociedade chinesa de hoje está provando que tal teoria está errada. O processo de crescimento rápido no qual a China se voltou para o socialismo de mercado e rapidamente aumentou a produtividade social não foi um processo de realização dela, mas um processo de regressão no qual as relações de classe social se converteram em antagônicas, criando disparidades sociais entre ricos e pobres, exploração de classe e discriminação na sociedade chinesa.*
>
> *A transformação confrontacional das relações de classe social é um resultado regressivo do Partido Comunista da China gradualmente abandonando a nacionalização dos meios de produção social e expandindo a privatização dos meios de produção social. De 1995 a 2002, a China reduziu o número de grandes empresas estatais de 77.600 para 42.000, o número de pequenas e médias empresas estatais de 245.000 para 149.000, e reduzirá o número de grandes empresas estatais em 10.000 a mais até 2008. A partir de 2003, mais de 2.500 empresas estatais, sobrecarregadas por uma dívida de 240 bilhões de yuans, e 5,1 milhões de trabalhadores pertencentes a elas estão em estado de falência, e a taxa de desemprego é de 7%.*
>
> *Por outro lado, as empresas privadas estão crescendo rapidamente. O número de empresas privadas aumentou de 95.811 em 1989 para 3,44 milhões em 2004, e a produção de empresas privadas aumentou 48 vezes de 42,2 bilhões de yuans em 1989 para 2,083 trilhões de yuans no final de 2003.*
>
> *Na China, a lacuna entre áreas urbanas e rurais atingiu o nível mais alto do mundo, mais de 100 milhões de trabalhadores migrantes que escaparam de áreas rurais invadiram cidades, o número de desempregados em áreas rurais atingiu 150 milhões, o número está*

aumentando em 6 milhões a cada ano e, entre a população chinesa, há 200 milhões de pessoas vivendo em extrema pobreza, vivendo com menos de $1 por dia.

O Partido Comunista da China e o governo chinês, que estão ficando mais ansiosos, estão implementando uma política de incentivo para enviar graduados universitários que não conseguem encontrar empregos para áreas rurais, mas os resultados dessa política são desconhecidos.

Na China hoje, rupturas sérias estão ocorrendo em todos os lugares à medida que as relações de classe social estão se convertendo nas conflitivas. Estes são os chamados "incidentes de grupo" ou distúrbios de multidão que eclodiram devido a questões como não-pagamento de salários, demissões, recuperação forçada de terras, demolições urbanas e compensação para imigrantes. O número de distúrbios de multidão aumentou de 10.000, em 1993, para 74.000 em 2004 e 87.000 em 2005. Disputas trabalhistas aumentaram de 33.000 casos e 123.000 pessoas, em 1995, para 180.000 casos e 600.000 pessoas em 2006, dez anos depois.

À medida que as relações de classe social se convertem nas conflitivas, é natural que a instabilidade social cresça para um nível incontrolável. A seguir estão os fenômenos instáveis que surgiram na sociedade chinesa hoje.

Na China, no final de 2003, havia 1.053.000 viciados em drogas e, entre eles, jovens viciados em drogas representavam 72,2%. A partir de janeiro de 2005, as autoridades governamentais chinesas travaram a chamada "Guerra Popular contra as Drogas" por nove meses, descobrindo 74.419 crimes relacionados a drogas e prendendo 49.097 suspeitos de crimes relacionados a drogas.

Não apenas crimes relacionados a drogas, mas também crimes de tráfico humano estão se espalhando. Desde 2001, o número de mulheres e crianças apanhadas no tráfico humano chegou a 42.215, apenas em casos detectados pela polícia. Além disso, o número de suicídios é de cerca de 250.000 por ano, o que é um quarto do total mundial.

Um problema mais sério é que o Partido Comunista da China e o governo chinês, que deveriam estar resolvendo a instabilidade social, estão afundando em um pântano de corrupção. De 1999 a 2003, as autoridades judiciais chinesas capturaram mais de 45.000 funcionários corruptos e recuperaram 21,2 bilhões de yuans (cerca de 3,18 trilhões de won) em ativos de funcionários corruptos. Destes, houve mais de 5.000 casos de corrupção em larga escala nos quais o valor dos ativos recuperados excedeu 1 milhão de yuans (150 milhões de won), e houve mais de 20 funcionários de alto escalão corruptos em nível ministerial. Desde 1990, a China tem perdido 1 trilhão de yuans (150 trilhões de won) todos os anos devido à corrupção cometida por funcionários, o que representa 13,2-16,8% do PIB da China. Nos primeiros seis meses de 2003, mais de 1.200 membros do Partido Comunista da China envolvidos em corrupção cometeram suicídio, 8.000 membros do Partido fugiram para o exterior e 6.500 funcionários do governo e altos

funcionários desapareceram. Surpreendentemente, um terço dos novos capitalistas que controlam empresas privadas e exploram a classe trabalhadora são membros do Partido Comunista da China.

A lacuna social entre ricos e pobres, exploração de classe e a discriminação na saúde, educação, habitação e emprego, e a corrupção cada vez mais extrema da classe dominante são os males trazidos pelo socialismo de mercado, que ameaçam a sociedade chinesa no século XXI. A seriedade do problema reside na falta de perspectivas e capacidades para superar os males que afligiram a sociedade chinesa no século XXI.

O Partido Comunista da China está buscando encontrar uma maneira de superar os males do socialismo de mercado na ideologia política marxista. Em janeiro de 2004, o Partido Comunista da China, sob a orientação de seu Comitê Central, decidiu promover o "Projeto de Pesquisa e Construção Básica Marxista" com a participação da Escola de Quadros do Partido, do Ministério da Educação, da Academia de Ciências Sociais e do Bureau Central de Edição e Tradução pelos próximos dez anos. Em dezembro de 2005, o Instituto de Marxismo foi estabelecido na Academia de Ciências Sociais, o principal instituto de pesquisa da China, e, em maio de 2006, o Instituto de Economia Marxista foi estabelecido na Universidade de Guangxi.

Contra tais movimentos ideológicos, o argumento de que os males do socialismo de mercado só podem ser superados aprofundando ainda mais a abertura do mercado e a reforma econômica está se tornando mais forte dentro do Partido Comunista da China. Claramente, o socialismo de mercado está superando a ideologia política marxista dentro do Partido Comunista da China hoje. Isto ocorre porque a sociedade chinesa chegou a um ponto em que não pode voltar atrás do caminho da abertura do mercado e da reforma econômica.

O Partido Comunista da China, que busca ativamente o socialismo de mercado ao abrir abrangentemente o mercado e reformar economicamente, não será capaz de superar os males trazidos pelo socialismo de mercado simplesmente fortalecendo seu estudo da ideologia política marxista. Além disso, quanto mais se esforça para expandir o poder nacional ao longo da linha do socialismo de mercado, mais os males trazidos pela abertura do mercado e pela reforma econômica se acumularão. A contradição entre o acúmulo de males e a expansão do poder nacional acabará ameaçando o poder governante do PCCh.[87]

"Se nossas políticas levassem à polarização, significaria que falhamos" — Deng Xiaoping havia apontado em 1985; "se uma nova burguesia emergisse, significaria que nos desviamos do caminho certo."[88] Em meados dos anos 2000, à medida que a expansão do setor privado e a crescente diferença de renda estavam corroendo os "dois requisitos principais" do socialismo com características chinesas — dominância da propriedade pública e ausência de polarização — as

“convulsões sociais” previstas por funcionários da RPDC em 1998 começaram a abalar as fundações do socialismo na China.

Han Ho Sok continuou expondo a profunda penetração do capital monopolista dos EUA na China através da malha de "reforma e abertura" e o perigo subsequente de desestabilização pela influência do *soft power*:

> *No entanto, um problema mais sério do que o aprofundamento da contradição entre os males acumulados e a expansão do poder nacional é que a América imperialista não está apenas observando a China de longe enquanto ela abre totalmente seus mercados e reforma sua economia.*
>
> *De acordo com estatísticas divulgadas pelo Ministério do Comércio chinês, em fevereiro de 2006, havia 558.000 empresas estrangeiras na China que empregavam 24 milhões de trabalhadores chineses, incluindo 450 das 500 maiores empresas multinacionais do mundo selecionadas pela revista de negócios americana Fortune. É desnecessário dizer que as empresas multinacionais (cooperação multinacional) que entram na China para conduzir negócios são empresas de capital monopolista imperialista.*
>
> *A partir de 2004, entre os 200 principais exportadores da China, empresas estrangeiras representavam 49,5%, enquanto empresas estatais representavam 35,5%. Entre os 500 principais importadores da China, empresas estrangeiras representavam 54,0%, enquanto empresas estatais representavam 31%. As exportações de empresas estrangeiras totalizaram $135 bilhões, um aumento de 40% em relação ao ano anterior, e representaram 30,9% das exportações totais da China. As importações de empresas estrangeiras totalizaram $360 bilhões, um aumento de 40% em relação ao ano anterior, e representaram 42,4% das importações totais. Agora, a economia chinesa não pode mais se sustentar sem depender de capital, mercados e tecnologia estrangeiros.*
>
> *A abertura do mercado chinês é completada com a abertura de seu mercado financeiro. Pode-se dizer que a abertura do mercado só é completada quando o capital monopolista imperialista domina o mercado financeiro da China. Embora o investimento de capital estrangeiro no setor não-financeiro da China esteja diminuindo hoje em dia, o fato de que o capital estrangeiro está despejando nos bancos, seguros e títulos da China significa que a abertura do mercado financeiro está sendo concluída. De acordo com relatos da mídia chinesa, em 2005 o capital estrangeiro que entrou na China totalizou 72,46 bilhões de dólares (69,2217 trilhões de won), dos quais 16%, ou 11,8 bilhões de dólares, entraram no mercado financeiro.*
>
> *Uma coisa que se destaca na China — que tem perseguido reformas econômicas, que abriram o mercado ao capital monopolista imperialista e converteram a nacionalização socialista em privatização capitalista de acordo com princípios econômicos de mercado — é que a produtividade social se desenvolveu significativamente.*

Entretanto, a China desenvolveu significativamente sua própria capacidade produtiva ao convidar capital monopolista imperialista; este processo, porém, resultou em dois desastres. A instabilidade social que hoje abala a China deriva justamente desses dois fatores.

O primeiro desastre é a dominação do mercado e a exploração de lucros do capital monopolista imperialista. O que o capital monopolista imperialista faz na China, como em outros países, é dominação do mercado e exploração de lucros. O fato de que o capital monopolista imperialista domina a economia de mercado da China pode ser visto examinando indicadores econômicos nacionais. Por exemplo, a proporção de empresas estrangeiras nas exportações totais da China tem aumentado continuamente de 50,1% em 2001, 55,6% em 2003 e 57,8% em 2004, e a dependência da China em tecnologia estrangeira atingiu 50%, e 60% de seu investimento em instalações é dependente de importações. A dominação do mercado pelo capital monopolista imperialista na China está se tornando mais forte a cada dia.

A dominação do mercado pelo capital monopolista imperialista naturalmente leva à exploração de lucros. Os 450 capitais monopolistas imperialistas que entraram na China sob o nome de supostas corporações multinacionais investiram 270 bilhões de dólares em capital desde a década de 1990 e levaram 200 bilhões de dólares em lucro líquido em troca. O "lucro líquido" que eles tiraram da China não é nada além dos lucros criados pela classe trabalhadora chinesa, mas explorados pelo capital monopolista imperialista. A exploração de lucros pelo capital monopolista imperialista na China está se tornando mais massiva a cada dia.

Há uma visão de que a China alcançou um grande efeito de criação de empregos graças à sua abertura de mercado e reformas econômicas, já que o capital estrangeiro, incluindo capital monopolista imperialista, entrou na China e empregou 24 milhões de trabalhadores. No entanto, esta visão é superficial, pois oculta o fato de que o capital estrangeiro está explorando e pilhando trabalhadores chineses contratando-os como trabalhadores de baixo salário, conhecidos mundialmente por seus preços baixos.

À medida que a dominação do mercado e a obtenção de lucros do capital monopolista imperialista estão trazendo desastres, é natural que a China deva intervir para colocar os freios nisso. A adoção do projeto de lei anti-monopólio pelo Conselho de Estado chinês em 7 de junho de 2006 é uma medida para conter a dominação do mercado e a obtenção de lucros do capital monopolista imperialista.

O segundo desastre é a contradição que surgiu entre a economia de mercado capitalista e a política socialista. É inevitável que o sistema econômico capitalista, que gradualmente se expande ao desenvolver sua produtividade de acordo com os princípios da economia de mercado, caia em uma relação contraditória com o sistema político socialista mantido pelo partido socialista governante.

No entanto, o que é notável é que os Estados Unidos estão buscando uma política de engajamento imperialista em resposta às contradições entre a economia de mercado capitalista e a política socialista na China. A América imperialista fomenta o desenvolvimento da economia de mercado capitalista na China enquanto promove o enfraquecimento da política socialista. A promoção do desenvolvimento da economia de mercado capitalista leva ao enfraquecimento da política socialista, que é um princípio imutável na política dos Estados Unidos em relação à China.

A razão pela qual os Estados Unidos promovem o desenvolvimento da economia de mercado capitalista da China é porque acreditam que a mudança conflitiva inevitável nas relações de classe social e a resultante instabilidade social que resultarão do desenvolvimento de uma economia de mercado capitalista enfraquecerão o poder governante do Partido Comunista Chinês, o partido socialista governante, e podem, eventualmente, transformar a política socialista em política capitalista.

A mídia geral frequentemente se refere à promoção da economia de mercado capitalista da China pelos EUA como cooperação econômica entre a China e os EUA, ou como aprofundamento da interdependência econômica entre a China e os EUA.

No entanto, a realidade por trás desse fenômeno é a política de intervenção imperialista perseguida pelos Estados Unidos. A política de intervenção imperialista dos EUA em relação à China visa implementar plenamente a economia de mercado capitalista. Em uma palavra, a política de intervenção imperialista é o objetivo estratégico da globalização neoliberal que os Estados Unidos estão empurrando para frente no Leste Asiático.

De acordo com dados divulgados pelo Gabinete de Responsabilização Governamental (GAO), os Estados Unidos gastaram $39 milhões entre 2000 e 2004 para avançar a "democracia" na China. Quando os Estados Unidos dizem que estão avançando a "democracia" na China, isso significa que estão empurrando para frente uma política de intervenção imperialista para converter a política socialista da China em política capitalista. A "disseminação da democracia" perseguida pela América imperialista é o conteúdo central de sua política de intervenção imperialista. O propósito fundamental dos Estados Unidos, empurrando para frente uma política de intervenção imperialista na China, é converter a política socialista do PCCh em política capitalista ao estilo americano com um sistema multipartidário e eleições diretas como seu conteúdo central.

À medida que os Estados Unidos empurraram para frente sua política de intervenção imperialista, os brotos da "democracia ao estilo americano" começaram a crescer na China, que está sendo realizada sob o pretexto da chamada "reforma política". De acordo com relatos da mídia, o Partido Comunista da China tem conduzido eleições diretas nomeando um único candidato através de nomeação pública no processo de eleição dos secretários do comitê municipal e do comitê da cidade, que são as organizações de base do Partido no condado de Pingchang, província de Sichuan, desde 2001, e em 2003

expandiu este sistema de eleição ao estilo americano para algumas organizações partidárias locais na Cidade de Xuzhou, Província de Jiangsu.

A seriedade do problema reside no fato de que se a "reforma política" continuar a se expandir, há o risco de que a política socialista do Partido Comunista da China seja distorcida. Mikhail Gorbachev, que distorceu e colapsou a política socialista da União Soviética, também aconselhou a China a não fazer nada relacionado à democratização em seu artigo de entrevista publicado no jornal oficial do PCCh, Diário do Povo, e disse que percebeu profundamente que fortalecer a direção do partido é a coisa mais importante durante o período de reforma.

As desvantagens das políticas reformistas foram ainda mais marcantes no domínio das relações exteriores e assuntos militares, já que a China convidou oficiais dos EUA para seus exercícios militares em 2003 e 2005. Em junho de 2006, os jogos de guerra anti-RPDC provocativos "Valiant Shield" foram encenados pelos EUA no Oceano Pacífico sob os olhos de observadores chineses liderados pelo Contra-Almirante Zhang Leiyu, que falou sobre "um passo positivo nos laços militares China-EUA"[89]. Depois que a RPDC testou Taepodong-2 e outros mísseis no mês seguinte, a China votou a favor da resolução de sanções da ONU pela primeira vez; ela fez isso novamente em outubro de 2006, quando Pyongyang conduziu seu primeiro teste nuclear, e continuou seguindo este padrão hostil até 2017. Assim, de acordo com Han Ho Sok, "Jiang Zemin, da China, abandonou sua linha anti-imperialista e se moveu em direção a um caminho de reconciliação com os Estados Unidos" por considerações pragmáticas.

Em suas instruções a portas fechadas de 18 de junho de 2008, Kim Jong Il alertou que funcionários que confundiram o uso limitado de mercados na Coreia socialista por um passo em direção à economia de mercado "podem ser ofuscados pela 'reforma' ou 'abertura' de que os imperialistas se gabam e também serem capturados pela fantasia que a economia de mercado capitalista promete"[90]. A mesma postura foi expressa publicamente em seu artigo publicado pelo Rodong Sinmun em 5 de setembro de 2008, pelo 60º aniversário da fundação da RPDC:

Os reacionários imperialistas estão agora caluniando nossa República, a pátria do Juche, alegando que é "fechada" e "isolada", e estão fazendo tentativas fúteis de nos levar à "reforma" e "abertura". Nosso país nunca fechou suas portas, e mantém boas relações com muitos países, lar de bilhões de pessoas, ao redor do mundo, baseadas no respeito mútuo. Quanto à reforma, reformamos o sistema social ultrapassado de maneira revolucionária há décadas, e temos constantemente criado o novo e renovado o que é velho e atrasado. Na realidade, os imperialistas e reacionários são hostis ao nosso país e o estão bloqueando e tentando isolá-lo. A "reforma" e "abertura" que defendem

representam uma manobra para destruir e derrubar o socialismo ao nosso estilo. Tais manobras só piorarão suas relações conosco e estão condenadas ao fracasso.[91]

Depois que os Estados Unidos e outras forças hostis encontraram falhas no lançamento do satélite pacífico Kwangmyongsong-2 em abril de 2009, a RPDC se retirou permanentemente das Conversações das Seis Partes e procedeu ao seu segundo teste nuclear em maio, apesar da oposição chinesa. Em novembro de 2009, Kim Jong Il implementou medidas ousadas de troca de moeda para conter a inflação e confiscar lucros ilegais de especuladores e burocratas corruptos, destruindo as esperanças daqueles que esperavam que o país se desenvolvesse em uma economia de mercado.

Jo Song Hyon, um funcionário do Banco Central da Coreia, explicou ao Choson Sinbo, em 4 de dezembro de 2009: "Não estamos nos movendo em direção a uma economia de mercado livre, mas fortaleceremos ainda mais o princípio e a ordem da gestão econômica socialista. [...] No passado, a utilização do mercado foi parcialmente permitida porque o Estado não conseguia assegurar satisfatoriamente os suprimentos necessários para as atividades de produção das empresas conforme planejado. O mercado foi utilizado como um meio suplementar baseado no princípio da gestão econômica socialista. Acreditamos que, à medida que a capacidade do Estado se fortaleceu, o papel do mercado — que desempenhou sua função como meio suplementar — diminuirá gradualmente."[92]

Significativamente, essas manobras de linha-dura não pioraram as relações com Pequim. Em vez disso, 2009 foi declarado o "ano da amizade RPDC-China". Uma visão nuançada sobre a China foi expressa por Kang Sok Ju, Primeiro Vice-Ministro das Relações Exteriores da RPDC, durante uma entrevista com o jornalista italiano Piergiorgio Pescali em agosto de 2008: "O capitalismo não está na alma dos coreanos e nem dos asiáticos, ouso dizer. Na China, é verdade, há empurrões em direção a uma economia ao estilo capitalista, mas eles são mínimos e sociedades capitalistas no modelo americano ou europeu nunca surgirão. Somos asiáticos e também somos coreanos."[93]

Esta visão do famoso guerreiro diplomático brilhantemente antecipou o uso da herança confucionista por Xi Jinping para combater o individualismo ocidental. Kim Jong Il promoveu amizade com — e influência ideológica sobre — a China enfatizando o contexto cultural comum entre os dois países, como a ópera "O Sonho da Câmara Vermelha", baseada em um romance clássico da literatura chinesa, e o drama "A Sentinela sob uma Lâmpada de Neon" da era maoísta, reproduzido e apresentado no Grande Teatro de Hamhung em 2009.

De acordo com a ACNC, "O drama foi criado e apresentado na China na década de 1960. Através das atividades de uma unidade do Exército de Libertação Popular da China estacionada em Xangai logo após a libertação, o drama ensina uma lição séria de que é impossível defender até

mesmo a revolução triunfante quando infectado com a 'tendência de cheiro doce' do capitalismo e a verdade da história de que, se alguém quiser fazer a revolução, deve ter a clara consciência da classe trabalhadora e jamais baixar a arma da luta de classes."[94]

Durante um banquete com Hu Jintao em 27 de agosto de 2010, Kim Jong Il repetiu que "a China se desenvolveu rapidamente com forte vitalidade em todos os campos desde que começou a reformar e se abrir para o mundo exterior"[95]. No entanto, suas visitas à China em 2010-11, ao contrário das anteriores, ocorreram nas regiões do Nordeste, associadas à história da luta armada anti-japonesa por Kim Il Sung, e focaram em temas ideológicos e políticos comuns. Por que? Kim Hyon Hwan, diretor do Instituto da Ideia Independente, ofereceu uma interpretação fascinante:

> *É verdade que a China desenvolveu sua economia adotando políticas de reforma e abertura, mas também passou a enfrentar muitos problemas sociais. Estes incluem a lacuna entre ricos e pobres, desequilíbrios entre regiões e etnias, corrupção entre funcionários, decadência e depravação entre os jovens, todo tipo de crimes hediondos e a frouxidão ideológica dos quadros do Partido Comunista. Aproveitando estas lacunas, informantes das forças da coalizão imperialista têm subornado funcionários chineses e mobilizado cidadãos para se envolverem em atividades anti-governo distribuindo dólares americanos por toda a sociedade. Os protestos da Praça Tiananmen, a crise tibetana e a crise uigur de Xinjiang são bons exemplos. Além disso, como visto no recente "incidente do naufrágio do Cheonan", a estratégia das forças da coalizão imperialista de cercar a China foi ainda mais fortalecida. A liderança do Partido Comunista da China deve ter sentido um senso de crise de que se, as coisas continuassem assim, cairiam nos esquemas das forças da coalizão imperialista de dividir a China e ela entraria em colapso.*
>
> *Eu acho que a intenção real desta cúpula foi que, em meio a esse senso de crise, a China acreditava que tinha muito a aprender com o socialismo jucheano da Coreia do norte e convidou o presidente Kim Jong Il para ouvir os segredos. [...] Na verdade, o único país que travou uma luta dura contra a coalizão imperialista desde o colapso da União Soviética e do socialismo do Leste Europeu é a Coreia do norte. Com a China adotando uma economia de mercado e compartilhando interesses com os Estados Unidos, e assim se desviando de sua linha anti-imperialista, e com o colapso da União Soviética e do Leste Europeu, o Norte tem travado uma luta dura contra a coalizão imperialista centrada nos Estados Unidos sozinho pelos últimos 20 anos ou mais. Em uma situação em que até a China e a Rússia ocasionalmente simpatizaram parcialmente com a política de isolar e reprimir o Norte, o Norte travou uma luta anti-imperialista solitária e difícil por conta própria. O Norte até criticou a China e a Rússia, que ficam do lado dos Estados Unidos e concordam em impor sanções a ele, como "capangas americanos".*
>
> *A China, sentindo-se ameaçada pela crescente estratégia de cerco dos EUA contra si, precisava desesperadamente de ajuda do Norte, e havia uma necessidade urgente de aprender com a experiência do Norte de socialismo Juche, anti-imperialismo e luta pela*

> *independização mundial. Em outras palavras, a China sentiu a necessidade de fortalecer a frente anti-imperialista se unindo com o Norte e, internamente, havia uma necessidade urgente de fortalecer a luta revolucionária socialista. Eu acho que a visita do presidente Kim Jong Il à China desta vez foi feita a pedido da China de acordo com este entendimento.*[96]

A hipótese estava correta: em seu discurso na VI Sessão Plenária do XVII Comitê Central do PCCh de 18 de outubro de 2011, Hu Jintao disse que "devemos estar plenamente conscientes de que forças hostis internacionais estão intensificando esforços para implementar suas estratégias de ocidentalização e divisão da China, com ideologia e cultura sendo áreas-chave de sua infiltração de longo prazo"[97].

Essas conclusões haviam sido alcançadas pelo Partido do Trabalho da Coreia muito tempo antes e, em 2011, quando forças ocidentais tentaram exportar a "revolução do Jasmim" para lá, a China começou a redescobrir a importância da luta ideológica após mais de uma década de prioridade dada ao trabalho econômico. A nova situação instou os dois países a compartilharem experiências e unirem fileiras contra o inimigo comum, mas alguns obstáculos se erguiam no caminho.

6. O Expurgo de Jang: Um Candidato Manchuriano a Menos

No final da era Kim Jong Il, a RPDC havia restaurado e modernizado sua indústria pesada. Mas a agricultura e a indústria leve estavam ficando para trás e, como um jornalista chinês observou na época, "ela tem que depender de importações para 80% dos bens de consumo no curto prazo"[98].

Em janeiro de 2011, o Conselho de Ministros da RPDC adotou um Plano Estratégico Estatal de 10 Anos para o Desenvolvimento Econômico e "confiou ao Grupo de Investimento Internacional Korea Taepung a tarefa de implementar totalmente os principais projetos sob o plano estratégico". Liderado por Pak Chol Su, um empresário coreano na China, o Grupo Taepung coordenou investimentos estrangeiros na RPDC de países como Cingapura, Coreia do Sul e, especialmente, China. Estas circunstâncias, juntamente com o restabelecimento de uma ZEE em Sinuiju (2013), a revitalização da cidade de Rason (2010) e novos projetos nas ilhas Hwanggumphyong e Wihwa (2011), levaram muitos observadores externos a acreditar que o país estava sob influência chinesa.

Tais rumores foram alimentados por fontes de outra forma bem informadas como Felix Abt e Kenji Fujimoto. Até Yang Hyong Sop, um membro de longa data do Bureau Político, durante uma entrevista à Associated Press em 16 de janeiro de 2012, "disse que o novo líder estava focado em uma economia 'baseada no conhecimento' e olhando para reformas econômicas promulgadas por

outras nações, incluindo a China"[99]. Kim Jong Un dissipou pessoalmente os rumores em uma conversa a portas fechadas com o Comitê Central do PTC, em 21 de julho de 2012:

> *Agora, os inimigos estão tentando destruir a unidade de nosso Partido e povo fazendo comentários maliciosos como que realizaremos algum tipo de "reforma" ou "abertura". [...] As ambições agressivas dos imperialistas que querem tomar outros países nunca mudarão. A postura anti-imperialista é a postura fundamental que estamos mantendo na luta para defender e sustentar o socialismo, e isso não mudará no futuro. Devemos manter firmemente a postura revolucionária opondo-se ao imperialismo e completar a causa da revolução Juche até o fim.*[100]

Estudiosos estrangeiros, recorrendo aos métodos especulativos de investigação da "Kremlinologia", criaram a teoria de que Kim Jong Un foi colocado sob a tutela de um "grupo de regência" formado por Kim Kyong Hui, Choe Ryong Hae e Jang Song Thaek, sendo este último visto como "o homem da China em Pyongyang". No entanto, sinais de uma divisão dentro da liderança surgiram já quando Kim Jong Un conversou com funcionários do Partido e do Estado sobre administração de terras em 27 de abril de 2012:

> *Algumas pessoas estão agora tentando desenvolver os valiosos recursos subterrâneos do país aleatoriamente com esta ou aquela desculpa e exportá-los por uma quantidade mínima de moeda estrangeira. Esta é uma atitude que carece de visão de futuro e uma expressão de falta de patriotismo. Um sistema rígido deve ser estabelecido de triagem e aprovação do desenvolvimento de recursos subterrâneos pelo Ministério do Desenvolvimento de Recursos Naturais do Estado e pelo Comitê não-permanente de Desenvolvimento de Recursos Subterrâneos para garantir que a exploração não autorizada ou disruptiva de recursos subterrâneos não aconteça.*[101]

O mundo só saberia quem eram essas "algumas pessoas" mais tarde, mas por que elas estavam agindo daquela maneira? Funcionários corruptos conluiaram com empresas estrangeiras como o Grupo Xiyang, um conglomerado de mineração da China que havia assinado um contrato de joint venture com a Corporação Ryongbong para extração de minério de ferro na Mina de Musan em 2007.

Tendo subornado funcionários de nível médio para obter uma participação privilegiada, empresários chineses esperavam um lucro monopolista da venda de minério não-processado para fundições da Manchúria. A extração começou em abril de 2011, mas, em setembro, uma disputa sobre taxas de uso de recursos eclodiu e a produção foi suspensa. Após negociações infrutíferas, o Grupo Xiyang foi eventualmente expulso da RPDC em fevereiro de 2012 e suas instalações foram nacionalizadas.

Em 2 de agosto de 2012, os investidores chineses divulgaram sua versão da história na Internet, alegando que haviam sido enganados, e isso ganhou atenção da mídia. Um porta-voz da Comissão da RPDC para Joint Venture e Investimento respondeu em 5 de setembro de 2012:

> *Com relação ao tratamento do preço de venda dos produtos de teste, o Grupo insistiu em sua proposta obstinada de liquidar suas dívidas dentro das fronteiras da China, desconsiderando os procedimentos no tratamento de preços de acordo com as normas relevantes de gestão financeira. [...]*
>
> *Nós iremos, no futuro também, melhorar e aperfeiçoar o ambiente de investimento para expandir ainda mais as relações internacionais de investimento para atender à demanda dos tempos em desenvolvimento e às exigências legais das relações internacionais de investimento sob a condição de que a segurança do país seja garantida pela força do Songun.*[102]

A campanha midiática do Grupo Xiyang foi lançada poucos dias antes da terceira reunião do Comitê de Orientação RPDC-China, onde a Coreia foi representada por ninguém menos que Jang Song Thaek, e chegou até as páginas do Global Times, num aparente aceno de Pequim aos seus empresários que desejavam condições de investimento mais favoráveis em Rason. O primeiro-ministro Wen Jiabao recomendou a Jang "deixar o mercado desempenhar seu papel criando condições favoráveis para terra e impostos"[103].

Como um plano-mestre para desenvolver a Zona de Comércio Econômico de Rason foi adotado na reunião, um aumento no comércio e atividades de joint venture entre China e Coreia foi observado nos meses seguintes. No entanto, funcionários da RPDC enfatizaram que empresas chinesas não iriam desfrutar de privilégios especiais:

> *Enquanto isso, muitos estrangeiros estão preocupados com a extensão da influência da China, e um funcionário do Comitê Popular da Cidade de Rason disse o seguinte sobre isso: "Rason é um Rason para a Coreia".*
>
> *Um acordo importante foi alcançado entre a Coreia e a China, e a construção de infraestrutura está em pleno andamento. E entre as cerca de 110 empresas que já investiram na zona, as empresas chinesas constituem a maioria. Entretanto, empresas chinesas que investem na zona não recebem nenhum privilégio especial. O caminho para o investimento está aberto a todos os estrangeiros.*
>
> *Além disso, o desenvolvimento da zona não é a chamada "reforma e abertura" que a mídia ocidental discute, nem é o socialismo ao estilo chinês. Está sendo promovido para proteger a Coreia socialista à nossa própria maneira e torná-la ainda mais próspera.*[104]

Em particular, ao explicar o propósito e mecanismo das joint ventures em duas entrevistas de outubro de 2012 e novembro de 2013, o Vice-Diretor do Comitê de Investimento Conjunto de Rason, Yun Yong Sok, descartou a possibilidade de privatizações e até se referiu à lacuna de riqueza entre áreas costeiras e regiões do interior na China como um exemplo negativo:

> *Quando uma joint venture é estabelecida, o prazo de existência é definido. Se houver um acordo mútuo, o contrato pode ser prorrogado, mas quando o contrato expirar, a empresa será operada como uma empresa coreana. Encorajamos o investimento estrangeiro e fornecemos condições para que as joint ventures operem livremente, mas isto não muda a propriedade dos meios de produção ou o sistema econômico do país.*[105]

> *Olhando para as experiências de outros países, há casos em que muitas zonas econômicas especiais são criadas, tornando difícil para o país fornecer orientação e gestão unificadas, e, como resultado, há lacunas sérias entre regiões. Zonas de desenvolvimento criadas em áreas favoráveis se desenvolvem rapidamente, enquanto aquelas que não o fazem não alcançam resultados. Na Coreia, o Estado coordenará desde o início para que todas as zonas de desenvolvimento se desenvolvam de maneira equilibrada. Para este fim, medidas preferenciais diferentes podem ser implementadas para cada zona de desenvolvimento. Através disso, garantiremos um bom equilíbrio entre regiões e setores da economia.*[106]

Esses limites estabelecidos pela RPDC estavam em desacordo com os desejos da liderança chinesa, que flexibilizou a censura contra notícias falsas sobre Kim Jong Un em sua mídia, e foi, assim, atacada pela ACNC em janeiro de 2013.

Desacordos estratégicos rapidamente escalaram à medida que os Estados Unidos atacaram a RPDC pelo lançamento do satélite Kwangmyongsong 3-2, a China novamente votou a favor de sanções e Pyongyang reagiu realizando seu terceiro teste nuclear em 12 de fevereiro de 2013. Zhang Liangui, um especialista em Coreia do Norte na Escola do Partido do Comitê Central do PCCh, abordou as fissuras na aliança no Global Times:

> *O Norte até criticou a China sem nomeá-la explicitamente em uma declaração: "Aqueles grandes países, que são obrigados a liderar na construção de uma ordem mundial justa, estão abandonando sem hesitação até mesmo princípios elementares, sob a influência das práticas arbitrárias e da mão pesada dos EUA, e falhando em recuperar o juízo."*

> *A Coreia do norte nunca se importou com a atitude da China. Quando precisa da assistência da China, agrada-a dizendo palavras lisonjeiras como as conquistas da China em sua reforma e abertura. Mas depois de conseguir o que quer, mostraria indiferença à política. [...]*

> *A Coreia do norte costumava contar com a China para protegê-la da ameaça dos EUA e da pressão do Conselho de Segurança da ONU. Quando a China não fez o que o Norte queria, ele se tornaria hostil, como fez desta vez.*[107]

Alguns teóricos chineses esperavam que a RPDC adotasse automaticamente sua política de reforma e abertura, vista como o único caminho para o desenvolvimento: "Se insistirmos que a reforma e abertura é a rota que um país deve seguir para riqueza e poder, a Coreia do norte, com o tempo, acabará seguindo este caminho. Há um padrão regular no desenvolvimento do mundo. Não importa que tipo de modelo de governança seja adotado, se um país seguir a tendência geral, será próspero; se não o fizer, desaparecerá. Este padrão básico não mudará."[108]

O incidente mais sério ocorreu quando o Financial Times publicou um artigo de Deng Yuwen — editor adjunto do Study Times, o jornal da Escola Central do Partido do PCCh — pedindo abertamente que a China abandonasse a RPDC. "Embora ambos os países sejam socialistas, suas diferenças são muito maiores do que aquelas entre a China e o Ocidente" — escreveu ele, e continuou:

> *A Coreia do norte não se reformará nem se abrirá para o mundo. A comunidade internacional uma vez esperou que Kim Jong Un impulsionasse reformas depois de assumir o poder em 2011, e a Coreia do norte parecia mostrar sinais de tal movimento. Mas mesmo que ele pessoalmente tivesse a vontade de fazê-lo em pequena escala, o grupo governante do país absolutamente não lhe permitiria. Uma vez que as portas da reforma se abrissem, o regime poderia ser derrubado. Por que a China deveria manter relações com um regime e um país que enfrentarão o fracasso mais cedo ou mais tarde? [...]*
>
> *Considerando estes argumentos, a China deveria considerar abandonar a Coreia do norte. A melhor maneira de desistir de Pyongyang é tomar a iniciativa para facilitar sua unificação com a Coreia do Sul. [...] A próxima melhor coisa seria usar a influência da China para cultivar um governo pró-Pequim na Coreia do norte, para lhe dar garantias de segurança, empurrá-lo a desistir das armas nucleares e começar a se mover em direção ao caminho de desenvolvimento de um país normal.*[109]

Deng Yuwen foi demitido de seu cargo porque seu ataque foi considerado excessivo, mas o próprio fato de ele ter sido ousado o suficiente para publicar tal peça anti-RPDC mostra que suas visões não eram um humor isolado dentro da liderança chinesa. Isto é confirmado por como Pequim reagiu ao expurgo de Jang Song Thaek.

Jang foi politicamente marginalizado ao ser nomeado presidente da bastante simbólica Comissão de Orientação de Cultura Física e Esportes do Estado em 4 de novembro de 2012 — pouco depois de sua visita à China — e, após meses de manobras nos bastidores, foi expulso do

Partido e preso durante uma reunião ampliada do Bureau Político do Comitê Central em 8 de dezembro de 2013. Ele foi julgado por um tribunal militar especial do Ministério de Segurança do Estado da RPDC e sentenciado à morte por tentativa de subversão do Estado e vários atos de corrupção.

Como evidenciado no relatório da ACNC sobre o julgamento e em uma entrevista subsequente a Kim Jong Ha, novo diretor do secretariado do Conselho de Ministros, alguns dos crimes de Jang envolviam a China:

> *Ele instruiu seus lacaios a vender carvão e outros recursos subterrâneos preciosos aleatoriamente. Consequentemente, seus confidentes ficaram sobrecarregados com enormes dívidas, enganados por corretores. Jang não hesitou em cometer tal ato de traição em maio passado como vender a terra da zona econômica e comercial de Rason para um país estrangeiro por um período de cinco décadas sob o pretexto de pagar essas dívidas. [...]*
>
> *Ele pegou pelo menos 4,6 milhões de euros de seus cofres secretos e os desperdiçou somente em 2009 e se divertiu em cassino em um país estrangeiro. [...] Jang sonhava um sonho tão tolo que, uma vez que tomasse o poder por um método vil, suas desprezíveis cores verdadeiras como "reformista" conhecidas pelo mundo exterior ajudariam seu "novo governo" a ser "reconhecido" por países estrangeiros em um curto espaço de tempo.*[110]
>
> *Tanto o setor de metais quanto o químico usam carvão como matéria-prima e combustível. Entretanto, Jang Song Thaek, que abrigava delírios de tomar o poder, fez seu departamento controlar setores econômicos importantes, neutralizou o Conselho de Ministros e fez seus subordinados venderem recursos subterrâneos valiosos a preços baixos e se endividarem.*
>
> *A política consistente de nosso país é não vender recursos subterrâneos como estão, mas produzir e exportar produtos através de processamento secundário e terciário. Os faccionalistas ignoraram isso e apenas criaram confusão. Se aquele carvão tivesse entrado adequadamente em fábricas e empresas em todo o país, a economia teria sido mais revitalizada e o país teria ganho mais benefícios. Os fundos do país são retornados para melhorar a vida das pessoas.*[111]

O país estrangeiro para o qual Jang vendeu carvão não-processado não era outro senão a China. Esta prática já havia sido equiparada a traição por Kim Jong Il em 1995: “É um crime grave vender por quase nada as matérias-primas brutas produzidas pelo suor do nosso povo, ajudando os capitalistas a encher seus bolsos. Se continuarmos a vender matérias-primas não-processadas, nosso país pode se transformar em uma base de fornecimento de matérias-primas para capitalistas

monopolistas. Vender matérias-primas não-processadas por uma pequena quantidade de moeda estrangeira equivale a traição."[112]

Jang Song Thaek gastou o dinheiro de suborno que recebeu em troca dessa "traição" em cassinos chineses e, da mesma forma, tentou vender a terra da ZEE de Rason para a China a fim de pagar as dívidas artificialmente criadas em tal esquema de corrupção. A China também era o país estrangeiro onde ele era mais amplamente conhecido e que teria acolhido sua agenda reformista de desistir de armas nucleares e abrir a Coreia ao capital estrangeiro.

Como Pequim reagiu à repressão repentina? Em 9 de dezembro de 2013, o porta-voz do MRE Hong Lei comentou sobre o expurgo: "Isto é assunto interno da RPDC. Como vizinho amigável, esperamos ver estabilidade nacional, desenvolvimento econômico e pessoas vivendo em felicidade na RPDC. A China permanecerá comprometida em promover sua relação tradicional, amigável e cooperativa com a RPDC."[113] Em 13 de dezembro, ele abordou a execução de Jang quase com as mesmas palavras, mas descreveu a China apenas como "vizinho"[114] da Coreia, em vez de "vizinho amigável", e omitiu a última frase.

O governo chinês manteve uma postura neutra, mas artigos do Global Times observaram que uma parte — supostamente a maioria — da sociedade chinesa via as políticas de Jang positivamente e estava desapontada com o expurgo:

> *Alguns norte-coreanos, com uma mentalidade fortemente nacionalista, acreditam que as políticas de Jang são algo como vender os recursos do país a preços baratos e "jogar o sistema de gestão financeira do Estado em confusão", como a mídia estatal alegou.*[115]
>
> *Jin Qiangyi, diretor do Centro de Pesquisa da Ásia na Universidade de Yanbian, disse ao Global Times que o veredito deu uma indicação da postura de Pyongyang sobre abrir a economia, mostrando que linhas-duras se opondo à política estão ganhando a mão superior.*[116]
>
> *É certo que a China escolha não interferir nos assuntos internos da Coreia do norte, especialmente aqueles relacionados à geometria do poder político de Pyongyang. Mas como a sociedade chinesa tem sido diversificada há muito tempo, é impossível para o governo chinês unificar as atitudes sociais em relação à Coreia do norte.*
>
> *A maioria do público aqui mantém uma atitude negativa em relação aos eventos recentes em Pyongyang. Isto pode impor algumas restrições aos laços sino-coreanos. A ajuda chinesa à Coreia do norte pode enfrentar mais questionamentos, e a interação de base pode perder algum impulso. [...]*

> *A China nunca mudou sua atitude de não interferir nos assuntos domésticos da Coreia do norte, mas isso não significa que o público chinês não possa expressar suas opiniões sobre a morte de Jang. Se a Coreia do norte tiver tal exigência, não é a atitude adequada que Pyongyang deveria ter em relação a uma potência mundial.*[117]

Estas opiniões não poderiam ser expressas em um momento menos apropriado. Como a mídia sul-coreana havia relatado imprudentemente sobre o expurgo de Jang antes do anúncio da ACNC, funcionários de inteligência em Seul tiveram que admitir que as acusações contra ele estavam corretas: Jang Song Thaek era, de fato, “parte do grupo de renegados e traidores no campo do trabalho juvenil subornado por inimigos” em 1996, e um cúmplice de Hwang Jang Yop na trama de um golpe militar que implicava “o assassinato de Kim Jong Il”[118]; seu plano foi descoberto antecipadamente e Hwang desertou às pressas — via embaixada sul-coreana em Pequim — enquanto Jang foi capaz de se esgueirar naquela época.

Apesar desses fatos serem reconhecidos por amigos e inimigos, uma parte da sociedade chinesa "diversificada" — que inclui forças capitalistas interessadas na exploração monopolista de recursos da RPDC, com as quais Jang coniveu — expressou pesar pelo destino do “traidor de todas as eras”. Zhang Liangui, um professor na Escola do Partido do Comitê Central do PCCh, disse que "quando uma questão como esta emerge na Coreia do norte, e eles usam este tipo de método cruel para resolver a questão, sinto-me realmente chocado"[119].

Isto não pôde deixar de semear mais desconfiança entre os dois países. Pior ainda, de acordo com o editorial do Global Times de 14 de dezembro de 2013, "a China espera sinceramente que a Coreia do norte possa realizar estabilidade abrangente em breve, e acumular impulso para reforma e abertura". A liderança chinesa insistiu em recomendar à RPDC uma estratégia de desenvolvimento baseada em investimentos estrangeiros que, como apontado em um artigo da Universidade Kim Il Sung, fez a maioria dos países que a adotaram — seguindo o exemplo da China — ficarem presos na “divisão internacional do trabalho” e sujeitos à exploração imperialista:

> *Além disso, à medida que os países socialistas do Leste Europeu entraram em colapso, muitos países em desenvolvimento adotaram as políticas de "reforma" e "abertura", e uma grande porção do investimento internacional de países capitalistas desenvolvidos fluiu para esses países.*
>
> *Países em desenvolvimento que eram relativamente atrasados em ciência e tecnologia aceitaram ativamente investimento de capital de países capitalistas desenvolvidos, dizendo que introduziriam tecnologia avançada, modernizariam a indústria e criariam novos setores industriais e empresas.*

Em particular, países imperialistas fizeram a transição de indústrias intensivas em trabalho para indústrias intensivas em tecnologia no final do século XX, e novas indústrias de serviços surgiram em larga escala. A partir deste ponto, corporações multinacionais fizeram investimentos diretos em larga escala em países em desenvolvimento sob o pretexto de garantir recursos, construir indústrias intensivas em trabalho e transferir tecnologia para aumentar lucros, acelerando, assim, a divisão internacional do trabalho. Como resultado, a participação do investimento direto internacional em países em desenvolvimento aumentou de 17,8%, em 1990, para 29,7% em 1999, com 52% concentrados na região Ásia-Pacífico e 34,7% na região caribenha da América Latina.

No entanto, isto não é nada mais do que um esquema astuto de potências imperialistas para conquistar dominância global e operar negócios de acordo com sua vontade enquanto fortalecem a exploração e pilhagem. Na verdade, o investimento direto de potências imperialistas em países em desenvolvimento trouxe parcialidade e unilateralidade na economia daqueles países, falindo indústrias nacionais e enfraquecendo a independência econômica.[120]

Baseada nesta avaliação geral negativa das experiências de "abertura" no mundo, Pyongyang não seguiu os conselhos chineses. Projetos de cooperação econômica associados a Jang Song Thaek foram silenciosamente abandonados ou muito desacelerados e, enquanto as primeiras treze zonas de desenvolvimento econômico estabelecidas em 2013 foram seguidas por outras seis em 2014, uma em 2015 e mais uma em 2017, o controle centralizado foi reafirmado.

Um breve mergulho na literatura econômica da RPDC mostra que, ao contrário dos anos 2000, quando o país estava ansioso para fazer concessões, o foco estava, agora, em vigilância aumentada contra a possível infiltração de elementos não-socialistas:

Em uma zona econômica e comercial, nenhum método ou ordem de gestão financeira que possa prejudicar os interesses políticos e econômicos do Estado deve ser permitido, e elementos capitalistas, que podem prejudicar a imagem do sistema socialista, não devem se infiltrar no setor financeiro.[121]

Somente organizando joint ventures e cooperação a partir da posição jucheana podemos defender e sustentar os interesses do país e da nação, fazer uma contribuição real para a revolução e a construção, bloquear a invasão de venenos ideológicos prejudiciais como o capitalismo e o revisionismo, e superar com sucesso todos os tipos de fenômenos negativos.[122]

Ao organizar joint ventures e cooperação, devemos determinar os alvos adequadamente com base nas condições reais e interesses de nosso país. Em vez de selecionar os alvos como setores secundários ou empresas ou fornecer trabalho e vender matérias-primas e

combustível, ou aliviar os capitalistas do fardo da renovação tecnológica e apenas encher seus bolsos, devemos selecionar alvos que possam receber tecnologia de ponta no processo de conduzir joint ventures e cooperação. E devemos calcular cuidadosamente qual forma entre joint ventures e cooperação pode fazer a tecnologia do investidor nossa em um curto período de tempo e fornecer ajuda substancial na construção de uma potência econômica e melhorar os padrões de vida das pessoas.[123]

Em nosso país hoje, joint ventures e cooperação são realizados principalmente entre órgãos e empresas da RPDC e empresas de países que operam segundo a economia de mercado. Portanto, ao conduzir joint ventures e cooperações, questões fundamentais incluindo aderir estritamente aos princípios socialistas e prevenir que o capitalismo invada nosso país devem inevitavelmente ser apresentadas.

Joint ventures e cooperações devem ser organizadas praticamente a partir da posição jucheana de acordo com as políticas do Partido para que possam contribuir para o desenvolvimento da economia do país aceitando tecnologias avançadas.

Organizar joint ventures e cooperações a partir da posição jucheana significa organizá-las de uma maneira que seja vantajosa para o desenvolvimento da economia do país com uma atitude de mestre em relação à revolução e construção do próprio país, e organizá-las praticamente significa organizá-las para que possam realmente contribuir para a prosperidade e desenvolvimento do país e a vida das pessoas no princípio de aceitar tecnologias avançadas de outros países.[124]

Como o pessoal de contabilidade financeira de empresas de investimento estrangeiro tem conexões de negócios com investidores de outros países que estão impregnados de individualismo e estilos de vida capitalistas, se eles são fracos em seus princípios e se entregam a desejos materiais em seus negócios, podem facilmente ser contaminados pela ideologia e cultura do capitalismo. Se isto acontecer, a ordem de contabilidade financeira de empresas de investimento estrangeiro será perturbada, a política econômica externa do Partido não poderá ser implementada com precisão, e os interesses do Estado serão infringidos.

O pessoal de contabilidade financeira de empresas de investimento estrangeiro deve estabelecer um alto nível de consciência de classe e um espírito de cumprimento da lei, habituar-se a conduzir negócios apenas de acordo com as demandas de política do Partido e as leis, regulamentos e ordem do Estado em relação a relações de investimento estrangeiro, e nunca permitir nenhuma prática que viole as regras de contabilidade financeira de empresas de investimento estrangeiro ou qualquer prática não-socialista que infrinja os interesses do Estado.[125]

O Artigo 56 dos Regulamentos para Trabalho em Parques de Desenvolvimento Econômico (12 de dezembro de 2013) estipula: "No caso de uma empresa ter obtido lucro ilegalmente em

violação desses regulamentos, o lucro será confiscado de acordo com os procedimentos prescritos." E se os Regulamentos sobre Proteção Ambiental em Parques de Desenvolvimento Econômico (19 de fevereiro de 2014) forem violados, de acordo com seu Artigo 67, toda a propriedade será confiscada.

Tais regulamentos rigorosos desencorajaram capitalistas de risco procurando lucro fácil e vigaristas desonestos de investir na RPDC. Especialmente desde que a Resolução 2375 do Conselho de Segurança da ONU baniu todas as joint ventures em setembro de 2017, ZEEs e ZDEs foram confinadas a um papel marginal na economia do país, sendo mencionadas no relatório do orçamento estadual apenas em 2015 e 2017. Esta situação criou desafios adicionais no caminho do desenvolvimento, mas também empurrou a Coreia a construir capacidades ainda mais autossuficientes e a permitiu exercer um grau de independência que nenhum outro país no mundo poderia desfrutar.

7. Inclinando a Balança da História com as Armas Nucleares

Em seu discurso na VIII Conferência de trabalhadores ideológicos do Comitê Central do PTC de 25 de fevereiro de 2014, ao condenar o derrotismo que formou o terreno fértil para a facção Jang Song Thaek, Kim Jong Un afirmou: "Hoje, o caminho do socialismo e a inevitabilidade de sua vitória dependem da luta dos revolucionários da Coreia."[126]

A RPDC via a si mesma como a vanguarda do movimento socialista mundial, como o país que preservou o sistema original do socialismo sem fazer compromissos com o capitalismo e cuja posição geopolítica estratégica poderia ser usada para influenciar seus poderosos vizinhos que estavam lentamente voltando aos trilhos da independência anti-imperialista. Os comunistas coreanos estavam observando atentamente os novos processos se desdobrando na China sob Xi Jinping, especialmente sua campanha anticorrupção.

A mídia oficial não comentou, em conformidade com o princípio de não-interferência, mas organizações coreanas no exterior com laços estreitos com a RPDC não puderam deixar de notar a ruptura com o passado e se alegrar com isso. O Dr. Ryu Tae Yong do Minjok Tongshin, uma mídia digital de coreanos pró-RPDC vivendo nos EUA, expressou este Estado de espírito em 29 de fevereiro de 2015:

> *O capitalismo americano havia se infiltrado profundamente no Partido Comunista da China, transformando-o em uma toca de corrupção. [...] A corrupção que penetrou profundamente no PCCh devido à infiltração da política corrupta capitalista ao estilo americano finalmente foi completamente exposta.*

Hoje, a China tem o Presidente Xi Jinping, que declarou que irá "erradicar tudo, desde tigres até moscas" da corrupção do capitalismo ao estilo americano que se infiltrou até mesmo no Partido Comunista. A linha de reforma política anti-americana e anti-imperialista do Presidente Xi Jinping está se tornando mais sólida.[127]

Esta opinião foi compartilhada por Ri Chang Gi, um jornalista proeminente da Coreia do Sul que desafiou a "Lei de Segurança Nacional" defendendo a RPDC, em um artigo de 30 de agosto de 2015 que observou como expurgos anticorrupção estavam mirando as forças neoliberais e pró-Ocidente que prosperaram sob Jiang Zemin, a chamada "facção de Xangai", que foi considerada responsável por deixar a RPDC sozinha na década de 1990:

O socialismo só pode ser mantido quando as pessoas incorporam o desejo de se devotar ao coletivo e à sociedade em vez de a si mesmas, e quando viver desta maneira se torna sua natureza como felicidade e realização. O núcleo do país, isto é, os membros do partido, assim como a maioria das pessoas, devem ser assim para serem mantidos. No entanto, a facção de Xangai, que se tornou tão podre por dinheiro e fama, usa orgulhosamente os títulos de membros do Comitê Central do Partido Comunista da China e assim por diante, e não posso deixar de rir alto.

No momento em que seus olhos se voltam para o dinheiro, sua consciência política pura começa a murchar. Onde estava o grande homem que se dedicou ao seu país e povo sem tratar o ouro como uma pedra? A China, liderada por políticos corruptos como a Gangue de Xangai, pode ter alcançado crescimento econômico chamativo por fora, mas é claro que está cheia de pus até o osso. Se as coisas continuassem assim, era apenas uma questão de tempo antes que a China se tornasse presa da coalizão imperialista que a estava observando.

É fácil entender quem guiou a Gangue de Xangai por este caminho de corrupção. Quem eram as forças que esconderam e gerenciaram o dinheiro sujo da Gangue de Xangai e obtiveram lucros enormes? Não eram as potências financeiras globais? Não eram eles os verdadeiros controladores da coalizão imperialista global centrada nos Estados Unidos? Estas forças corruptas na China não se uniram com as forças da coalizão imperialista para colapsar a União Soviética e forçar o Norte na Marcha Árdua?[128]

Um breve comentário do Choson Sinbo de 4 de julho de 2016 também notou como a política cultural chinesa estava assumindo tons cada vez mais anti-americanos (e, portanto, pró-RPDC) sob Xi Jinping, recordando a história da guerra da Coreia no drama "Paralelo 38":

A razão pela qual o drama "Paralelo 38" tem grande significado político é que, desde a década de 1970, quando a China estava perseguindo reforma e abertura, ela havia se abstido de produzir filmes ou dramas sobre a Guerra da Coreia para evitar provocar os

Estados Unidos, mas mudou sua política por ocasião do 65º aniversário da Guerra da Coreia. O que é importante é que este drama define a Guerra da Coreia na China como uma "guerra para resistir à América e apoiar a Coreia", em outras palavras, uma guerra justa lutada junto com a Coreia para se opor à guerra de agressão da América, e foi produzido baseado completamente em fatos históricos.

Em 2010, quando era vice-presidente, o Presidente Xi Jinping definiu a Guerra da Coreia como uma "guerra justa contra a agressão", mas depois de enfrentar forte oposição do regime conservador na Coreia do Sul, absteve-se de fazer tais observações. No entanto, ele mostrou uma determinação firme de não mais ter medo de "provocar" os Estados Unidos, que está delirante sobre sua política internacional de bloqueio e supressão da China. Parece que a realidade de pressionar a China sob o pretexto do "nuclear da Coreia do norte" e empurrar para a implantação do THAAD na Coreia do Sul, que visa principalmente a China, também está em ação.

É louvável que a China, que se acostumou a observar os EUA, esteja, agora, tentando identificar claramente quem é o agressor e quem está ameaçando a paz da Península Coreana. [...] A China sabe muito bem que a própria revolução chinesa é impensável sem o sacrifício e apoio do povo coreano. Isto não deve ser negligenciado.[129]

No entanto, o tempo ainda não estava maduro para uma restauração completa da aliança combativa RPDC-RPC. Em 10 de dezembro de 2015, ao inspecionar o Local Revolucionário de Phyongchon, Kim Jong Un anunciou que a Coreia estava "pronta para detonar bomba A e a bomba H capazes de defender confiavelmente sua soberania e a dignidade da nação"[130].

As autoridades chinesas expressaram sua desaprovação enviando funcionários de baixo escalão para assistir à apresentação da Banda Moranbong que, por sua vez, cancelou seus concertos programados em Pequim devido a "problemas de comunicação" e voltou apressadamente para casa. A RPDC testou sua primeira bomba H em 6 de janeiro de 2016 e lançou o satélite Kwangmyongsong-4 em 2 de fevereiro. O Conselho de Segurança da ONU condenou ambos os atos em sua resolução de sanções de 2 de março, adotada com voto favorável da China.

No dia seguinte, Choson Sinbo publicou uma análise crítica do Prof. Jong Ki Ryol da Universidade Qinghua sobre a política chinesa, sua evolução ao longo do tempo e suas contradições internas:

O processo de "reforma" e "abertura" (nas palavras "economia de mercado com características chinesas") que começou após o estabelecimento de relações diplomáticas entre a China e os EUA em 1979 na verdade não era nada mais do que o processo de rápida "capitalização" (ou "Americanização") da China. Na época, o Partido Comunista da China estava em um caminho que não tinha nada a ver com anti-imperialismo e

independência, apesar da razão. Como é bem conhecido, a teoria de reforma e abertura da liderança chinesa era a Teoria do Gato de Deng Xiaoping. [...]

Como Hu Jintao admitiu em 2011, a China, que se ocidentalizou/americanizou rapidamente na guerra do imperialismo cultural (Soft Power), também continuou a se afastar de maneira cambaleante durante o período de reforma e abertura do princípio de anti-imperialismo e independência. [...] Recentemente, a situação explosiva no Mar do Sul da China parece ter enfraquecido a posição das forças subservientes pró-americanas, que compõem a maioria do Partido Comunista da China. É indiscutível que a estratégia de hostilidade anti-China frenética de Washington e sua estratégia flagrante de cerco, isolamento e supressão nos últimos anos estreitaram ainda mais a posição das forças pró-americanas dentro do Partido. [...]

Claro, o problema da Ocidentalização/Americanização (Hu Jintao) que é desenfreado dentro do Partido, do Estado e da sociedade, e especialmente a existência de forças subservientes pró-americanas enraizadas em instituições importantes representativas da sociedade chinesa (como universidades, mídia, finanças e institutos de pesquisa) que deveriam desempenhar o papel central/cerebral do Estado, não será facilmente resolvido. Levará muito tempo para resolver. As forças pró-americanas, cuja posição se estreitou, simplesmente se abaixaram por um momento hoje enquanto observam o desenvolvimento da situação. Eles ficarão esperando o momento certo novamente e recuperando o fôlego por um tempo.

Apesar da "complexa e multifacetada luta ideológica dentro do Partido que continuou ao nível de uma guerra silenciosa" durante o processo de reforma e abertura, a China está se voltando para a independência anti-imperialista.[131]

A RPDC nunca se afastou desse caminho e estava continuando a marcha em ritmo acelerado. Em seu relatório ao VII Congresso do PTC de 6-7 de maio de 2016, ao revisar a história da resiliência da Coreia contra o imperialismo nas décadas de 1990-2000, Kim Jong Un declarou orgulhosamente:

Nosso Partido dominou resolutamente os imperialistas e esmagou sua pressão e desafios ultrajantes respondendo com a contramedida mais dura de brandir uma espada quando o inimigo sacava uma faca e apontar um canhão quando apontavam uma arma. Com o espírito das armas do Songun, levantou um escudo ao vento indecente do liberalismo burguês e de "reforma" e "abertura" soprando ao nosso redor, permitindo-nos avançar direto ao longo do caminho do socialismo, como escolhemos.[132]

A escolha de palavras não foi, novamente, casual. Bai Yunyi do Global Times, um dos cerca de 100 repórteres estrangeiros convidados para cobrir o congresso do Partido, descreveu a atmosfera social em Pyongyang e a atitude dos cidadãos comuns em relação à China:

Embora muitos norte-coreanos me dissessem que acreditam na amizade China-Coreia, eles não estavam dispostos a comparar a Coreia do norte com a China ao falar sobre reformas econômicas.

Um funcionário público norte-coreano me disse: "Cada país tem um caminho de desenvolvimento que se adequa a si mesmo."

Eu vi o "fóssil vivo" da economia planificada da Coreia do norte, na qual os trabalhadores estavam trabalhando duro "para abraçar o VII Congresso do PTC" e ainda recebem salários alocados e bens de primeira necessidade do Estado.

Alguns disseram que a Coreia do norte está passando por reforma econômica de portas fechadas, diferente da China. Mas uma coisa é clara: dentro deste país, os militares ainda vêm em primeiro lugar.[133]

Se a economia planificada da RPDC era um "fóssil vivo" aos olhos chineses, como o povo coreano via a China moderna? Dr. Roh Kil Nam, fundador do Minjok Tongshin, estava visitando o país em maio de 2016 e coletou opiniões céticas da base: "No caso da China, enquanto a política mantém o socialismo, a economia adotou o capitalismo, e, à medida que os que têm, ou capitalistas (classe), emergiram, a lacuna entre os que têm e os que não têm se ampliou. Como resultado, embora o líder Xi Jinping esteja realizando uma campanha para erradicar a corrupção, muitas pessoas questionam se a corrupção entre funcionários públicos realmente desaparecerá sob este socialismo reformista."[134]

Esta visão foi compartilhada pelos escalões superiores. Em setembro de 2016, sendo perguntado sobre a relação entre a ideia Juche e o marxismo, Dr. Kim Chang Gyong, chefe de sessão da Associação Coreana de Cientistas Sociais (ACCS), levantou a questão da China por iniciativa própria:

Socialismo se refere a uma sociedade em que as massas trabalhadoras detêm o poder estatal e os meios de produção. Neste aspecto, acho que o socialismo da Coreia é o mais exemplar entre os países do século XXI. A diferença entre nosso país e outros países progressistas é que o povo da Coreia tem um controle firme sobre o poder estatal e os meios de produção, então não há espaço para a classe capitalista ganhar terreno. [...]

Mesmo entre países que se autodenominam socialistas, muitos apenas praticam socialismo e comunismo na política, enquanto sua economia é uma economia de mercado e se tornou capitalista através de reforma e abertura, tornando difícil superar as contradições que surgem disto. Muitos estudiosos progressistas na comunidade internacional expressaram abertamente ceticismo, questionando se a corrupção pode realmente ser erradicada

> *enquanto existirem contradições de classe, apesar dos esforços vigorosos do Presidente chinês Xi Jinping para erradicá-la.*[135]

Em um ensaio de 12 de novembro de 2016, pouco antes de a China aprovar outra onda de sanções da ONU após o teste nuclear da RPDC de 9 de setembro, o Prof. Jong Ki Ryol escreveu que "o problema da Americanização ou 'Ocidentalização' se aplica não apenas à sociedade capitalista, mas também à China, que se 'ocidentalizou rapidamente' (observações do Presidente Hu Jintao na Sessão Plenária do Comitê Central do Partido em outubro de 2011) durante o período de 35 anos de 'reforma e abertura', a ponto de não ser diferente de outras sociedades capitalistas hoje."[136]

Esta influência americana sutil, mas duradoura, emergiu proeminentemente em 2017, quando a RPDC se apressou para completar seus programas nuclear e de mísseis em meio a ameaças erráticas de "fogo e fúria" pelo governo Trump. A Rússia, e especialmente a China, foram pegas de surpresa pela rápida virada de eventos e se apegaram à sua postura tradicional de se opor indiscriminadamente a tensões militares e proliferação nuclear na Península Coreana, atraindo críticas de Pyongyang.

Para cumprir a Resolução 2321 do Conselho de Segurança da ONU de novembro de 2016, que havia contribuído para redigir, a China tomou uma medida para suspender as importações de carvão da RPDC em uma tentativa de conter seu acesso a moeda forte. Esta medida, prejudicando diretamente a subsistência das pessoas, foi denunciada como "equivalente às manobras dos inimigos para derrubar o sistema social na RPDC" em um relatório da ACNC de 23 de fevereiro de 2017:

> *Este país, estilizando-se como uma grande potência, está dançando ao som dos EUA enquanto defende seu comportamento mesquinho com desculpas como que foi feito não para ter um impacto negativo na vida das pessoas na RPDC, mas para conter seu programa nuclear.*
>
> *As vozes justas do mundo ridicularizam isso, comentando que "um grande país vizinho está impondo sanções à RPDC para bajular os EUA." Mas as forças hostis estão gritando "bravo" sobre isso.*[137]

Ali, e no primeiro artigo de Jong Phil de 21 de abril de 2017, a China ainda não era chamada pelo nome, mas a situação mudou após um artigo do Global Times de 3 de maio de 2017 que insinuou a possibilidade de não renovar o Tratado de Ajuda Mútua e Amizade de Cooperação entre os dois países:

Pyongyang deveria valorizar o Tratado e torná-lo uma das fundações para sua segurança nacional. A busca da Coreia do norte por tecnologia nuclear prejudicou sua própria segurança, bem como a da região, e também colocou em risco a segurança nacional da China. Isto violou os princípios do Tratado.

O Tratado se opõe firmemente à agressão. Mas a Coreia do norte insiste em desenvolver armas nucleares e realizar disparos de mísseis em violação das resoluções do Conselho de Segurança da ONU, o que aumenta os riscos de confrontos militares com os EUA. A situação mudou muito em comparação com a de 2001, quando o Tratado foi renovado.[138]

As autoridades chinesas sempre se opuseram ao programa de armas nucleares da RPDC e agora temiam que os recentes testes de mísseis pudessem fornecer aos EUA um pretexto para implantar hardware militar na Coreia do Sul, como o sistema THAAD, que poderia ser usado contra a China também. Esta avaliação da situação era fundamentalmente falha: a crise atual não era impulsionada por um jogo de "ação e reação", mas por forças históricas mais profundas em cena.

Por um lado, Trump e seus sucessores não precisavam de nenhum "pretexto" para escalar tensões com a China e, faltando uma desculpa plausível, eles inventariam uma, como fizeram em inúmeros atos hostis contra outros países. Os imperialistas dos EUA não estavam reagindo a nenhum movimento da Coreia ou de outra pessoa, mas sim à consciência de que estavam perdendo a competição econômica de longo prazo com a China e, portanto, que precisavam elevar o nível de confronto de qualquer maneira. As autoridades chinesas estavam interessadas em continuar relações comerciais normais que as beneficiavam e tentaram dissipar tensões, mas isso não poderia ser alcançado fazendo concessões ao inimigo enquanto pisoteavam seus próprios aliados.

Por outro lado, o desenvolvimento de ICBMs e armas nucleares pela RPDC não era uma moeda de troca para ser negociada por ajuda econômica, como poderia parecer durante as Conversações das Seis Partes nos anos 2000, mas uma escolha estratégica inevitável e irreversível para a sobrevivência do país. Pyongyang havia observado o destino trágico da Iugoslávia, Iraque, Líbia e outros países que careciam de armas assimétricas para retaliação e, apesar do apoio diplomático de algumas grandes potências, foram vítimas da agressão e subversão imperialista. Como Jong Phil havia observado: “O mundo atual, governado pela lei da selva, faz a RPDC perceber mais uma vez a verdade de ferro de que não há nada além de sua própria força para confiar e que o autofortalecimento é o único caminho a seguir.”[139]

É por isso que, quando a mídia chinesa encontrou falhas em sua decisão de desenvolver armas nucleares, a RPDC sentiu que seu próprio direito à existência e autodefesa estava sendo questionado e Kim Chol reagiu, no mesmo dia, expressando a crítica mais dura da China:

Nunca foi a China, mas apenas a RPDC, cujos interesses estratégicos foram repetidamente violados devido à insinceridade e traição por parte de seu parceiro.

A China estabeleceu relações diplomáticas com as forças fantoches sul-coreanas interessadas em derrubar o sistema socialista na RPDC e aprofundou o escopo das relações para política e até militar, além de puras trocas econômicas. Que desculpa pode fazer por seu crime de transformar não apenas as três províncias na parte nordeste da China, mas todo o país em uma base avançada contra a RPDC? Agora, em áreas ao longo da fronteira RPDC-China, incluindo as bacias do Rio Amnok e do Rio Tuman, agentes e espiões do Serviço de Inteligência sul-coreano estão engajados em manobras secretas sob os disfarces de religioso e empresário, tramando abertamente e conduzindo sequestro e atos terroristas contra a RPDC. A China tem que assumir responsabilidades plenas por isso.

Nós nos lembramos claramente de que deixou tal escória humana como Pak Gyun Hye, que foi afastada do cargo de poder e jogada na prisão sendo censurada por todas as pessoas, ficar na tribuna de honra na Praça Tiananmen e deram um beijo a ela.

Alguns teóricos da China estão dizendo um monte de bobagens de que o acesso da RPDC a armas nucleares tensiona a situação no Nordeste Asiático e oferece aos EUA uma desculpa para reforçar seus ativos estratégicos na região. Mas os EUA haviam ativado sua estratégia para dominar o Ásia-Pacífico muito antes de a RPDC ter acesso a armas nucleares, e seu alvo principal é apenas a China.

A China deveria reconhecer de maneira honesta que a RPDC apenas contribuiu para proteger a sua paz e segurança, frustrando o esquema de agressão dos EUA travando uma luta dura na linha de frente do confronto com os EUA por mais de sete décadas, e nos agradecer por isso. [...]

A China aprovou a adoção das "resoluções de sanções" injustificadas sobre a RPDC na reunião do Conselho de Segurança da ONU para conter a implantação do THAAD dos EUA na Coreia do Sul e optou por sanções contra a RPDC, mesmo sofrendo danos econômicos nas três províncias nordestinas próprias. Mesmo tendo feito concessões e bajulado, desafiando todas as acusações, o THAAD visando a China como um punhal foi implantado de repente à meia-noite na Coreia do Sul, zombando do verdadeiro "gigante idiota".

Se a China falhar em manter seu próprio princípio e jogar fora a fraternidade com a RPDC, que manteve por décadas, como se fosse um par de sapatos velhos, apenas por interesses imediatos, acabará em um estado miserável sem a confiança de ninguém para enfrentar apenas infortúnio de todos os lados.[140]

Superando sanções econômicas e pressões por inimigos imperialistas e amigos vacilantes, a RPDC conseguiu desenvolver ICBMs para atingir o território continental dos EUA no verão de 2017 e realizou seu maior teste nuclear em 3 de setembro.

Ao orientar um exercício de disparo do míssil Hwasong-12 em 15 de setembro, Kim Jong Un disse que esta conquista "é muito sufocante para os países que se autodenominam grandes potências e que têm como objetivo principal subjugar a RPDC por meio de sanções da ONU", e acrescentou: "Devemos mostrar claramente aos chauvinistas de grande potência como o nosso Estado alcança o objetivo de completar sua força nuclear apesar de suas sanções e bloqueio ilimitados."[141]

"Chauvinismo de grande potência" é uma frase originalmente usada para criticar pressões e prepotências de outros países socialistas, principalmente a antiga União Soviética e a própria China, nos dias do bloco socialista. Agora, claramente mirava China e Rússia enquanto as distinguia de países imperialistas como os Estados Unidos e seus satélites na Europa Ocidental.

A crítica de atitudes chauvinistas da mídia chinesa foi expandida em um artigo de 22 de setembro de 2017, que notou como a aplicação de sanções da ONU causou perdas econômicas às províncias do norte da China que se beneficiavam do comércio com a RPDC:

> *Agora, ouvem-se na fronteira RPDC-China as queixas reflexivas de quem perdeu a esperança devido às consequências da "resolução de sanções" manipulada pelos EUA contra a RPDC*
>
> *Um empresário chinês que ficou de mãos vazias no comércio com a RPDC disse:* ***Eu não conheço política e diplomacia. Mas uma coisa é clara. A Coreia, que não um país grande, está falando o que quer dizer e fazendo o que quer fazer enquanto está contra os EUA, a superpotência. É difícil entender o que há de errado com a China. Muitos negócios menores nas três províncias do nordeste da China estão sofrendo perdas enormes. Então por que se curva aos EUA? Eu realmente sinto vergonha. Tenho mais medo da corrupção do Estado do que da corrupção das pessoas.***[142]

Jong Phil não deixou de enfatizar que a China estava "presa na armadilha da 'economia mundial'" devido à sua política de abertura e, ao contrário da RPDC, não era capaz de expressar suas opiniões e manter uma postura consistente contra o imperialismo:

> *A RPDC não deve se prostrar assim como a China fez quando visitou os EUA e não há necessidade de a China forçar a RPDC a aprendê-lo.*

A história provou que o caminho trilhado pela RPDC por quase um século foi um caminho inexplorado através de ventos e tempestades, mas foi uma opção visionária e promissora, pois ajudou o país a escapar dos eventos trágicos testemunhados no Leste Europeu, que foi desarmado mentalmente diante dos imperialistas, e como ***isso ajudou outros a evitar situação desajeitada de não respirar adequadamente sendo pego no laço dos dólares****.*

O povo coreano aprendeu o poder da unidade e felicidade, embora não levassem uma vida abundante, e possui a perspectiva e a generosidade de vislumbrar o amanhã promissor em meio à escuridão. [...]

Verdadeiramente frustrante é a perspectiva dos aproveitadores políticos que estão apenas satisfeitos em ter sua tigela de arroz segura, embora o vizinho seja roubado enquanto consideram a Coreia apenas como um quintal e "zona tampão" para conter a invasão do ladrão.

Assim como a União Soviética sob a liderança revisionista de Khrushchev assinou o Tratado de Proibição Parcial de Testes em 1963, conluiando com os EUA para impedir a China de acessar armas nucleares, oque foi instrumental em causar a divisão sino-soviética, de 2006 a 2017 a China aprovou sanções da ONU contra a RPDC para interromper seu programa nuclear e de mísseis na tentativa equivocada de apaziguar os EUA e manter o país sob seu guarda-chuva de proteção (e esfera de influência).

Este erro de cálculo colocou a tradicional amizade RPDC-RPC em perigo e jogou nas mãos de forças hostis, pois a China "foi infinitamente influenciada e subjugada pela estratégia de Washington" — como o Prof. Jong Ki Ryol escreveu em retrospecto. "Foi enganada repetidas vezes por suas táticas de dividir para conquistar" para abrir uma cisão entre Pequim e Pyongyang. Até o povo chinês ficou desapontado com a passividade de sua liderança:

Hoje, muitas figuras conscienciosas da China admitem abertamente que não podem manter a cabeça erguida diante da Coreia sobre a questão das sanções da ONU. Acima de tudo, eles confessam sua vergonha. Sinceramente pedem desculpas aos seus camaradas coreanos, dizendo até que estão muito envergonhados para mostrar seus rostos ao mundo. Muitas consciências chinesas despertas podem, por muito tempo, ser incapazes de levantar suas cabeças na frente do povo coreano — não por causa de qualquer erro de sua parte, mas porque sua própria pátria se rendeu infinitamente aos EUA, deixando-os envergonhados.

Por outro lado, há amigos chineses que, apesar de 70 longos anos e da última década da China se juntando, ainda enviam "parabéns, aplausos e respeito aos camaradas coreanos que, sob condições inimaginavelmente extremas, inabalavelmente subjugaram os EUA e marcharam orgulhosamente no caminho da vitória". Alguns até dizem: "Invejamos a

Coreia por superar os EUA com tanta facilidade". Muitas consciências chinesas hoje sinceramente aplaudem a Coreia com vivas e encorajamento.

Ao mesmo tempo, temem que o registro vergonhoso que sua pátria exibiu durante a questão nuclear norte-coreana possa se repetir em futuros assuntos internacionais. Eles se preocupam que, assim como com sanções à Coreia do norte, a China possa continuar a ser arrastada pelos EUA em outras questões globais, decepcionando seus vizinhos e o mundo. Refletindo sobre o registro inglório de seu país ao longo da questão nuclear, eles confessam seu medo crescente. Como não têm experiência além de infinitamente se ajoelhar e se render aos EUA, sua ansiedade se aprofunda.

Sim, a China não tem experiência de vitória contra os EUA — apenas derrota. Neste aspecto, a Coreia do norte é diferente da China. Decisivamente diferente. Eles possuem a experiência exatamente oposta.

No entanto, o futuro das relações RPDC-China pode mudar rapidamente dependendo de que princípios, postura e atitude a China adote no futuro em relação à questão do "socialismo anti-imperialista e independente". As duas nações estão vinculadas em um relacionamento onde, gostem ou não, a separação traria infortúnio mútuo — um "destino compartilhado". Se houver erros, eles devem corrigi-los e buscar um caminho para frente juntos. Não é um relacionamento que pode ser descartado quando não se gosta e abraçado quando conveniente. Eles são vizinhos e irmãos inseparáveis, vinculados pela geografia. Não importa quão difícil, devem encontrar um caminho para frente juntos — um relacionamento que não deve ser abandonado.

É por isso que, não importa quão difícil possa ser, o relacionamento camaradesco do passado deve ser restaurado.[143]

Em 28 de novembro de 2017, a RPDC testou o míssil Hwasong-15, colocando todo o território dos EUA dentro de seu alcance de disparo e cumprindo o objetivo da linha estratégica Byongjin, perseguida desde 2013. Nem ameaças militares nem sanções econômicas puderam impedir a Coreia de estabelecer um novo "equilíbrio de terror" para dissuadir qualquer agressão. Colocada diante deste fato consumado, a China normalizou relações com a RPDC alguns meses depois.

Em 2021, o Tratado de Ajuda Mútua e Amizade de Cooperação foi regularmente renovado e em 2022, quando a Coreia retomou testes de disparo de ICBM, a China e a Rússia vetaram uma nova resolução de sanção proposta pelos Estados Unidos. Por sua parte, Pyongyang lealmente apoiou Pequim sobre as questões de Hong Kong, direitos humanos, Xinjiang, Covid-19, Mar do Sul da China e confronto com os EUA. Típica, a este respeito, é uma declaração divulgada por um porta-voz do Departamento Internacional do Comitê Central do PTC em 4 de junho de 2020:

O Secretário de Estado dos EUA, Pompeo, quando entrevistado pela mídia estadunidense em 31 de maio, chamou a China de ameaça real. Dizendo que a ameaça da China deriva da ideia do Partido Comunista, ele disparatou bobagens de que os EUA trabalhariam com seus parceiros no Ocidente para fazer do mundo do próximo século o do Ocidente onde a "democracia liberal" dos EUA reina.

Não é a primeira vez que ele diz bobagens sobre a China a respeito das questões de Hong Kong, Taiwan, direitos humanos e disputas comerciais. O que não deve ser negligenciado aqui é que ele difamou a liderança do Partido Comunista da China (PCCh) sobre o socialismo.

Marcando o socialismo liderado pelo Partido Comunista como uma ditadura destruindo a ideia de estilo ocidental, democracia e visão sobre valor, ele clamou por construir o mundo dos EUA e do Ocidente livre do domínio do PCCh. Suas observações sem sentido indicam a intenção de fazer a mesma coisa com o socialismo na RPDC liderado pelo PTC. [...]

Ele disse que o Partido Comunista hoje é diferente de uma década atrás, o que mostra seu reconhecimento do socialismo ficando mais forte sob a orientação do Partido Comunista e que ele está nervoso sobre a situação dos EUA em declínio. [...]

Pompeo não deveria abrigar tal sonho impossível de minar o Partido Comunista e o socialismo em sua longa marcha vitoriosa como o que os governantes sucessivos dos EUA sonharam.[144]

Estas palavras não são apenas uma expressão de apoio à China, mas também um chamado para unir forças na luta pela causa socialista comum contra o inimigo de classe. Em última análise, as iniciativas de linha-dura da RPDC entre 2016-17 agiram como um catalisador de contradições entre os dois sistemas e ajudaram a própria China, apesar de sua oposição inicial, a se livrar de ilusões diplomáticas e a ver através da natureza agressiva do imperialismo dos EUA, olhando adiante para a "nova Guerra Fria" no mundo pós-Covid-19.

8. Epílogo: Anti-Revisionismo no Século XXI

Entre 25-29 de março de 2018, Kim Jong Un visitou a China pela primeira vez e se encontrou com Xi Jinping em Pequim, restaurando a aliança tradicional entre os dois países socialistas quando menos de dois meses haviam passado desde o último ataque da ACNC à mídia chinesa.

Em seu discurso no banquete, o líder disse que ele e Xi Jinping tinham "a vontade compartilhada de consolidar os sistemas socialistas nos dois países" e observou que "o povo chinês

registrou conquistas notáveis na causa de construir um país socialista moderno e poderoso na nova era"[145].

Como de costume, a mídia estrangeira começou mais uma vez a especular se a Coreia adotaria reformas ao estilo chinês e abriria as portas de par em par ao capital estrangeiro na esteira de reuniões com Trump e do processo de paz coreano. No entanto, um artigo contra "Teorias Revisionistas Modernas Que Distorcem a Essência da Propriedade Socialista" por Kim Ung Chon, publicado na revista de economistas da RPDC no mesmo mês, contou uma história diferente:

> *No passado, a essência da propriedade socialista foi interpretada arbitrariamente em vários países onde o socialismo estava sendo construído. Isto foi refletido até nas políticas econômicas do partido em alguns países, causando enorme dano à revolução e à construção. [...]*
>
> *A visão dos oportunistas em direção à destruição da propriedade estatal ao contrapor artificialmente a propriedade de todo o povo à propriedade estatal mudou ainda mais para pior depois, através da teoria da "reforma econômica radical" na antiga União Soviética e vários países socialistas na Europa Oriental e da* ***"teoria dos estágios iniciais do socialismo" em alguns países.***[146]

"Estágio inicial (ou primário) do socialismo" é a frase oficial usada pelo Partido Comunista da China para designar o atual sistema econômico e social do país onde diferentes formas de propriedade, princípios de distribuição e métodos de gestão coexistem. A RPDC passou por tal período de economia mista nos primeiros dez anos de sua existência e proclamou o estabelecimento das relações de produção socialistas apenas em 1958, quando a burguesia deixou de existir como classe.

Teóricos chineses usam o termo "socialismo" de forma mais flexível e, desde o início da década de 1960, eles realmente o assimilaram à noção de "período de transição". Naquela época, isto foi feito para o propósito de "esquerda", de motivar a necessidade de ditadura proletária e luta de classes sob o socialismo; embora, de acordo com Kim Il Sung, isso fosse teoricamente incorreto e "equivalente a não traçar linha divisória alguma"[147] entre as duas fases do desenvolvimento social. Mais tarde, isto foi feito para o propósito de "direita", de racionalizar a adoção de propriedade capitalista, como a propriedade acionária, sob o socialismo, pois isto seria completamente legal durante o período de transição.

Por exemplo, Jiang Zemin expôs: "O sistema acionário é uma forma de organizar capital em empresas modernas. Pode ser usado tanto sob o capitalismo quanto sob o socialismo, e a chave para tanto reside em quem detém o controle acionário."[148] Entretanto, limites sobre propriedade privada e

até estrangeira das ações foram removidos ao longo dos anos — e esta liberalização continua mesmo sob Xi Jinping — permitindo que investidores tenham influência sobre as empresas conjuntas.

Este processo é visto por Kim Ung Chon como uma forma de ocultar a extração de mais-valia pelos acionistas: “A natureza capitalista do sistema acionário não pode ser ocultada, não importa como alguém possa colocar uma cobertura 'socialista' sobre ele e dizer que se metamorfoseou. Não importa como se olhe, aqueles que se apresentam como mestres no sistema acionário são os proprietários de grande capital que comandam mais de 15 a 30 por cento das ações de capital. Eles também são os que acumulam fortuna com os dividendos, e os trabalhadores ainda não podem se libertar de sua sorte de serem explorados.”[149]

Além das diferenças terminológicas e doutrinárias, o que verdadeiramente diferencia a teoria Juche da teoria de Deng Xiaoping é a abordagem para a tarefa de desenvolver as forças produtivas em um país atrasado onde os comunistas tomaram o poder antes que o capitalismo pudesse crescer. Em maio de 1967, abordando os problemas teóricos do período de transição, Kim Il Sung descartou a opção de reviver a burguesia em prol da produtividade:

> *Como não passamos pelo curso normal de desenvolvimento capitalista, temos a tarefa de desenvolver as forças produtivas em nossa era socialista — uma tarefa que deveríamos ter enfrentado sob o capitalismo. Não há necessidade de tornar a sociedade capitalista e passar pelo problema de fomentar os capitalistas apenas para esmagá-los e então construir o socialismo, com base em que não poderíamos cumprir a tarefa que deveríamos ter completado no estágio capitalista. A classe trabalhadora no poder não deve reviver a sociedade capitalista, mas realizar, sob o sistema socialista, esta tarefa que não pôde enfrentar no estágio da revolução capitalista, a fim de construir uma sociedade sem classes.*[150]

A China, em vez disso, adota o que se adequa ao critério das "três favoráveis" estabelecido por Deng Xiaoping durante sua turnê ao sul em 1992: tudo o que promove o crescimento das forças produtivas em uma sociedade socialista, aumenta a força geral do Estado socialista e eleva os padrões de vida pertence ao "caminho socialista".

Daí vem sua definição pragmática de socialismo: "A essência do socialismo é a libertação e desenvolvimento das forças produtivas, eliminação da exploração e polarização, e a realização final de prosperidade para todos."[151]

Esta forma de pensar, que basicamente identifica o socialismo com quaisquer políticas que funcionem em termos de desenvolvimento econômico nacional, racionalizando, a posteriori, a adoção de meios heterogêneos para o objetivo maior de prosperidade comum, diferencia a teoria de

Deng Xiaoping da definição estrutural de socialismo, centrando-se em relações de classe, formulada por Kim Il Sung em 1958:

> *A sociedade socialista é uma sociedade que elimina todas as formas de exploração para sempre. Aí reside a característica essencial do sistema socialista, totalmente diferente de todas as sociedades das classes exploradoras.*
>
> *Em nosso país, o poder está nas mãos do povo e os meios básicos de produção, que foram socializados, são usados nos interesses de todo o povo, enquanto o sistema de exploração foi abolido por completo na cidade e no campo. Estamos lutando para nos livrar de toda exploração para sempre.*[152]

Como repórteres do Global Times descobriram ao estudar as primeiras medidas de gestão econômica tomadas por Kim Jong Un, "a reforma da China quebrou a economia planificada tradicional e estabeleceu uma economia socialista orientada para o mercado com a coexistência de outras formas diversas de propriedade, especialmente permitindo o desenvolvimento de negócios privados. Mas a Coreia do norte ainda se apega às suas velhas crenças de que a economia planificada e a propriedade pública dos meios de produção são as características-chave do socialismo, e que, se forem mudadas, o socialismo será perdido."[153]

Embora o Choson Sinbo tivesse publicado — não acidentalmente após a queda de Jang Song Thaek — artigos sobre os novos experimentos de gestão econômica na indústria e agricultura e sua conformidade com a ideia Juche, esclarecendo que são “incomparáveis às experiências de 'reforma' e 'abertura' em outros países”[154], reformistas estrangeiros continuaram a equipará-los arbitrariamente ao caminho chinês e não conseguiram notar nem mesmo as diferenças mais gritantes mostradas por uma análise comparativa.

A propriedade não foi o único ponto de divergência. Em uma conversa com funcionários do Comitê Central do PCC em 19 de dezembro de 1986, Deng Xiaoping explicou: "Para estimular a iniciativa das empresas, temos que separar a propriedade da gestão de várias maneiras; esta é uma parte muito importante da reforma. [...] Na verdade, como meios de desenvolver as forças produtivas, diferentes formas de gestão podem servir tanto ao capitalismo quanto ao socialismo."[155]

Esta separação, destinada a estimular as pessoas a trabalhar melhor através de incentivos de mercado indiretos, foi caracterizada por economistas da RPDC como um método capitalista, inadequado à natureza coletivista da sociedade socialista, e foi estritamente descartada na implementação do sistema socialista de responsabilidade empresarial:

Ao implementar o sistema socialista de gestão de responsabilidade empresarial, conceder às empresas direitos reais de gestão não significa priorizar os interesses das empresas sobre o interesse nacional. Se as empresas se concentrarem apenas em seus próprios lucros, embora a propriedade socialista esteja firmemente estabelecida, métodos de gestão capitalistas inevitavelmente se infiltrarão, gradualmente levando a mudanças na propriedade e fomentando espontaneidade e caos social na gestão econômica. Portanto, conceder às empresas direitos reais de gestão não deve ser mal interpretado como uma separação de propriedade e direitos de gestão sobre os meios de produção.[156]

Se o Estado falhar em apreender o trabalho econômico geral de maneira unificada e orientá-lo e geri-lo sob a condição em que certas regiões ou empresas são unidades econômicas em uma sociedade socialista, pequenos grupos que colocam em primeiro plano as demandas e interesses de regiões ou empresas individuais serão formados por todos os meios. Isto poderia gerar métodos de gestão econômica capitalista como descentralização e órgãos de autogoverno empresarial. Além disso, poderia minar o sistema de propriedade socialista, permitindo que a propriedade capitalista se infiltre ou cresça em nosso interior.[157]

Se a unidade de propriedade fosse vista como grupos em fábricas e empresas individuais em vez do Estado; se cada fábrica e empresa elaborassem independentemente um plano e realizassem atividades de produção, e se os lucros daí também fossem divididos entre fábricas e empresas, o departamentalismo e a anarquia da produção prevaleceriam e minariam o desenvolvimento unificado de toda a sociedade. Além disso, a própria posição das massas populares como mestres comuns de todos os meios de produção no país desmoronaria, e a propriedade se tornaria uma casca vazia.[158]

Como pesquisadores sérios como o prof. Phillip H. Park apontaram, o "sistema socialista de operação empresarial responsável" consagrado na Constituição da RPDC em 2019 é uma herança e continuação do "sistema de auto-equilíbrio" introduzido dentro de empresas integradas (complexos multissetoriais) em meados da década de 1980 e visto por Kim Il Sung como o sistema de gestão mais racional para a economia socialista.

As empresas estatais são obrigadas a se autofinanciar e contribuir para o orçamento do Estado, a fim de implementar adequadamente o princípio de distribuição socialista "a cada um segundo seu trabalho", e são incondicionalmente fornecidas com meios de produção sob contratos com as agências estatais de fornecimento de material, de modo a garantir uma taxa constante de produção e prevenir fenômenos de alocação burocrática e acumulação e mercantilização de recursos. Desde 2003, sob condições de escassez, as empresas foram autorizadas a comercializar alguns de seus produtos nos mercados e, assim, alguns meios de produção entraram na esfera da "circulação monetária", mas essa era chegou ao fim com o 8º Congresso do PTC.

Em seu relatório à II Sessão Plenária do VIII Comitê Central do Partido realizada em fevereiro de 2021, Kim Jong Un observou que “o Conselho de Ministros e a Comissão Estatal de Planejamento devem assumir controle centralizado e unificado dos produtos de todos os setores da economia nacional e negócios, e fazer uma rápida transição para o sistema de trabalho de atender plenamente à demanda estabelecendo relações produção-consumo”[159]. Este passo audacioso assustou aqueles observadores estrangeiros que costumavam se iludir sobre "reformas" enquanto ignoravam fontes primárias:

> *Desde o Congresso do Partido, forças obstruindo a inovação econômica da Coreia interpretaram arbitrariamente a situação como se ela, enfrentando a chamada “tripla dificuldade” de sanções, a pandemia de coronavírus e desastres naturais, estivesse tentando reverter para "políticas fracassadas do passado". Eles afirmam que a economia não pode melhorar a menos que "o ambiente externo melhore" e "reformas" sejam implementadas baseadas em "abertura".*
>
> *Ignorar a realidade do socialismo de estilo coreano e aplicar unilateralmente uma perspectiva capitalista deixa o futuro deste país incerto.*
>
> *Por exemplo, o Sistema Socialista de Gestão de Responsabilidade Empresarial, ativamente promovido sob a era Kim Jong Un, é um método de gestão corporativa que permite que fábricas, empresas e cooperativas, baseadas na propriedade socialista dos meios de produção, exerçam direitos de gestão efetivos e proativa e criativamente executem atividades corporativas, cumprindo suas responsabilidades para com o Partido e o Estado, e garantindo que os trabalhadores cumpram suas responsabilidades e papéis como mestres da produção e gestão. Este método de gestão corporativa socialista incorpora os princípios da ideia Juche, que enfatiza e prioriza o status e os papéis individuais sobre as condições objetivas. No entanto, forças externas, ao seu gosto, estão julgando a expansão da autonomia corporativa e discrição em atividades de gestão como "a introdução de um sistema econômico de mercado". Quando o Congresso do Partido do Trabalho enfatizou a necessidade de fortalecer a orientação unificada do Estado e a gestão estratégica dos assuntos econômicos, eles estão arbitrariamente denigrindo e depreciando outros, alegando que isso é uma negação da "reforma". Eles meramente regurgitam lógica capitalista e carecem da perspectiva ou percepção dos princípios e leis inerentes ao socialismo.*
>
> *Na realidade da Coreia, um país com uma economia planificada socialista, o sucesso de projetos para demonstrar efetivamente a eficácia do sistema socialista de gestão de responsabilidade empresarial depende de como as agências de orientação econômica do Estado projetam, operam e gerenciam o sistema. São estas mesmas agências que são responsáveis por encorajar as empresas a se engajarem proativa e criativamente em atividades de gestão. O Conselho de Ministros, o centro de comando econômico da nação,*

designou recentemente várias unidades em setores industriais-chave, incluindo o Complexo Siderúrgico Chollima, como unidades-piloto e tem promovido projetos para implementar o sistema socialista de gestão de responsabilidade empresarial de maneira realista. Discussões estão ativamente em andamento, desencadeadas pelo Congresso do Partido, para generalizar as experiências acumuladas durante este processo e garantir que todos os setores econômicos do país possam prosperar juntos.

A Coreia socialista possui recursos estratégicos inestimáveis que estão faltando nos países de "reforma" e "abertura" apontados por forças externas como "histórias de sucesso". Estes incluem uma fundação econômica autossustentada estabelecida ao longo de décadas, uma força científica e tecnológica capaz comprovada pela conclusão de um dissuasivo de guerra nuclear, e o entusiasmo patriótico e o poder criativo de um povo que internalizou a independência através de várias provações. A inovação econômica da Coreia está sendo impulsionada pela convicção inabalável de que possui as capacidades e fundação de desenvolvimento autossustentado para revitalizar a economia nacional e saltar para o nível avançado do mundo no menor tempo possível.[160]

A restauração do fornecimento de material centralizado e a ofensiva de amplo alcance contra "práticas anti-socialistas e não-socialistas" removeram gargalos e uniram os elos da economia socialista em uma cadeia, criando um círculo virtuoso de autodesenvolvimento. Projetos de grande escala, como as 50.000 moradias em Pyongyang, a construção massiva de moradias no campo, as modernas fazendas de estufas Jungphyong, Ryonpho e Kangdong, etc. brotaram um após o outro.

Os resultados foram relatados por Kim Jong Un na IX Sessão Plenária Ampliada do VIII Comitê Central do PTC em dezembro de 2023: "Comparado com o crescimento total do setor econômico em 2020, ano anterior ao VIII Congresso do Partido, a produção de índices importantes aumentou em grande parte em 2023 ao elevar a produção de trióxido de ferro 3,5 vezes, ferro-gusa 2,7 vezes, aço laminado 1,9 vezes, máquinas-ferramenta 5,1 vezes, cimento 1,4 vezes e fertilizante nitrogenado 1,3 vezes, e o PIB cresceu 1,4 vezes."[161]

O objetivo do Plano Quinquenal foi alcançado em apenas três anos. Entre 2013-16, quando o comércio externo e investimentos estrangeiros eram mais ativos antes das mais duras sanções econômicas da ONU, o PIB havia crescido "apenas" 15,5%, enquanto entre 2021-23 saltou 40%, apesar do fechamento de fronteira quase hermético em meio à crise global de saúde — e o surto de Covid-19 na própria Coreia em 2022 — que reduziu o comércio exterior a números insignificantes. Isto destruiu o mito da dependência econômica da China, juntamente com as expectativas de que a Coreia teria que adotar um modelo estrangeiro para progredir:

Olhando ao redor do mundo, há muitos precedentes de revitalização nacional, mas nenhum deles se aplica a este país. "Reforma", "abertura" e "dependência de capital

> *estrangeiro" são todos caminhos escolhidos por outros. A Coreia é uma nação que, ontem e hoje, superou obstáculos através da revolução e avançou através dela, erguendo as três bandeiras vermelhas da ideologia, tecnologia e cultura.*[162]

Forças hostis que esperavam que a China influenciasse a RPDC em direção à abertura descobriram que agora é o contrário: "a economia chinesa está se tornando cada vez mais parecida com a da Coreia do Norte", com controle estatal fortalecido sobre os mercados e papel aprimorado dos comitês partidários nas empresas. Não é sem razão que Kim Jong Un afirmou em seu relatório ao VIII Congresso do PTC: "Nosso Partido priorizou o desenvolvimento das relações RPDC-China de longa data e especiais para desenvolver as relações amigáveis com ela conforme exigido pelo novo século e abrir um novo capítulo no relacionamento amigável entre ambas com o socialismo como seu núcleo."[163]

Em vez de pensar sobre "reformas de mercado" e "diversificação da propriedade" como outros países socialistas fizeram, a RPDC está se dirigindo para a "vitória completa do socialismo" na década de 2030, em direção a uma sociedade sem classes onde agricultores coletivos são assimilados à classe trabalhadora, propriedade estatal e planejamento detêm domínio indiviso sobre a economia e a troca de mercadorias se torna desnecessária:

> *Tal sociedade não pode ser alcançada através do desenvolvimento econômico capitalista, impulsionado pela busca de dinheiro e pela lei da selva. A potência socialista que a Coreia do norte imagina realizar até a década de 2030 incorpora a ideia Juche, uma ideologia centrada no povo e uma teoria revolucionária enraizada nas massas.*
>
> *No final do século XX, quando os imperialistas proclamaram o "fim da Guerra Fria" e o "fim do socialismo", alguns países, esperando por abundância material através do crescimento econômico, imitaram as práticas de outros. No entanto, a Coreia permanece fiel aos seus ideais e declara seu compromisso de defender princípios socialistas até o fim.*
>
> *Precisamente por esta razão, a construção da Coreia de uma potência socialista no século XXI implicará feroz confronto externo. Devemos avançar enquanto esmagamos os esquemas destrutivos dos imperialistas. A Coreia considera isso como o único caminho, que não pode ser evitado ou desviado.*[164]

Estas observações de Kim Ji Yong, um repórter veterano do Choson Sinbo cobrindo questões econômicas da RPDC há mais de vinte anos, ecoam as críticas de Jong Phil e Kim Chol de 2017 e isto não é, de forma alguma, casual.

Em 2024, o volume comercial RPDC-RPC atingiu $2,2 bilhões, abaixo do nível de 2008, já que a China ainda está aplicando sanções da ONU pelo menos em parte. Em 27 de maio de 2024, a

China participou de uma cúpula tripartite com o Japão e a RC onde uma "declaração conjunta" desejando a desnuclearização da Península Coreana foi tornada pública, um ato contrário à Constituição da RPDC e, portanto, condenado por seu Ministério das Relações Exteriores. Como resultado, embora 2024 tenha sido designado como o "Ano da Amizade China-RPDC", isto foi amplamente ofuscado pelo Tratado sobre Parceria Estratégica Abrangente assinado com a Rússia, vista como uma aliada mais confiável e militante.

Qual é, em última análise, a visão da RPDC sobre a China hoje? Uma avaliação equilibrada é traçada por Kamakura Takao, Diretor do Instituto Internacional da Ideia Juche e Professor Emérito da Universidade de Saitama no Japão: "Em meio a movimentos imperialistas para desintegrar o socialismo, a China e o Vietnã mantiveram governo socialista e, ao mesmo tempo, introduziram a economia de mercado."[165]

> *O neoliberalismo foi introduzido não apenas pelos EUA, Europa e Japão, mas também pela Rússia e China, e, então, uma grande guerra competitiva global está sendo travada. [...]*
>
> *A China fortaleceu a competitividade de exportação de suas empresas industriais e entrou no mercado mundial através de suas políticas de reforma e portas abertas por um lado. Por outro, em resposta à iniciativa Cinturão e Rota da China, os principais países capitalistas também estão formando blocos econômicos para garantir seus mercados. [...]*
>
> *Acima de tudo, precisamos fazer uma crítica contra o conceito do confronto contemporâneo entre os EUA e a China, bem como a percepção do conflito como capitalismo versus autoritarismo. É necessário para nós termos nosso próprio entendimento. [...]*
>
> *Devo dizer que a RPDC e Cuba devem ser claramente vistas como Estados socialistas, regimes socialistas. A China não abandonou sua* ***orientação socialista****. Como o Secretário-Geral Xi Jinping da China deixou claro, seu objetivo é a realização de um Estado socialista de estilo chinês.*[166]

Do ponto de vista jucheano, "Na sociedade socialista, a propriedade socialista é estabelecida e as massas populares se tornam as donas dos meios de produção."[167] Este é o caso na RPDC, onde a propriedade privada sobre os meios de produção e, portanto, as classes exploradoras deixaram de existir há muito tempo. E elas não vão reviver no futuro, como o Dr. Kim Hyon Hwan explicou em 2016 ao discutir inovações na gestão econômica sob Kim Jong Un:

A questão-chave é a propriedade dos meios de produção. Não importa quão duro um trabalhador trabalhe e economize dinheiro, fábricas ou empresas não podem ser privatizadas na Coreia do norte. Mesmo que um agricultor tenha sucesso e economize muito dinheiro, ele não pode comprar uma fazenda cooperativa. Isto simplesmente significa que o pagamento baseado em desempenho é fornecido para encorajar trabalho árduo. [...]

Além disso, "salários" não são para apartamentos, educação e despesas médicas, como são nos EUA ou Coreia do sul. Em vez disso, eles cobrem coisas como eletricidade, transporte e banho. Como você sabe, na Coreia do norte, o governo cobre as despesas mais caras: habitação, saúde e educação. Não há lacuna fundamental entre ricos e pobres. Um salário alto provavelmente permite que você beba tanta Cerveja Taedonggang quanto quiser e viaje um pouco.

E a diferença fundamental entre trabalhadores em uma sociedade capitalista e trabalhadores na sociedade socialista da Coreia do norte é a distinção entre "trabalhadores donos" e "trabalhadores assalariados". Nos EUA, tanto proprietários de mercado quanto funcionários trabalham, mas a diferença não é bastante significativa?[168]

Como um exame dos princípios e regulamentos relevantes mostra, "é importante notar que, na China, indivíduos podem possuir indiretamente propriedade de empresas e terras através de arrendamentos de longo prazo, facilitando um grau de privatização dos meios de produção. Este contraste marcante torna comparações diretas com a RPDC desafiadoras, já que qualquer forma de privatização dos meios de produção permanece estritamente proibida."[169]

A China moderna é uma formação socioeconômica transitória complexa que inclui elementos heterogêneos — classes exploradoras e exploradas, propriedade privada e pública, métodos de gestão capitalista e socialista, mercados e planejamento, etc. — com uma "orientação socialista" garantida pela ditadura democrática popular liderada pelo partido comunista.

A Coreia socialista apoia plenamente a China, fortalecerá sua aliança fraternal no futuro e aprecia seus sucessos econômicos marcantes, mas rejeita o discurso simplificado pragmático que oculta contradições sociais e, se generalizado em teoria, pode levar a vacilar na luta de classes anti-imperialista.

Ao celebrar o 103º aniversário do nascimento de Kim Il Sung em abril de 2025, o site do governo da RPDC publicou um artigo recordando sua visão crítica sobre as reformas econômicas chinesas na década de 1980:

Em meados da década de 1980, quando os ventos de "reforma" e "abertura" varreram vários países socialistas, ele manteve firmemente a posição independente e liderou seu país para manter a bandeira vermelha no alto. Como resultado, a bandeira vermelha do

*socialismo pôde tremular invariavelmente **apenas** na RPDC, mesmo diante da convulsão política que abalou o mundo.*[170]

Isto leva o pensamento de volta ao diálogo apócrifo, mas revelador, entre os líderes veteranos, frequentemente evocado por funcionários chineses na década de 1990 para simbolizar as diferentes perspectivas dos dois Estados socialistas mais duradouros do mundo:

Deng Xiaoping: "Veja o que você pode realizar se apenas abrir a janela um pouquinho?"

Kim Il Sung: "Sim, mas quando você abre a janela, moscas entram."

Deng Xiaoping: "Podemos usar uma tela para evitar que elementos indesejáveis entrem no país."

Kim Il Sung: "Teria que ser uma tela de aço."

Referências

[1] *Peking Review*, vol. 19, no. 39, 24 September 1976, p. 45.

[2] Deng Rong, *Deng Xiaoping and the Cultural Revolution*, Foreign Languages Press, Beijing 2002, p. 300.

[3] Deng Xiaoping, *Selected Works*, vol. 3, Foreign Languages Press, Beijing 1994, pp. 21-22.

[4] Sin Tong Ki, "On the Road of the Rewarding Struggle to Build a Modernized New China", *Kulloja*, no. 10, October 1984, p. 55.

[5] Kim Il Sung, *Works*, vol. 38, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 1993, pp. 334-335.

[6] Memorandum of Conversation between Erich Honecker and Kim Il Sung, 31 May 1984.

[7] Yun Ki Po Discusses Details of Joint Venture Law, *Kyodo News Service*, 29 March 1985.

[8] Kim Il Sung, *Works*, vol. 39, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 1995, pp. 93-94.

[9] Kim Il Sung, *Works*, vol. 39, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 1995, p. 295.

[10] Kim Jong Il, *Selected Works*, vol. 14, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 2010, pp. 371-372.

[11] Kim Ji Yong, "Building a Strong Socialist Nation" Within 15 Years Or So, *Choson Sinbo*, 6 May 2021.

[12] Kim Il Sung, *Works*, vol. 40, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 1995, p. 267.

[13] Kim Il Sung, *Works*, vol. 41, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 1996, p. 178.

[14] A.B. Abrams, *Immovable Object*, Clarity Press, Atlanta 2020, p. 258.

[15] Kim Il Sung, *Works*, vol. 44, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 1999, pp. 13-14.

[16] Kim Il Sung, *Works*, vol. 34, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 1988, p. 22.

[17] Kim Il Sung, *Works*, vol. 39, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 1995, p. 211.

[18] Deng Xiaoping, *Selected Works*, vol. 2, Foreign Languages Press, Beijing 1984, p. 281.

[19] Jiang Zemin, *Selected Works*, vol. 2, Foreign Languages Press, Beijing 2012, pp. 163-165.

[20] Kim Il Sung, *Works*, vol. 41, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 1996, p. 55.

[21] Kim Il Sung, *Works*, vol. 41, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 1996, pp. 132-133.

[22] On-the-Spot Report: Free Disposal of Surplus as Incentive to Farmers, *The People's Korea*, 30 July 1997.

[23] Statement by Todor Zhivkov on Visit to the DPRK, 19 June 1985.

[24] Kim Il Sung, *Works*, vol. 39, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 1995, p. 217.

[25] Kim Ji Yong, "On the Spot of Change: Practical Economics for University Students at the Highest Institute of Learning", *Choson Sinbo*, 29 November 2003.

[26] Deng Xiaoping, *Selected Works*, vol. 3, Foreign Languages Press, Beijing 1994, p. 257.

[27] Kim Il Sung, *Works*, vol. 38, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 1993, p. 328.

[28] Isabella M. Weber, *How China Escaped Shock Therapy*, Routledge, New York 2021, pp. 252-253.

[29] Kim Il Sung, *Works*, vol. 42, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 1997, p. 18.

[30] Code Message no. 3806/II/2660, 9 June 1989.

[31] Papers Marks Founding of Chinese Communist Party, KCNA, 1 July 1989.

[32] *North Korean Leader Supports Crackdown*, Xinhua, 6 July 1989.

[33] Kim Il Sung, *Works*, vol. 42, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 1997, p. 349.

[34] Lanfranco Norcini Pala, My Heart in Tiananmen, Sorrisi di Regime, June 2009.

[35] Danish Youth Council, *13th World Festival of Youth and Students July 1989 in Pyongyang*, HAEU, p. 6.

[36] *Echoes from Tiananmen*, no. 2, Hong Kong 1989, p. 58.

[37] Kim Il Sung's Message to PRC Leaders, Pyongyang Radio, 30 September 1989.

[38] Kim Il Sung, *Works*, vol. 43, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 1998, p. 143.

[39] Kim Il Sung, *Works*, vol. 43, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 1998, p. 203.

[40] Nicholas Eberstadt, *The North Korean Economy*, Transaction Publishers, New Brunswick 2011, p. 31.

[41] Kim Il Sung, *Works*, vol. 43, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 1998, pp. 308-309.

[42] Qian Qichen, *Ten Episodes in China's Diplomacy*, HarperCollins Publishers, New York 2005, pp. 123-124.

[43] Shunji Hiraiwa, *The Democratic People's Republic of Korea and the People's Republic of China*, Seori Shobo, Yokohama 2010, p. 199.

[44] Kim Il Sung, *Works*, vol. 43, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 1998, p. 373.

[45] Kim Il Sung, *Works*, vol. 47, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 2008, p. 269.

[46] Kim Il Sung, *Works*, vol. 44, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 1999, pp. 370-371.

[47] Kim Jong Il, *Selected Works*, vol. 13, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 2009, p. 296.

[48] Hwang Shin Yul, Immortal Achievement of Leading our Revolution to Victory with Firm Revolutionary Principles, *Journal of Kim Il Sung University*, vol. 68, no. 2, 2022, pp. 26-27.

[49] Han Ho Sok, *Analytical Understanding of the Hwag Jang Yop Case*, 4 March 1997.

[50] John H. Cha, *Exit Emperor Kim Jong Il*, Abbott Press, Bloomington 2012, p. 60.

[51] Kim Jong Il, *Let Us Defend and Accomplish the Juche-Oriented Socialist Cause*, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 2021, p. 3.

[52] Kim Jong Il, *Selected Works*, vol. 14, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 2010, p. 8.

[53] Kim Chang Guk, Letter to the President of the UN Security Council, 18 August 1999.

[54] Kim Jong Il, *Selected Works*, vol. 14, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 2010, p. 50.

[55] Jiang Zemin, *Selected Works*, vol. 1, Foreign Languages Press, Beijing 2010, p. 190.

[56] Ko Jong Ung & Ri Jun Ham, *Experiences of the Workers' Party of Korea in the Anti-Revisionist Struggle*, Social Science Publishing House, Pyongyang 1995, pp. 174-175. (em português)

[57] Han Ho Sok, *Understanding Korean Economy*, November 1995.

[58] Andrew S. Natsios, *The Great North Korean Famine*, United States Institute of Peace Press, Washington 2001, p. 139.

[59] DPRK Foreign Ministry spokesman interviewed, KCNA, 17 February 1997.

[60] Kim Jong Il, *On Adhering to Socialist Principles in All Fields of the Revolution and Construction*, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 2024, p. 10.

[61] Song Sang Won, *With Bayonets*, Literature and Arts Publishing House, Pyongyang 2005, p. 222.

[62] Kim Se Jeong, NKs Food Shortage Is Temporary Phenomenon, *The Korea Times*, 17 May 2009.

[63] Kang Min U, Interview with Power Industry Vice Minister, *The People's Korea*, 20 July 1997.

[64] Hwang Sin Ryul, Immortal Achievements that Glorified our Fatherland as an Invincible Socialist Power, *Journal of Kim Il Sung University*, vol. 64, no. 3, p. 27.

[65] Kim Jong U, DPRK's Policy on Development of Rajin-Sonbong Area, *The People's Korea*, 17 September 1997.

[66] Ri Gi Ban et al., *Juche Political Economy*, Kim Il Sung University Press, Pyongyang 1998, p. 291.

[67] Ryang Sun, Our Principles Cannot be Compromised Even a Little, *Rodong Sinmun*, 21 March 2017.

[68] *Let Us Adhere to the Line of Building an Independent National Economy*, KCNA, 17 September 1998.

[69] Nautilus Institute, *The DPRK Report*, no. 15, November-December 1998.

[70] *Let Us Reject Imperialist Ideological and Cultural Poisoning*, KCNA, 1 June 1999.

[71] Moon Myong Ja, Interview with General Secretary Kim Jong Il, *The People's Korea*, 25 July 2000.

[72] Kim Jong Il Pays Unofficial Visit to China, *The People's Korea*, 25 January 2001.

[73] DPRK Top Leader Visits China, Xinhua, 20 January 2001.

[74] Kim Ji Yong, General Secretary Kim Jong Il's 21st Century Strategy, *Choson Sinbo*, 9 February 2001.

[75] The Germ of the Theory of "Practical Socialism", *Choson Sinbo*, 22 November 2002.

[76] Kang I Ruk, The Top Priority is the Introduction of Advanced Technology, *Choson Sinbo*, 13 November 2002.

[77] Kim Ji Yong, Rise up With the Power of the Group, *Choson Sinbo*, 22 November 2002.

[78] Lei Hua, "The deep reasons explaining the establishment of North Korea's Sinuiju Special Administrative Zone", *Shehui Guancha*, no. 1, 2003, p. 23.

[79] Kim Ji Yong, Beyond the Differences between Socialism and Capitalism, *Choson Sinbo*, 22 February 2003.

[80] E/1990/6/Add.35, 15 May 2002, p. 13.

[81] Jiang Zemin, *Selected Works*, vol. 1, Foreign Languages Press, Beijing 2010, p. 192.

[82] "Fatherland's Market": Hearing from Chang Tu Kil, Vice Director of the Commercial Department in the Ministry of Commerce, *Choguk* (Tokyo), no. 11, 19 October 2004.

[83] "Strengthening of Unified Guidance, Increase in Powers Below", *Choson Sinbo*, 13 December 2004.

[84] Pak Jae Yung, "The Legitimacy of the Basic Direction of the Completion of the Improvement of the Socialist Economic Management Revealed by the Great Leader Comrade Kim Jong Il", *Kyongje Yongu*, no. 3, 2003, pp. 9-10.

[85] Kim Jong Il Pays Unofficial Visit to China, KCNA, 18 January 2006.

[86] Hu Jintao Holds a Welcome Banquet for Kim Jong Il's Unofficial Visit to China, Ministry of Foreign Affairs of the PRC, 18 January 2006.

[87] Han Ho Sok, *Changes in Sino-US Relations and the "China Threat Theory"*, 11 June 2006.

[88] Deng Xiaoping, *Selected Works*, vol. 3, Foreign Languages Press, Beijing 1994, p. 116.

[89] Ling Zhu, Military delegation ends trip to Guam, Xinhua, 21 June 2006.

[90] Stephan Haggard & Jaesung Ryu, Kim Jong Il on the Market, Peterson Institute for International Economics, 18 August 2011.

[91] Kim Jong Il, *The Democratic People's Republic of Korea Is a Juche-Oriented Socialist State with Invincible Might*, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 2008, pp. 16-17. (em português).

[92] Kang I Ruk, New Currency Issued in the DPRK, *Choson Sinbo*, 4 December 2009.

[93] Piergiorgio Pescali, *Interview to Kang Sok Ju*, August 2008.

[94] Drama "Sentry under a Neon Lamp" under Performance in Pyongyang, KCNA, 29 August 2009.

[95] Hu Jintao Holds Talks with Kim Jong Il in Changchun, Ministry of Foreign Affairs of the PRC, 30 August 2010.

[96] Kim Hyon Hwan, Did China Force Reform and Openness Policies on North Korea?, KANCC, 10 September 2010.

[97] Hu Jintao, Adhering to the Socialist Cultural Development Path with Chinese Characteristics and Striving to Build a Country with a Strong Socialist Culture, *Questions of Theory*, vol. 4, no. 1, January 2012.

[98] Jin Meihua, DPRK at economic crossroads, *China Daily*, 22 December 2010.

[99] Jean H. Lee, Top official dismisses concerns about Kim Jong Un, *The Associated Press*, 18 January 2012.

[100] Kim Jong Un, We Should Celebrate with Splendor July 27 Shining with Great Comrade Kim Il Sung's Exploits Performed in Winning Victory in the War as Holiday of Victors, Kim Il Sung Free University, July 2022.

[101] Kim Jong Un, *Towards Final Victory*, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 2013, p. 105.

[102] Media Should Maintain Impartiality in Report about DPRK, KCNA, 5 September 2012.

[103] Wen Jiabao Meets with DPRK Delegation of the Joint Steering Committee for Developing Two Economic Zones, Ministry of Foreign Affairs of the People's Republic of China, 17 August 2012.

[104] Ri Tae Ho, Rason Economic and Trade Zone Demands "Made in Rason", *Choson Sinbo*, 30 August 2012.

[105] Kim Ji Yong, A Favourable Environment for External Economic Development, *Choson Sinbo*, 17 October 2012.

[106] Kim Ji Yong, The Intention and Development Prospects of Creating Provincial Economic Development Zones, *Choson Sinbo*, 29 November 2013.

[107] Wang Wenwen, China living in denial of NK's status as an ally, *Global Times*, 24 February 2013.

[108] Ding Gang, More open North Korea an asset to China, *Global Times*, 5 January 2013.

[109] Deng Yuwen, China should abandon North Korea, *The Financial Times*, 27 February 2013.

[110] Traitor Jang Song Thaek Executed, KCNA, 13 December 2013.

[111] Kim Ji Yong, Policy Implementation Focusing on People's Livelihoods, *Choson Sinbo*, 27 December 2013.

[112] Kim Jong Il, *Selected Works*, vol. 14, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 2010, p. 9.

[113] Foreign Ministry Spokesperson Hong Lei's Regular Press Conference, 9 December 2013.

[114] Foreign Ministry Spokesperson Hong Lei's Regular Press Conference, 13 December 2013.

[115] Wang Wenwen, Jang's fall won't exert significant influence on East Asian dynamics, *Global Times*, 9 December 2013.

[116] Yang Jingjie, №2 North Korea official executed, *Global Times*, 14 December 2013.

[117] Political stability in N.Korea benefits all, *Global Times*, 14 December 2013.

[118] Chang Se Jeong & Ser Myo Ja, Jang plotted 1996 coup with Hwang Jang-yop, *Korea JoongAng Daily*, 15 December 2013.

[119] Zhang Liangui, The Situation in North Korea and North East Asia following the Jang Sung-taek Incident, *Consensus Online*, 22 January 2014.

[120] Han Un Jong, Changes and Recent Trends in International Investment, *Journal of Kim Il Sung University*, vol. 60, no. 4, 2014, p. 125.

[121] Yu Chol Nam, "General Principles of Financial Organization in Economic and Trade Zones", *Kyongje Yongu*, no. 4, 2014, p. 49.

[122] Ri Myong Suk, Important Principles to be Maintained in Organizing Joint Ventures and Cooperation at the Present Time, *Journal of Kim Il Sung University*, vol. 62, no. 4, 2016, p. 112.

[123] Jang Sun Nam, Expanding and Developing External Economic Relations is an Important Requirement for Building a Socialist Economic Power, *Journal of Kim Il Sung University*, vol. 62, no. 4, 2016, pp. 110-111.

[124] Kim Hyang, Issues Arising in Joint Venture and Cooperative Enterprises and Their Organizations, *Journal of Kim Il Sung University*, vol. 64, no. 4, 2018, pp. 203-204.

[125] Prof. Pak Chol Su, Correct Application of International Market Prices in Foreign Investment Enterprise Accounting, *Journal of Kim Il Sung University*, vol. 66, no. 1, 2020, p. 112.

[126] Kim Jong Un, *For Building a Thriving Nation*, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 2016, p. 142.

[127] Dr. Ruy Tae Yong, Unification of Our People in the Spirit of the 21st Century, *Minjok Tongshin*, 29 February 2015.

[128] Ri Chang Gi, Xi Jinping's Purge of the Corrupt Shanghai Faction and Anti-Imperialist Independence, *Jajusibo*, 30 August 2015.

[129] Drama "38th Parallel", *Choson Sinbo*, 4 July 2016.

[130] Kim Jong Un Visits Remodeled Phyongchon Revolutionary Site, KCNA, 10 December 2015.

[131] Jong Ki Ryol, One Interpretation of the Birth of the Korean Hydrogen Bomb Era (2), *Choson Sinbo*, 1 March 2016.

[132] Kim Jong Un, *Report to the Seventh Congress of the Workers' Party of Korea on the Work of the Central Committee*, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 2016, p. 8.

[133] Bai Yunyi, Changes may be coming to N. Korea, but it's still military first, *Global Times*, 16 May 2016.

[134] Roh Kil Nam, Short Stories about the 7th Party Congress (Part 2), *Minjok Tongshin*, 21 May 2016.

[135] Roh Kil Nam, The Current State of "21st Century Progressive Philosophy", *Minjok Tongshin*, 28 September 2016.

[136] Prof. Jong Ki Ryol, Presentation at the International Conference Commemorating the 60th Anniversary of Choson University, *Choson Sinbo*, 22 November 2016.

[137] Jong Phil, Neighboring Country's Mean Behavior, KCNA, 23 February 2017.

[138] Is China-North Korea friendship treaty outdated?, *Global Times*, 3 May 2017.

[139] Jong Phil, Are You Good at Dancing to Tune of Others, KCNA, 21 April 2017.

[140] Kim Chol, Commentary on DPRK-China Relations, KCNA, 3 May 2017.

[141] Kim Jong Un Guides Hwasong-12 Launching Drill Again, KCNA, 16 September 2017.

[142] Chinese Media's Shameless and Impudent Acts Blasted, KCNA, 22 September 2017.

[143] Jong Ki Ryol, 2017 Year-End Global Situation Surrounding UN Security Council Sanctions on North Korea and the US-North Korea Nuclear Showdown, *Choson Sinbo*, 29 December 2017.

[144] Statement of Spokesman for International Department of C.C., WPK, KCNA, 4 June 2020.

[145] Kim Jong Un's Speech at Banquet, KCNA, 28 March 2018.

[146] Kim Ung Chon, Modern Revisionist Theories That Distort the Essence of Socialist Ownership, *Kyongje Yongu*, no. 2, 2018, pp. 56-57.

[147] Kim Il Sung, *Works*, vol. 21, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 1985, p. 234.

[148] Jiang Zemin, *Selected Works*, vol. 2, Foreign Languages Press, Beijing 2012, p. 520.

[149] Kim Ung Chon, Modern Revisionist Theories That Distort the Essence of Socialist Ownership, *Kyongje Yongu*, no. 2, 2018, p. 58.

[150] Kim Il Sung, *Works*, vol. 21, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 1985, p. 236.

[151] Deng Xiaoping, *Selected Works*, vol. 3, Foreign Languages Press, Beijing 1994, p. 361.

[152] Kim Il Sung, *Works*. vol. 12, Foreign Languages Publishing House, Pyongyang 1983, p. 175.

[153] Cao Shigong, North Korean economic reforms tightly tied to domestic conditions, *Global Times*, 27 May 2015.

[154 Improving People's Lives in the Shortest Possible Time by Breaking Through Sanctions, *Choson Sinbo*, 8 January 2015.

[155] Deng Xiaoping, *Selected Works*, vol. 3, Foreign Languages Press, Beijing 1994, p. 192.

[156] Kim Yong Hung, Important Issues Arising in the Proper Implementation of the Socialist Enterprise Responsibility Management System, Kim Il Sung University (Department of Economics), 4 November 2016.

[157] Choe Kwang Chol, The Importance of Properly Realizing the State's Unified Guidance and Strategic Management of the Country's Entire Economy, *Kyongje Yongu*, no. 1, 2017, pp. 10-11.

[158] Kim Ung Chon, Modern Revisionist Theories That Distort the Essence of Socialist Ownership, *Kyongje Yongu*, no. 2, 2018, pp. 56-57.

[159] Report on 2nd Plenary Meeting of 8th Central Committee of WPK, KCNA, 12 February 2021.

[160] Kim Ji Yong, A World-Unique Self-Reliance Development Method, *Choson Sinbo*, 3 May 2021.

[161] Report on 9th Enlarged Plenum of 8th WPK Central Committee, KCNA, 31 December 2023.

[162] Kim Ji Yong, The Shortcut to Becoming a Socialist Power Lies in the "Great Three Revolutions at a Higher Level", *Choson Sinbo*, 26 November 2021.

[163] Great Programme for Struggle Leading Korean-style Socialist Construction to Fresh Victory, KCNA, 9 January 2021.

[164] Kim Ji Yong, Formation of a Joint Front for Anti-American and Anti-Imperialist Independence, *Choson Sinbo*, 15 May 2024.

[165] *Collections of Papers of International Seminar on the Juche Idea*, Korean Association of Social Scientists, Pyongyang 2016, p. 28.

[166] Kamakura Takao, How to Build Independent and Peaceful World, *Study of the Juche Idea*, no. 93, 2024, pp. 86-89.

[167] *Fundamentals of Kimilsungism-Kimjongilism*, Korean Association of Social Scientists, Pyongyang 2016, p. 97.

[168] Dr. Kim Hyon Hwan, *The Causes of North Korea's Market Economy Revitalization and the Essence of the North Korean Defector Problem*, Korean American National Coordinating Council, 29 May 2016.

[169] Phillip H. Park, *History of Economic Management in North Korea*, Routledge, New York 2025, p. 203.

[170] Han Su Yong, Upholding Banner of Independence, *Naenara*, 13 April 2025.